

NUNO
LOBO ANTUNES

EM
NOME
DO PAI

Que Deus é este que toma a mulher de um homem honrado
e nela deposita a sua semente?

— o romance de estreia do autor de *Sinto Muito* —



Ficha Técnica

Título original: Em Nome do Pai

Autor: Nuno Lobo Antunes

Revisão: Lua de Papel

Design: subbus:dESIGNERS

Capa: Rui Garrido

ISBN: 9789892321899

LUA DE PAPEL

[Uma chancela do grupo Leya]

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2012, Nuno Lobo Antunes

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

luadepapel@leya.pt

<http://editoraluardepapel.blogs.sapo.pt>

www.leya.pt

Aos meus filhos, e à Felipa.
*Tanta coisa por dizer,
que no olhar descansará, como escritura sobre pedra.*

Advertência

Este não é um Livro sobre Deus, mas sobre o Homem.

ABERTURA



Escutei a voz dos santos e dos loucos, pois revelam segredos de que os homens sensatos não ousam falar.

Debaixo desta figueira, a cuja sombra me abrigo, um homem renunciou à vida por ter albergado a dúvida. Conheci esse homem, Judas Iscariote, e com ele partilhei a suspeita de sermos, na mão de Deus, como as bonecas a que as crianças dão voz.

À distância segui os seus passos, escutei as suas palavras, compreendi as suas razões e, se pudesse, choraria com ele as lágrimas dos homens perdidos por se acharem órfãos.

Conheço bem este pedaço de terra onde me encontro. De costas viradas para Jerusalém, persistem no declive do outeiro algumas árvores que protegem as ervas que resistem. De raízes mergulhadas em solo árido, oliveiras solitárias parecem velhas enrugadas. Por aqui passam rebanhos que não se detêm enquanto mordiscam, mais por hábito do que por convicção, a urze que bordeja a rocha. Viajantes atravessam-no sem cuidarem a quem pertence o chão sem préstimo.

Por trinta peças de prata entreguei este pedaço de mundo aos sacerdotes do templo que, segundo me dizem, farão dele cemitério de estrangeiros. Condenado à solidão por ter ousado questionar, neste lugar me enterrarão também. Aqui pertenço, não por ter nascido fora desta nação, mas porque o que digo não é ouvido, e o que penso não é entendido.

A vida cresce na terra e dela se alimenta, e nenhum pedaço é menos merecedor do que outro, por isso não me ofende onde descansa o meu corpo. Agrada-me este cabeço virado para o deserto, de onde se vê o sol nascer. Em certos momentos a luz brilha na areia e cria a ilusão de ser de ouro o meu país; mas é deserto o chão que piso, e caminho em direcção a nada porque o meu destino é voltar ao local de onde parti. Que me enterrem perto de quem não conheço, estranho entre estranhos, ao lado de Judas, com quem partilho a dúvida e o túmulo.

O meu nome é José, e sou artesão. Do que a terra me dá, em pedra ou madeira, eu moldo e transformo como a arte me dita. Não sou dono de nada, e nada possuo. Tal como as obras que as minhas mãos recriam, vindas do mesmo pó que me mantém de pé, não sendo o autor daquilo que sou de nada me orgulho, de pouco me acuso.

Tudo o que valho está inscrito em mim, ditado por quem fez obra imperfeita e com isso deixou que o erro falasse. Escravo a quem o Senhor deu voz, sou prisioneiro que se move nos limites da inteligência e do saber. Preso às fronteiras do meu mundo, mas livre de nele viver e pensar, sou a gesta do Homem que Deus fez à sua semelhança, escravo também Ele da sua natureza, porque nada ou ninguém escapa ao que é, ou à sua condição.

A minha arte aproxima-me de Deus meu Senhor, artífice de tudo o que existe. Diz a minha família que sou descendente do rei David, e disso muito se orgulha, mas não eu, porque sei que na minha ascendência houve mulheres adúlteras e homens que se casaram com estrangeiras e desobedeceram à Lei.

Se não me podem culpar dos erros de outrem, como poderei colher os louros da grandeza que não é minha? Pouco me interessa se descendi de reis, porque nada me distingue do homem comum a não ser a interrogação constante: Porque me fez Deus assim, e esta vida me ditou?

Dou-vos notícia da minha existência, relato do longo queixume que prolonga o momento em que, atirados ao mundo, sorvemos o ar para logo o expulsarmos em soluços contínuos que, ao cessarem, anunciam a morte.

E, no entanto, no caminho percorrido entre nascer e morrer, o coração abriga belezas que os olhos revelam, a pele recebe a finura da seda, aspiramos o cheiro da terra depois de chover. À nossa volta o vento transporta melodias diversas, oferendas harmónicas que nos trazem a paz. Assim é a vida e quem a gerou, porque dentro de si acolhe o sim e o não, como a água quieta devolve a imagem inversa aos olhos que a espreitam.

O Senhor moldou o homem e deixou-o inacabado. Permitiu que no seu peito habitassem forças opostas que se guerreiam. Mas o que separa o Criador da sua obra?

A existência de algo implica um limite. A pele é a fronteira do nosso corpo; se assim não fosse, ao tocarmo-nos seríamos um só e não dois. Não podemos acreditar que Ele seja simultaneamente o Criador e a obra, o Senhor que ordena e o servo que obedece. Se Deus e o homem não são um só, existe algo que os separa; logo, Deus tem as suas fronteiras, o que significa que alguma coisa existe para lá Dele.

O homem é pó a quem o Criador ao soprar concedeu movimento. Se é

certo que o artista se revela na obra criada e a pequena semente condensa a árvore frondosa, como podemos esperar que o filho do Senhor seja bastardo? Porque se não o é, em si mesmo transporta os sinais do pai que o gerou, e não se acredita que na sua obra maior Deus tenha buscado outro que não o próprio para lhe servir de molde.

Sou carpinteiro, e das minhas mãos nasce a canga que subjuga os animais e o arado que revolve a terra. Mas, se de pronto se quebram perante a força animal ou a pedra que encontram, a quem lamentar senão a mim próprio, que escolhi a madeira e a moldei a meu jeito? Como pode Deus culpar os homens das suas falhas quando somos a obra que as suas mãos criaram? Além disso, o destino do homem há muito está escrito por quem o antecedeu e, no movimento das mãos ou no desenho da boca, acontece ao neto revelar o avô.

Se é assim para o que é fácil de ver, não se pode negá-lo ao que é subtil, como certos talentos, a vivacidade de espírito ou até a bondade. A verdade é que os dons que à generosidade de Deus atribuímos não nos foram destinados, mas a uma linhagem que com outras se cruza na grande variedade das gentes que somos.

Devemos ao Criador todas as coisas belas e boas que a vida nos serve. Se nos censura por sermos ingratos, como pai benevolente não deveria ditar pena severa, porque sem as nossas faltas as virtudes não seriam notadas, da mesma forma que a montanha se avista melhor quando da planície se ergue.

Não podemos emprestar ao Senhor apenas uma parcela do que fazemos, mas antes o todo, como a inclinação para o bem e o mal. Sendo filhos de quem somos, e se é certo que o fruto não cai longe da árvore, enganam-se os que julgam que do Criador vem apenas o bem, pois tal é contrário à experiência de todos, e à minha em particular, e disso podereis ser juízes.

Decidireis se fui vítima ou carrasco, porque eu próprio não sei, já que encontro razões de um lado e do outro, como quase sempre acontece.

Se censuro o Criador, também é certo que canto louvores pela graça de existir: celebro o azul do céu e do mar, a pureza de certas manhãs, o sorriso de um filho, um sono tranquilo e a possibilidade de amar.

Ao contrário do que diz o sábio Salomão, quem ama não corre atrás do vento. Nem tudo é ilusão, apenas o que o homem pode acumular, porque se na vida não amou, bem pode afirmar que nada teve.

Muito me espanta que tal rei não tenha compreendido a lição que a vida encerra.

Também vos digo que é insensato o que se julga sábio, quando a terra não

se esgota no horizonte e mesmo a águia nada assinala para além do que a vista alcança. Tal como a seta desferida pelo melhor arco pode cair sem atingir o alvo, também o pensamento pode ficar aquém da verdade. Se é assim para os que muito meditam, imprudente será confiar no juízo ou louvor de outros que lhe são menores, pelo que em boa verdade nenhum homem se poderá achar seguro de si.

A noite terminou. Sentado no alto deste monte vejo no horizonte surgir o sol que, empurrado por mão misteriosa, a custo se ergue como a pedra de Sisifo. A minha narrativa nasceu com a manhã. Quando o dia chegar ao fim, ela fechará a porta, porque há uma harmonia ditada por quem tudo regula, e a que também a mim cabe obedecer. Um dia irá conter a vida de um homem.

Deus Todo-Poderoso criou o tempo para que houvesse uma história. Toda a vida tem um princípio e um fim, porque quando se nasce o Senhor vira a amпуlhetta, maior ou menor de acordo com o seu desejo, e nada mais somos do que areia que escorre.

Com o avançar da idade os músculos definham, a mente enfraquece e, no meu caso, mais cresce o coração, como se o rolar dos anos consumisse a carne e revelasse o espírito.

Deixei de saber, passei a sentir, por vezes interrogo-me se não perdi o rumo. Ouço dentro de mim vozes que se combatem e me rasgam por dentro, porque são opostos os seus argumentos, contraditórias as suas ordens. Assaltaram a minha razão e mandam umas que não pense, outras que não acredite e, embora grite para que me deixem, da minha mente se vão apossando, até não saber quem comanda os meus passos.

O relato que faço é o de um homem como vós. Ao ouvi-lo, sintam o sabor do pão, quando de pão falo; que cheire a rosas, a flor de que me lembro e, quando de mágoa me dobrar, fechem os olhos, imaginem que me abraçam, e sintam a dor do meu lamento.

Terminará aqui a minha vida. O Homem ao encarar o tempo que se acaba confronta o seu destino: o nunca da matéria que apodrece, ou o sempre da alma libertada.

As palavras invadem-me, tomam conta, e fazem de mim tribuno e ouvinte. Quem escuta o verbo do eremita no deserto?

Deixo a pergunta como testamento, a angústia como despedida. Ao estar só numa luta desigual, réu perante o juiz a quem acuso, peço ao vento que aos homens seja entregue o testemunho de um louco que falece.

CAPÍTULO I



Gênesis

A terra era informe e vazia

[Livro do Gênesis]

Aquele que não alcança princípio ou fim criou o tempo para que houvesse ordem e nele coubesse o nascimento e a morte, e que entre ambos pudéssemos escolher entre o vento e o amor, e nos dêssemos a conhecer.

Tenho de recuar nos dias para encontrar a razão do que hoje faço. Lembrar-me de onde vim, e quem encontrei nos anos em que havia espaço na memória e estava longe o desencanto.

Nasci na Cidade do Pão. Assim a chamavam, porque quem entrava em Belém numa noite de inverno, logo sentia o calor da lenha, o ondular da seara, a brancura da farinha que o trigo contém. Chegada a noite, adormecia em paz no aconchego da manta feita macia pela água e leve pelo fogo. Cidade do Pão, porque a mesa estava sempre posta para o viajante, pobre ou estrangeiro, e nunca se recolhia a toalha das boas vindas.

A mãe de David, rei de Israel, aí deu à luz, e disso muitos se orgulham, embora por insensatez, porque servos ali foram nascidos, e o trigo cuida de todos por igual. Falta peso à balança que celebra alguns, mas esquece os que não são úteis à vaidade. Para as crianças os pais têm majestade que chegue, ainda que sejam escravos, e na memória da meninice são mais vezes importantes os servos do que os senhores.

Não conheci os meus avós, e o meu pai não falava da infância, mas sei que casou jovem. Esperava seguir a palavra do Senhor e multiplicar os seus fiéis, já que o Criador colocou vida sobre a terra para que mais vida houvesse.

Porém, a mulher que escolheu não foi abençoada, e não deu flor ou fruto. De nada valeram os sacrifícios, mãos e altares tingidos de sangue, rebanhos dizimados em oferendas. Dez anos passaram sem que concebesse um filho, pois o seu útero manteve-se vazio, como se à rocha fosse lançada a semente.

Rogou que velhas lhe segredassem remédios infalíveis, poções e ervas, sigilos de mulher. Procurou rabis e médicos, jejuou e, no templo, entregou tudo o que possuía.

Cumpria os mandamentos e todos os preceitos. No entanto, o Senhor não ouvia os seus queixumes e não olhava por ela. Por isso, em cada mês que passava envelhecia muitos anos, numa melancolia que lhe consumia a vontade. Nos momentos de nudez não sentia um berço, mas um túmulo.

Porque não tinha préstimo, e o que dela se poderia obter todas as mulheres podem dar, foi enviada de volta para a casa de onde saíra, com carta de divórcio e restituição de dote. Nunca a conheci, mas creio que se consumiu e, como coisa sem préstimo, no chão ficou esquecida.

Passaram alguns anos até o meu pai ser surpreendido pelo perfume de uma serva. Ele notara a força dos seus braços quando rodava a mó de pedra, a alegria com que jogava o trigo ao vento, a segurança dos seus ombros quando carregava a lenha. Ao voltar do poço coroava a cabeça com o vaso de água e, muito direita, não era escrava mas rainha.

Adivinhou-a viçosa por debaixo das vestes, e sorriu ao pensar que lhe lembrava a maçã que tentara Adão. Pela visão e pelo cheiro reconheceu nela a nascente da vida, cobriu-a com a ponta do manto, tocou a sua pele e tomou-a como mulher.

A minha mãe era apaixonada pela cor, o meu pai era escravo do olfacto. Pelas paredes da casa acomodavam-se os dois sentidos, quando as roseiras enlaçavam as pedras e o barro, no enleio de quem ama. Foi assim que vislumbrei os meus pais quando, em certa noite, fui atraído por um choro sumido, lamento abafado que, no silêncio da noite, me fez espreitar o seu quarto.

Por vezes, deitado no chão, coberto pela manta que a minha mãe tecera, fingia dormir, e de soslaio olhava o meu pai que descansava a palma da mão sobre o ombro da sua mulher. A ponta dos dedos procurava no decote a pele que o reclamava. Ela sorria, e achava engraçadas as coisas atrevidas que os dedos diziam.

Eu suspeitava que se teria enganado aquele que tudo sabe. Ele disse a Eva: “Procurarás com paixão a quem serás sujeita: o teu marido.” Porém, é servo aquele que ama, seja mulher ou homem, e o meu pai era prisioneiro e não senhor. Percebi que nunca se tinha apaixonado o que clamava: “Eu sou Aquele que Sou”, e interrogava-me sobre o que aconteceria se tal sucedesse.

Quando eu era criança pensava coisas engraçadas sobre o Todo-

Poderoso, porque o imaginava como o meu pai, só que mais alto e mais gordo. Com a candura própria da infância apiedava-me Dele, porque tinha criado as estrelas para que me iluminassem, mas vivia envolto em trevas para além dos astros.

Oferecera ao Seu filho uma companheira, mas vivia sozinho num tédio infinito. Para o quebrar, de vez em quando visitava o homem como um guarda cumprindo a ronda, sem revelar o verdadeiro motivo da aparição. Por vezes eu acenava no vazio, na esperança de que reparasse em mim. Se o visse, convidá-lo-ia a brincar junto das minhas irmãs, para que, ao olhá-las, sonhasse com o provir.

Era um Deus grandioso, que tudo sabia e tudo via. No entanto, parecia imiscuir-se na vida dos homens com a frequência de um ocioso, como aquele que, nada mais tendo que fazer, se entretém, como uma criança, a criar enredos entre os seus brinquedos.

Por vezes pensava em que se ocuparia Deus antes de ter criado o mundo. Imaginava-o num além sem luz, porque ainda não tinham nascido as estrelas. Sabia-o só, sem pai ou mãe a quem amar, sem memória de um passado que nunca teve, impedido de sonhar com um futuro que nunca aconteceria. Prisioneiro de si mesmo, porque habitava para lá do tempo.

Para mim, Ele estava cansado da monotonia da sua existência, e por isso decidira criar o mundo e as coisas que aí moram, e achou bom o que fizera. Soprou o barro e moldou o homem, e do homem compôs a mulher, porque conhecia a solidão e quanto ela pesa.

Quando descansou, alegrou-se da sua obra, ainda que tivesse dado à luz o tempo com tudo o que ele traz: nascer e morrer, semear e colher. Achou-se generoso ao dar forma ao que não havia. Por isso lhe devíamos estar gratos, porque antes de criar a terra e o que nela habita só Ele estava e, se nada mais havia senão o próprio, teve de arrancar de si o que veio a existir.

Eu sorria ao pensar que Ele reinava parado, prisioneiro do infinito, porque não se pode mover o que não sabe o que é o tempo.

O Deus que eu podia ver e sentir, abraçar e beijar, era o meu pai, mestre em bálsamos e perfumes, que tinha de tal forma aperfeiçoado a sua arte, que o procurava gente vinda de muito longe. Da Pérsia, Palestina, Índia e África, em caravanas que atravessavam desertos, homens cegos pela areia transportavam consigo pós de aloé, açafão, gálbano e mirra, resinas de plantas exóticas e extractos de conchas adormecidas no fundo do mar.

Falavam línguas estranhas que repetiam sussurros de folhas, o rastejar de serpentes e as ondas que cansadas da jornada repousam na praia. Dos alforjes surgiam potes de alabastro que deixavam aos pés do meu pai essências brilhantes que suavizam o ar.

De países distantes, homens negros vestidos de azul, filhos das dunas de

onde emergiam, armavam tendas à porta da cidade. Na primavera, vindos do oriente, jovens delicados, cobertos por mantos de seda e ouro, baixavam os olhos e, ao abrir as mãos, como se libertassem uma ave prisioneira, revelavam os aromas da terra.

O meu pai recolhia os bálsamos, as pétalas de flores e as fragrâncias feitas de cinzas. Do fruto da oliveira recolhia os óleos que tornam a pele sedosa e guardam a alma das plantas, pelo que, fosse tempo de semear ou de colher, dos vasos da minha casa subia o cheiro a floresta húmida, frutos silvestres, rosas e jasmim.

À noite, quando se fechavam as portas do mundo e as do quarto se abriam, sentia chegar até si o cheiro a couro e a bicho que o deserto transporta. Ao saciá-lo, o abraço da serva que o tornara escravo mais voraz o deixava.

Mesmo que fosse cego, nada ou ninguém passaria despercebido ao meu pai, porque era como as feras que à distância farejam a presa. Esse dom que lhe dera fama era também uma maldição, porque não lhe conseguia escapar.

Acontecia demorar-se no quarto dias a fio, torturado por dores que lhe fendiam o crânio, porque para ele o ar era inundado de rastos que de nós se desprendem, num confuso turbilhão de cheiros que nem sempre conseguia suportar.

Eram como vozes que lhe invadiam o cérebro com discursos incoerentes, gargalhadas e ordens. Assustado, eu não conseguia compreender aqueles períodos de reclusão em que ele permanecia deitado, de olhos fechados. Balbuciava coisas sem tino, enquanto a minha mãe lhe molhava a testa e tapava as narinas, porque era por aí que a loucura entrava. Hoje digo: Quem me dera a mim que me tapassem os ouvidos, me secassem a fonte das palavras, impusessem silêncio ao pensamento, porque o meu cérebro encontra em si mesmo o veneno que o perturba.

De minha mãe recebi o nome, já que a ela competia nomear o que do seu ventre brotara. Durante três anos alimentei-me do seu peito e, enquanto assim foi, não nasceram irmãos.

Não me recordo do sabor do que engolia, nem da textura do que a minha boca aconchegava, mas lembro-me dos olhos negros e da pele morena vestida de cor. Suponho que me amava, mas nunca o disse, e talvez por isso não seja viva a memória que dela guardo.

Era já homem quando ela morreu. Primeiro tossiu, depois definiu. Tingia o branco do linho com o vermelho do sangue que lhe inundava os pulmões. Ao vê-la do ar sequiosa, como náufrago em terra, o meu pai percebeu que também tinha chegado ao fim a sua história.

Não mais cuidou das roseiras, e ervas daninhas invadiram os pátios. Cessaram os odores exóticos, e as gentes que os traziam de terras distantes. As vozes que o visitavam não mais o deixaram. Acabaram as danças, pandeiretas e flautas e, tal como o dia que, quando termina, primeiro se faz penumbra, também ele se curvou.

Tornaram-se mais fundas as rugas, o cabelo soltou-se em madeixas que cobriam o chão e, quando nada mais restava nele que fizesse lembrar dias felizes ou o calor do Sol, juntou-se à serva que no Céu se impacientava e clamava a sua presença.

Antes de partir, ensinou-me a amar as coisas belas, ou as que no seu entendimento assim o eram, porque a beleza sussurra para cada um em línguas diferentes. Foi essa a sua herança, o que não é coisa pouca, porque à medida que os dias passam e o corpo enfraquece, os desejos se apaziguam e os olhos deixam de ver mais apreciamos as memórias afáveis e os instrumentos do espírito.

Fui filho na sua velhice e, como tal, amado.

Era terno comigo. Olhava-me com olhos de encanto e fingia perder nos jogos de força. Os seus amigos respondiam ao relato que fazia das minhas proezas, com o sorriso benevolente de quem aparenta estar interessado.

Foi com ele que conheci Caim e Abel, o lavrador e o pastor, porque juntos corriamos os campos. Aprendi a semear e a colher, a conduzir o rebanho para os pastos mais férteis, a cuidar das ovelhas, a ordenhar as cabras, e a distinguir ao longe a silhueta do lobo.

Um dia, no alto da montanha, ao notar o brilho dos meus olhos quando mirava a paz que nos rodeava, o meu pai sorriu enternecido. Puxou-me para si, e percebi que me comparava à paisagem de que os nossos olhos se serviam. “É assim que te vejo, fruto do meu chão, ovelha do meu rebanho.”

Se assim não disse, por lá andou perto. Senti-me seguro do seu amor, e por isso perdura a sua imagem.

Com ele cresci feliz, na celebração dos sentidos, tudo coisas subtis e etéreas, como a bruma diáfana que, no côncavo do vale, de manhã repousa.

O que se não consegue trazer na mão chegava até mim com a espessura e o peso do que tem vida: Vento que trazia consigo palavras esquecidas, o cheiro da terra depois de chover, a areia do deserto que escorria entre os dedos com a sensualidade lenta de quem afaga um corpo.

Na manhã da minha vida a alma sorria para o espectáculo do mundo, porque era lisa a minha pele, os olhos tudo viam, e não conhecia o medo.

Foi ele quem primeiro me falou do Livro que encerra todos os mistérios.

Cumpria o preceito de que cabe ao pai educar o seu filho, e fazia-o de acordo com a tradição. Seguiu não só o que a escrita ordena, mas também o que os homens nela foram lendo ao longo dos tempos.

Aproveitava sobretudo os momentos em que no campo nos encontrávamos sós.

Era nessas horas de intimidade e paz que me instruía na história do nosso povo e nos preceitos que o Senhor ordena. “Lembra-te” – dizia, no mesmo tom com que me prevenia dos perigos do fogo. – “Tu foste o escolhido, e por isso com maior fúria cairá sobre ti a ira do Senhor, se não cumprires a Sua lei”.

Era a voz do meu pai, mas não era ele que falava, porque não estava na sua natureza ensinar a temer quem se ama, ou a insinuar que é legítimo a mão que dá retirar o que ofertou.

Ainda assim, o meu coração de criança adormecia no receio do juiz rigoroso, pouco inclinado a perdoar aos filhos as faltas inerentes à matéria de que são feitos. Ouvia o seu clamor de onde surgiam relâmpagos e trovões com a força daquele que tudo pode e, em querendo, transforma a água em sangue ou faz nascer de uma vara arremessada ao chão a cobra que outras cobras devora.

Porém, quando despertava, esquecia o medo na admiração das suas obras: O dia e a noite, a terra e o mar, os animais domésticos e os selvagens e, mais tarde, a mulher.

Diria que tive uma infância feliz, porto que a memória e a saudade conservam e onde encontro consolo para as mágoas que a vida traz. Quando estou triste o meu espírito regressa à casa onde cresci e lá encontra os que já não são porque enquanto deles nos lembrarmos estão presentes os dias passados.

O tio Benjamim era carpinteiro e, ao contrário de seu irmão e meu pai, mantinha a alegria despreocupada das crianças e dos loucos. Quando eu parava à porta da sua oficina, obstruindo a luz do dia, ao sentir a penumbra criada por um corpo de criança, com um aceno de mão convidava-me a entrar. Corria então para a sua beira pisando as aparas de madeira que cobriam o chão, enquanto olhava extasiado para as obras do seu engenho.

Da matéria inerte extraía vida, e construía os brinquedos com que eu sonhava. Sorria para mim com ternura quando lhe puxava a túnica e rogava que me emprestasse os instrumentos a que a madeira obedecia. Generoso, revelou-me a sua arte, como guia que conduz pelo deserto o homem perdido.

O rapazinho cresceu, e as suas mãos de início toscas tornaram-se capazes de servir a ideia.

Na sua oficina nasciam janelas e portas, bancos e mesas, utensílios domésticos, mas também instrumentos que revolviam o chão e dele ajudavam a tirar o alimento de todos os dias, com menos suor do que o Senhor prometera a Adão.

Também trabalhava a pedra, parecendo cera a rocha bruta com que lidava e que se deixava afeiçãoar como o ouro, a mais dócil das matérias.

Enquanto eu crescia e subia a escada da vida, Benjamim, sem quase dar por isso, devagar se despedia. Quando as minhas mãos se revelaram firmes e seguras, as suas tremiam, tacteando em hesitações de quem já se esqueceu. Contudo, mantinha o sorriso da criança que saboreia a vida, e o brilho do olhar de quem não está saciado.

Como para o artista a velhice não existe, porque ao contrário da obra de Deus a sua nunca está terminada, partilhava comigo a sabedoria que os dias lhe trouxeram, com o entusiasmo de quem anseia os que estão para vir.

Eu ouvia-o como um grego o seu oráculo, já que tudo o que aprendi, no que à profissão diz respeito, a ele o devo, e posso afirmar que nada mais sou do que as mãos do mestre. “A árvore” – disse-me um dia – “é um corpo de mulher de onde nascem muitos braços, que com o vento nos acenam para a irmos enlaçar”. Nesse dia as minhas mãos ganharam outra leveza, e afinou-se a minha arte.

Passaram os anos e, pouco a pouco, Benjamim parecia transformar-se em estátua, na rigidez das articulações imóveis.

Um dia aguardei que ao meu braço se agarrasse uma mão que tacteava. Foi espera vã, e durou muitos anos a saudade da sua companhia.

José o carpinteiro, assim me chamaram quando me fiz artesão. O meu ofício tornou-se parte de mim, anunciava-me, agarrou-se ao meu corpo como se dele fizesse parte, tal qual o nome de família, que dá a conhecer de onde se vem.

Em carpinteiro me tornei pela sensualidade que os meus dedos revelavam, e porque um homem que me queria bem me legou o testemunho da sua arte.

Com o aroma a rosas ou a sândalo embriagava-se o meu pai, a minha mãe extasiava-se com a púrpura nascida do fundo do mar. Eu vivo do sentido do tacto, de acariciar a madeira, que depois de afagada tem a lisura da pele de mulher.

A experiência mostrou-me que assim como Deus criou a ordem por onde se regulam os astros sobre os homens lançou a lei do acaso, porque de quem nascemos ou com quem nos cruzamos não vem da nossa vontade, nem vejo que nisso possamos ter qualquer palavra.

Um dia, o meu pai saiu para o campo em busca de certa planta que, no dizer de um pastor, libertava um aroma tão leve e precioso que adormecia os homens e os fazia sonhar com anjos.

De regresso a casa, avistou à porta da cidade a figura de um estrangeiro. Era um homem marcado pelo tempo, de túnica curta cor de anil, incrustada

de grãos de areia, e sandálias tão gastas que mais parecia ter os pés nus. Virava as costas à penumbra das ruas, indiferente ao rebuliço. De olhos cerrados, inclinava a cabeça para trás, para melhor receber o sol. Com o cajado esquecido aos seus pés, ignorava os homens e servia-se do céu. Perante a visão deste homem singular, o meu pai temeu, porque não sabia se estava a sonhar ou acordado, e os anjos podem apresentar-se de muitas formas, seja em sonhos ou não.

Uma caravana tinha chegado e era grande o alvoroço. Homens negociavam mel, azeite, frutas e couro, potes e mantas. Pregões em hebraico, latim, grego e aramaico, cruzavam-se numa Babel rasteira e festiva. As cores garridas das vestes e tendas enfeitavam o bazar onde se amontoavam gentes diversas, cobertas de calor e pó.

Alheio ao tumulto que agitava a praça, o meu pai contemplou de novo a figura daquele homem que lhe provocava a sensação estranha de esperar por si.

Perguntou aos mercadores que aí faziam os seus negócios se sabiam quem era. Ao reconhecerem o mestre de perfumes, quem pesava o sal suspendia a balança, os que contavam moedas fechavam a mão, e quem regateava ficava silencioso, mas com o movimento de cabeça que confessa a ignorância de pronto retomavam a sua tarefa, indiferentes à curiosidade do meu pai.

Decerto viera de longe e devia ter andado no mar, porque quem por ele passava sentia um cheiro a maresia, o ranger de cascos e remos, e o movimento das marés.

O meu pai sabia que, sob disfarce, o Senhor por vezes envia anjos à Terra para garantir que os homens cumprem o seu dever e, não estando certo se era aparição criada pelo perfume da planta que colhera ou um mensageiro do céu, convidou-o para sua casa, como o Criador ordenara que se agisse, sempre que um homem encontre alguém necessitado de abrigo.

“Vem comigo, porque o Senhor te pôs no meu caminho.” Tal como fazem os nómadas do deserto quando recebem um hóspede, mandou que as mulheres lhe lavassem os pés, fosse satisfeita a sua fome e saciada a sua sede. Indicou-lhe onde dormir, e ordenou que ficasse em paz quem o nosso tecto acolhia.

Aquele que podia ter sido enviado do céu era afinal filho da terra. Um homem apenas, peregrino do mundo que, tendo vivido muito, aprendera a amar as coisas simples.

Os nossos olhos guardam marcas do que viram e a nossa pele a memória do que nos tocou. Por isso os seus olhos azuis tinham o reflexo da água dos mares, e a pele a rudeza das montanhas. Quando conversava com o meu pai era sereno de gestos e discorria no tom tranquilo e pausado de quem não

quer agarrar o vento, mas, tendo perdido a ilusão, guarda no fundo da voz um resto de dor.

Chamava-se Galeno, era médico e filósofo como o outro do mesmo nome, e contava histórias. Confessou que crescera curioso pelo corpo e o que o faz mover. Procurou as forças misteriosas que fazem correr o sangue sem nascente ou foz. Filho de mãe judia, nasceu na Grécia onde foi educado. Daí fugiu ao ser acusado de esgravatar cadáveres, na esperança vã de encontrar o mecanismo que faz andar a vida em quem mais vida não tem.

Alguém o viu desenhar na areia da praia o coração cindido em dois, pedaços de músculos e tendões, partes do homem, e mandaram-no prender. Foi avisado e partiu. Conheceu Roma e atravessou o mar. Visitou a Pérsia e foi mais além. Nas suas viagens aprendeu a ouvir e acumulou na mente uma biblioteca de muitos volumes. O vento do deserto soprou na sua face como nas rochas, e desenhou sulcos onde em tempos tinham corrido os rios que nascem dos olhos dos homens.

Ao saber da chegada de um estrangeiro, de imediato corri para ver quem era. Sorriu quando me viu surgir afogueado, porque eu trazia no cabelo aparas de madeira. “Quem és?”, perguntei, ao ver o sorriso que consentia intimidade.

Disse-me o seu nome e onde tinha nascido, falou do pai e da mãe, dos seus bichos favoritos, e confessou em segredo que, tal como eu, não gostava de lentilhas. Ao revelar tudo o que importa, com gentileza retirou cada um dos pedaços de madeira que eu trazia como coroa destronada. Ao terminar acariciou os meus cabelos, e vi nos seus olhos a melancolia de quem não pôde ter crianças, como se estivesse incompleta a sua vida. Sem lhe dizer nada, abracei-o pela cintura como fazia ao meu pai.

Galeno, o viajante, tal como o Senhor ao sétimo dia da criação, estava cansado. Há homens que exigem de si voar sempre mais alto, e nisso se consomem. Um dia o ar rareia, às asas falta a força, e conhecem o seu limite. Por não terem atingido o céu, julgam nunca ter deixado a terra.

Desterrado por tentar decifrar a vida, o seu destino era Jerusalém, onde esperava encontrar, perdidos nas vielas ou descendo as colinas que rodeiam a cidade, uns olhos negros, o desenho de uma boca, a expressão de um sorriso, algo que o levasse de novo para perto de sua mãe que aí tinha nascido.

À medida que envelhecia abandonava as perguntas que a mente impõe, e encontrava no coração as respostas às questões que tinha enunciado. Foi fácil prender-se aos perfumes e cores que habitavam a nossa casa, e ao peito de certa serviçal onde encontrava descanso e esquecimento.

Nas horas de conforto largou a melancolia, esqueceu o que buscava e

adiou a jornada, até que a minha mãe morreu e as sombras caíram sobre nós. Nessa altura de novo me abraçou como a um filho, e nas rugas fundas que cruzavam a sua face correram os rios que pareciam ter secado.

A existência é um emaranhado de vidas que se cruzam e se tocam e, ao fazê-lo, deixam um pouco de alguém em cada um de nós. Ao pertencer à minha infância, Galeno, o grego errante, para sempre acompanhou a minha vida.

Em criança encantava-me a sua presença e o mistério do seu passado. Ao final da tarde, quando o sol prestes a adormecer se encontrava benevolente, aguardava ansioso a hora em que no terraço de minha casa ouvia extasiado as histórias extraordinárias das intrigas do Olimpo.

Da rua vinha o ruído das mulheres que voltavam do poço. Traziam consigo o tagarelar impaciente que atropela palavras e risos. No entanto, eu nada ouvia, preso à palavra do homem que me transportava para outros tempos e lugares. Sentado à minha frente, abria muito os olhos, exagerava os gestos, acrescentava à voz sonoridades de gruta, e assim me levava para perto dos deuses que habitam o céu do seu país.

O meu coração acompanhava aquela pantomima ao ritmo do tambor das emoções. Era evidente o prazer que ele sentia ao ver-me impressionado e, com o andar da história, acrescentava-lhe detalhes, acentuava a cor e exaltava os sentimentos, para que não houvesse dúvida de que era verídica a fantasia.

Eu assustava-me com a ira de Zeus, e de soslaio olhava para o céu temendo que, num acesso de fúria, sobre nós arremessasse um feixe de relâmpagos.

Galeno não me ocultava a gula do pai dos deuses, nem as suas imposturas. “Os deuses imitam os homens”, dizia, invertendo a ordem com que habitualmente estas coisas são proclamadas. Nada omitia, detalhes de cor ou textura, vestes ou corpos, pelo que na minha imaginação guardei para sempre, junto com a culpa que faz companhia ao prazer, ninfas desnudas de seios firmes, banhando-se em riachos mansos, que deslizavam sobre pedras tão suaves quanto elas.

Ria-me dos ciúmes de Hera, eternamente vítima das infidelidades do marido, deus libidinoso que por detrás das nuvens espreitava guloso as formas esplêndidas de quem era mortal. Imaginava-a sem cintura, no arredondado informe das mulheres em que se avista a velhice, desgrenhada e sem cuidados, desconfiando, na ausência do cônjuge, de adultérios e embustes.

Vi Zeus a espreitar a bela Europa e, transformado num touro branco, a levá-la no seu dorso, enquanto prometia à princesa fenícia filhos que seriam reis de Creta. Não eram decerto histórias edificantes, aquelas em que o deus

soberano abusava do seu poder e, dissimulado, raptava e seduzia virgens incautas.

Desde criança, e como tal vulnerável a quem manda mais do que nós, que guardo dentro de mim a repulsa pelo abuso do poder. É um sentimento pungente, físico, uma náusea entranhada nos músculos e nos ossos. Por isso deviam repugnar-me as ciladas do rei dos deuses.

Porém, os gestos de Galeno, as entoações que emprestava à voz, os olhos muito abertos ou cerrados conforme a trama e o discurso faziam-me esquecer os princípios justos, para me embalar em na vertigem das histórias.

Conheci seres de um olho só, setas envenenadas de amor, e filhas nascidas da cabeça dos pais. Testemunhei embustes, ciúme e vingança, uma orgia de incestos, e vi a terra, e o que lá existe, explicada pelos prazeres que evoca.

Celebrava-se a existência nesses festivos fins de tarde, hora de liberdade e fantasia, sonhos sem tecto sob o testemunho do sol.

Guardo como relíquias essas memórias de encanto, infância de céu sem nuvens, porque o povo de Deus não tem muitas razões para sorrir. O Senhor deu-nos como morada terra de pedra e pó, a areia como chão e o vento como tecto. Perfis de montanhas despidas e, entre elas, uma ilusão de oceano que, envenenado de sal, não permite a vida.

Terra tão triste que o mar aí morreu.

Pastores errantes e camponeses servos da chuva são os seus filhos dilectos. Indefesos, nada temos que mereça cobiça: jóias, ouro, prata, mas apenas os frutos que da árvore pendem e o mel que o seu tronco esconde. E, no entanto, Ele permitiu que fôssemos oprimidos e destruído o templo que lhe erigimos; que persas, gregos e romanos fizessem dos homens escravos, e tomassem as nossas mulheres. Enchemos os alforques de promessas adiadas, e cobrimos as tormentas do presente com as vestes incertas de um futuro prometido.

A salvação está presa da palavra daquele que rege o dia de hoje e o de amanhã, e a sua generosidade é incerta. Povo que habita entre as ovelhas, gente que da terra tira o pão, veneramos quem reina sobre os astros e tem poder sobre as águas de que dependem pastos e colheitas. Como não temer o Todo-poderoso, se é do céu que desce a vida?

Até à idade de seis anos, era do meu pai a palavra, a lição e o testemunho. Cumpria o preceito, e aproveitava os acontecimentos do dia para me educar na Lei e responder às perguntas que todas as crianças fazem a propósito da razão das coisas. Por ele soube a origem do homem e da mulher, de todos os seres que vivem, vegetais ou animais, e os passos de uma genealogia vasta e confusa. Que o castigo por não ouvir a palavra do Senhor se estende aos

filhos e netos até à quarta geração, que, não fora a desobediência do antepassado mais antigo, seríamos senhores de um jardim onde não se conhecia a dor, o medo ou a vergonha.

À chegada de um sírio, grego ou outro estrangeiro, de imediato ele me evocava a torre de Babel, formigueiro que Deus agitou, e de onde se dispersaram sem rumo humanidades em solilóquios. Falava-me também da aliança de Deus com o nosso povo; que a José foi dado o poder de interpretar os sonhos, e como a inveja e o ciúme movem os homens desde a semente dos tempos.

Se as colheitas eram abundantes, logo o meu pai lembrava a prudência de armazenar, como José fizera no Egito; em tempos de privação, a vantagem de cumprir com os preceitos do Criador e confiar na sua palavra. “O povo de Israel tem um só Deus” – dizia – o que simplificava a noção das coisas. Mas o que verdadeiramente aprendi da boca de meu pai, homem gentil que sorvia o perfume da vida, foi a temer o Senhor, amo de temperamento instável e colérico.

Por vezes, confesso, não acreditava por inteiro no que me era dito, quando sob um sol ameno caminhávamos entre a beleza fértil da seara, ou parávamos à sombra da figueira para lhe roubar o fruto. Pelo menos suspeitava de que, na descrição dos castigos aplicados aos homens de pouca fé, o meu pai se servia da hipérbole para que atentasse no que dizia. No meu espírito instalou-se a suspeita de que me ameaçava com um juízo ainda mais severo, para que o temesse a ele, deus caseiro, mais vulnerável à desobediência.

Honrarás pai e mãe, parecia-me um mandamento justo, mas sobretudo conveniente. Seria possível que o Criador de tanta beleza, ao permitir que eu vivesse nela, não acompanhasse a sua dádiva generosa com um sorriso embevecido, como qualquer pai que entrega a um filho a satisfação de um desejo?

No que pensava e fazia, eu era uma criança diferente. Os outros rapazes juntavam-se em algazarras festivas, lutavam entre si e mediam forças no ginásio, imitando os gregos que se entretinham nestes jogos como vieram ao mundo, perante a ameaça dos sacerdotes que não apreciavam a nudez.

Eu gostava de estar sozinho e já nesse tempo as ideias me faziam companhia. Sempre que podia subia ao monte de onde se avista o deserto. Sentava-me no chão, olhava em frente e, no silêncio, aguardava a visita das palavras.

Diziam-me que o momento do nascimento e da morte são simétricos, que a linha se fecha e damos a volta. Que antes de nascer nada somos, e depois de morrer ao nada tornamos, mas enquanto existimos somos iguais a Ele, ou

pelo menos partilhámos a ideia de o ser.

Com um pauzinho desenhava círculos na areia, entretido com as ideias que o primeiro dos livros me provocava: Filhos de Deus, de um pai apenas, que nos fez sem recurso à mulher, com quem teria de dividir pareências? Ao admirá-Lo seria como o narciso embevecido pela imagem que o lago revela?

Guardava para mim as perguntas, porque elas podiam ofender, mas parecia-me que Deus se tinha excluído do que ao homem sugerira como bom. Por ter arrancado de dentro de si o universo inteiro, o Senhor exigiu gratidão.

Tinham-me ensinado que a generosidade verdadeira esquece o que a mão doou, mas o Deus que ocupa o espaço e o que para lá se estende provocava os seus súbditos com sacrifícios e obstáculos, testando-lhes a fé e a obediência, e fazendo da servidão a moeda de troca para o seu amor ou tolerância.

Jeová ordenava: “Ama-me, para que não derrame sobre ti a minha ira.” Esta exigência de afecto parecia-me agradecimento forçado pela tortura. Deus cobrava imposto e exigia juros.

Pensava em todas estas coisas enquanto olhava a aridez que se estendia à frente dos meus olhos, na esperança de que o Senhor não ouvisse as minhas dúvidas, e não me castigasse ao permitir que o pecado me invadisse e questionasse a sua lei.

Pouco a pouco chegava-se a mim o medo, pois sabia que o Criador, quando zangado, tinha a imaginação dos magos. Podia tirar-me o sentido dos caminhos e fazer-me vaguear durante quarenta anos no deserto, entre pó, sede e desespero; ou lançar sobre a Terra insectos vorazes que em legiões ensurdecem com o zumbido das asas.

Pedia então às palavras que me largassem, queria enxotá-las para longe de mim, mas quanto maior o esforço de parar o pensamento, mais ele resistia, pelo que tentava fugir em correria desenfreada, monte abaixo, à procura do alarido da cidade, porque os pensamentos emudecem no meio de muita gente.

A culpa e o arrependimento eram maiores nas noites de tempestade, quando o relâmpago se fazia acompanhar do som brutal que vem do céu e que nada, na terra, consegue imitar.

Por instantes a luz revelava o perfil sinistro das montanhas que guardam o deserto, e que na noite se escondem. O ribombar de forças que não compreendia fazia-me tremer. O trovão parecia a voz de Deus, que bramia como fazem as feras para que saibamos que ali está; e embora o meu pai me aconchegasse a si, como se o seu peito fosse muralha inexpugnável, sentia no bater do seu coração preces e promessas outrora murmuradas, e

perguntava-me se lá mora para sempre o medo que se acolhe ao coração de uma criança.

O que pensava sobre as coisas do Céu e da Terra, outros não ousavam confessar, nem nos momentos íntimos em que a verdade emerge da aparência. Seria talvez por julgarem que, se não fossem expressos por palavras, os pensamentos ímpios escapariam à vigilância do Senhor e ao seu juízo, esquecendo que o ser onisciente vedou ao homem a vida íntima.

Por isso me achava só e confuso, perdido entre dúvidas. O que a inteligência argumentava, o coração temia. Era sem grande sucesso que tentava afastar os pensamentos sacrílegos, não fosse Deus penetrar na minha mente e encontrar razão para se queixar ao meu pai que, dobrado pela vergonha, me poria às portas da cidade, enquanto convidava o povo a apedrejar-me para que Belém do mal se visse livre.

Ao fazer seis anos passei a frequentar a Casa do Livro junto à sinagoga. O meu pai era um professor íntimo e cúmplice, que ensinava com a ternura de quem passa testemunho e a naturalidade com que transmitiu a cor dos olhos, porque são muitas e subtis as formas como se perpetua a natureza.

Agora era diferente. Pela manhã, e passadas as horas de maior calor, os rapazes sentados em semicírculo ouviam aos pés do mestre os ensinamentos da Tora, que tinham de repetir até que ficasse definitivamente gravada na mente, como na pedra, a palavra do Senhor.

O rabi era em tudo distinto de Galeno, o meu outro professor no que às coisas do céu dizem respeito. Tinha uns olhos pequeninos como os dos pássaros, onde não se via alegria ou bondade. Nunca o vi sorrir, enquanto lavrava a barba com os dedos magros, em gestos que se demoravam no prazer de quem se afaga. A túnica negra, demasiado grande, varria o chão, e assim se desfiava a orla cinzenta e baça do pó de muitos dias.

Por absurdo que pareça, era detalhe que retirava dignidade às palavras, porque elas cobrem-se com as roupagens do dono. Não tinha graça, nem inspirava afecto. Eu olhava para os meus companheiros e sorria por dentro, pois só eu sabia que por cima da terra moram deuses gulosos que, encobertos por nuvens, espreitam peitos e nádegas, como os mais aventureiros de entre nós ousavam fazer sempre que a ocasião o permitia, já que nem todas as mulheres tomam as mesmas precauções.

Julgo que me distraía com estes pensamentos, porque me eram inverosímeis muitas das lições inscritas na lei. Nem o meu tio Benjamim, o melhor carpinteiro da Judeia, seria capaz de construir a arca que o Senhor encomendou.

Parecia-me improvável que o Criador operasse por tentativa e erro, afogando ou destruindo os seres a que ele próprio tinha dado vida, tal como o

meu tio destruía e lançava ao fogo os objectos criados em momentos de menor inspiração. Como era possível que aquele que tudo sabe se emendasse a si mesmo?

Apesar das dúvidas que o espírito alimentava, e que a mim se apegavam com tão mais força quanto maior a vontade de delas me afastar, na aparência eu era dos alunos mais reverentes e cuidadosos, quando esculpia com a ponta do estilete as letras com que se escrevem os fundamentos da vida.

Casa da Instrução, assim se chamava a sala da sinagoga onde se acumulavam os rolos dos escribas. Se a mente dos homens nem tudo compreende, como pedir a uma criança que veja muito além do que o braço pode alcançar e do que o seu mestre afirma ser verdade?

Guardei dentro de mim as perguntas sem resposta.

Deus é só um, pelo que deverá ser apenas uma a sua lei. Definitiva, gravada em pedra, e não sujeita à mudança dos séculos. Igual do princípio ao fim, da alvorada dos dias até ao seu ocaso, porque não tem hora, dia ou noite, aquele que sempre existiu.

Mas como podemos compreender a razão divina, quando entre nós é diverso o sentido do legítimo, e com o tempo se modifica? Se é distinto o tribunal do Persa, do Grego ou do Romano?

No entanto, Deus criou o homem à sua semelhança e, como tal, capaz de reconhecer o bem e o mal. É sobre o homem livre que Ele exerce a justiça.

Ao pensar assim, o meu ser sossegou. Agradei ao Senhor ter-me iluminado, porque me permitiu dar graças pelo dom de existir, enquanto procurava ser um homem justo porque podia recusar o erro. Porventura homens mais eruditos avistariam muito além do que a minha mente alcançava, mas era suficiente o que eu via e entendia.

Por vezes, no entanto, desciam sobre mim as trevas, e ficava perdido como um cego abandonado no deserto, levado pela ideia de que é limitada a liberdade do louco, do iletrado ou insensato, porque não alcança mais longe o seu juízo.

Não seriam ignorantes e receosos os que, órfãos de Moisés, adoraram o bezerro de ouro?

Em boa verdade nunca o Senhor me deu descanso. Desde que houve em mim entendimento que me interroguei sobre as coisas da vida e da morte, não como Galeno fazia, procurando na carne a força que a move, mas reflectindo sobre o propósito de cada um, e o dedo de Deus no destino do homem.

Porque quis a ovelha interpelar o seu pastor?

Olho para o céu em busca da resposta, mas desde que a minha história

começou o sol não parou no horizonte, indiferente ao prosseguir do meu relato. Inexorável, traça o arco que o levará até ao pincaro do céu, para que após metade da sua vida (porque o sol nasce e morre muitas vezes), comece pouco a pouco a perder a força, para de novo se despenhar no horizonte. O dia é seta que o criador lançou. Pela manhã nasce do arco, depois atinge o cume e, ao penetrar a terra, se apaga e jaz, porque amanhã de novo outra seta o arco lançará. Também assim acontece com o homem, e a sua descendência.

Hoje passaram por aqui vários pastores que, ao erguer-se o sol, procuravam pasto para os seus rebanhos. Ao verem-me só, movendo os lábios num discurso sem ouvintes, sopros de ar que no vago se desfazem, baixavam os olhos, porque a loucura intimida e nos faz lembrar o céu. Dobravam a cabeça no vagar solene da vassalagem, enquanto desejavam que a paz, e o Senhor, estivessem comigo.

Gostaria que alguém entendesse o que digo porque me sentiria menos só, mas a minha mensagem não traz consigo a esperança. Por isso, fazeis bem em continuar o vosso caminho. Acreditai sem questionar, tapai os ouvidos e as mentes, que o vento leve para longe as minhas palavras até se perderem no deserto.

Esta é a história de um homem, José o carpinteiro, a quem o Senhor muito pediu. Não sou servo de quem me julgou dócil e, como tal, capaz de me impor o destino. Por minha vontade ando e que ninguém me julgue submisso, nem mesmo Aquele que, ao criar-me, ordenou que baixasse os olhos.

Relatei-vos a minha infância. Disse de onde vinha, quem foram os meus pais e os meus mestres, que me perdi e me achei uma e outra vez. Mas a vida de um homem não se esgota aí. A criança cresce. Como os pássaros ensaia um primeiro voo e depois outro. Mais longe se aventura e reclama independência.

Tinha dezasseis anos quando fui com o meu pai a Jerusalém celebrar a Pessach. Há muitos anos, o Deus guerreiro impôs ao faraó a sua Lei e, perante a recusa do egípcio em libertar-nos, o anjo vingador passou benévolo por sobre a casa dos judeus, enquanto destruía os primogénitos dos opressores, fossem eles nascidos da mulher, ou de animais graúdos ou miúdos. Celebrávamos a vida de quem é nosso, e a força que, ao ferir o inimigo, libertara o nosso povo.

Era longa a jornada até ao Templo, e perigoso o caminho que salteadores e feras vigiavam. Conosco seguiam familiares e vizinhos. Pelo caminho juntavam-se peregrinos que engrossavam o grupo que, à medida que

crescia, mais seguro se tornava. Os músculos gemiam, faltava o ar, mas a vontade resistia. As sombras que antecipam a noite faziam a sua aparição e, quando a lua surgiu, Jerusalém não se avistava. Era inútil prosseguir caminho, porque nas trevas se escondem os que se aproveitam dos homens de fé.

O meu pai decidiu pernoitar numa estalagem das muitas que naquela época se preparavam para acolher os peregrinos. Para nos receber, sobre a mesa foi lançada toalha branca, lentilhas, figos, pão e azeitonas, tâmaras e mel, e todos os que tinham fome se saciaram. Os homens ensopavam em azeite o pão sem levedura, e amenizavam as ervas azedas com os quatro cálices de vinho que a tradição impõe e a alegria requer. No andar de baixo acumulavam-se os animais, que faziam chegar ao piso de cima odores e ruídos, numa intimidade entre homens e bichos que a noite acentuava.

Enquanto vacas, ovelhas e cabras roíam o feno da sua ração, os homens comentavam os incidentes da viagem, e os velhos buscavam, nos restos da memória, histórias que valia a pena recordar.

De repente calaram-se as vozes, as paredes tremeram, e o tecto parecia ceder perante o rugido que de perto seguia os relâmpagos que cruzavam a noite. Traços de luz uniam o céu e a terra, que se fundia e quebrava em lamentos roucos, como ondas que bramissem no deserto.

Era enorme o espectáculo, na beleza do fogo que o céu incendiava. Tremia a casa e estremeciam os homens, na angústia de ser aquele o dia em que o Senhor esmagava um carreiro de peregrinos porque, ainda que dispostos a mostrar fidelidade e a agradecer os favores outrora conferidos, traziam, todos somados, quantidade suficiente de pecados para justificarem a intervenção divina que, ao espezinhar, purifica.

Por momentos a tempestade parecia ceder, como fera que volta ao covil. Pausa para o céu descansar e vivermos em silêncio os momentos em que o corpo descansa. Mas eram breves as tréguas que o céu concedia e, de novo, estremecia a casa e a noite.

O silêncio do meu pai quando se ergueu contrastava com o ribombar dos trovões que assustavam a terra amedrontada. Olhou em volta, acenou a uns e outros como quem se vai retirar, e agarrou-me no braço para que o acompanhasse. Nada me disse, e eu nada perguntei. Foi no meio do ribombar ameaçador da voz dos céus e das faíscas que os olhos da noite lançavam sobre a terra que o meu pai me encaminhou para uma sala no canto mais afastado da casa.

Com os nós dos dedos deu duas pancadas discretas e, antes que a porta se abra, desfez a força que o prendia ao meu braço. Virou costas e, com um passo que se aligeirava, afastou-se de mim, deixando atrás de si um rasto de incenso. Fiquei só, sentinela a uma porta fechada, envolto em relâmpagos

que trovões festejavam. O tempo deteve-se, mas apenas alguns segundos, porque após um ruído de trinco que se eleva, de um fecho que gira ou desliza, a madeira livre rodou com lentidão. De dentro do quarto, escapando da penumbra, surgiram perfumes que conhecia: rosa, sândalo, bálsamo, mas também o odor acre que sentia exalar do corpo da minha mãe quando, cansada de certas noites, se erguia pela manhã.

Na ombreira, a contra luz, surgiu uma figura de mulher, um perfil apenas vislumbrado, como ao anoitecer os cumes redondos das montanhas. A mulher pegou-me na mão, olhou-me nos olhos e sorriu, e com delicada persuasão, que afastou o medo e o espanto, chamou-me para dentro.

Um leito de linho, almofadas de cetim, e velas que queimavam odores doces contrastavam com a fúria do céu que emprestava tambores. Os seus olhos eram dois mundos negros debruados a verde. Lembravam-me lagos à noite, e debrucei-me sobre eles como se buscasse água do fundo de um poço. Não se importou que assim a olhasse, e com gentileza fez-me sentar e lavou-me os pés sem mais erguer os olhos, com a delicadeza de quem se orgulha de servir, porque o faz com arte. Depois secou-os, pegou-me na mão e recostou-me entre almofadas, como se fossem o seu peito.

Tomou conta de mim e, como uma mãe guia o seu filho, entre odores intensos e texturas que nunca tinha experimentado e nem mesmo Galeno me avisara que existiam, levou-me por caminhos que desconhecia, até sentir que algo tinha mudado no meu ser. Temi que parte de mim tivesse ficado amputada quando de dentro dela saísse, mas antes de o confirmar, e tal como o sangue se esgota em borbotões quando irrompe das artérias, também em soluços se escapou a minha alma.

Quando fechei os olhos, senti-me em paz, embora pouco depois a fadiga doce e indolente desse lugar à exaltação de um guerreiro que sente os músculos tensos, ainda que sem avistar o inimigo. Pensei que o sublime se resume a um instante, e que se pode condensar a criação num só momento.

Foi quando tudo terminou, que uma nova viagem começou. Senti a pele, o volume e os pelos. As ausências e as presenças, a geografia de um corpo, fendas, cumes e riachos, país que podia explorar caminhando com os dedos, viajando de rastos como a cobra, sorvendo cheiros como a serpente agitando a língua, perscrutando como um bicho, na exaltação do predador que, quando finca, se sente presa.

Saí agradecendo a generosidade daquele corpo que o meu pai comprara.

Na manhã seguinte partimos para Jerusalém. O céu estava limpo. Ouvia-se o coro de pássaros que desperta a manhã, e fazia-se sentir a presença do Deus que ao homem ofertara um jardim.

Percebi, aos vinte anos, que os olhos do meu pai tinham mudado. Por

vezes perdiam o brilho e pareciam descansar, como se partissem do cais das convicções seguras para na viagem embaterem na dúvida que cansa, porque implica nascer mais uma vez.

Tinha envelhecido. De início vestia com ironia os conselhos que buscava. Queria saber o que eu pensava, mas não o fazia de forma clara, e disfarçava as intenções. Corria a vida, e chegava a hora de passar o testemunho. Desistindo então do embuste que a si próprio se fantasia, fazia-me sentar a seu lado, e ouvia atento, e em silêncio, as respostas que lhe dava. Espantava-me que nos tornasse irmãos o seu aceno de cabeça, no assentimento de quem partilha o pensamento.

Surpreendi-o algumas vezes a comentar com os amigos a arte que de mim nascia, ou a força dos meus braços, ou até a gentileza do meu carácter. Quando me colocava a mão sobre o ombro, sentia uma diferença, uma espécie de confissão subtil, como alguém que fraquejasse e procurasse amparo, e não mais pudesse afiançar a firmeza que garante a protecção.

Na balança da vida aumentava o meu peso e, se era certo que o dele menos valia, a verdade é que a mudança lhe trazia paz, e um sorriso.

Cheirava a Outono, e as mãos do meu tio Benjamim pareciam folhas de oliveira agitadas pela brisa. Eu assumia a responsabilidade de bancos e mesas, portas e janelas, rodas e arados. Com os aparos da madeira construía miniaturas de carroças. As crianças, temendo que me arrependesse de lhes oferecer tanta riqueza, guardavam-nas entre as vestes, como bandidos que possuem um tesouro. Eu sorria ao testemunhar o fim do círculo que tão bem servira a minha infância.

Passaram anos sem que de novo tivesse conhecido a mulher. Bastava-me a memória daquele dia, e a sensualidade da matéria que a minha arte transformava. Porém, um dia o meu pai sentiu a primavera. Olhou para mim, mediu a força dos meus braços, a firmeza da minha vontade, e compreendeu que chegara a hora.

Saiu de casa e bateu a porta, porque tinha de ajudar o filho a cumprir o que a natureza ordenava. Percorreu as ruas enquanto sorvia o ar, procurando entre os odores que das casas transpiravam o perfume que lhe garantisse que era certa a sua escolha.

Estava calor e Belém suave. Cidade como um corpo ansioso que de si liberta os odores que noutras ocasiões esconde. Numa casa cheirou fortuna, noutra juventude, e noutra ainda a erva da melancolia, mas em nenhuma algo que em pleno o satisfizesse.

Armou-se então de um cajado e partiu, peregrino em busca de uma mulher que, ao rasgar-se, oferecesse as crianças que transportam consigo a história dos antepassados, e o nome da família.

Num dos extremos da cidade falaram-lhe da filha de um mercador que

vira os seus barcos afundarem-se e, com eles, a honra e a fortuna. Viúvo, praguejando contra a sorte que o fizera mergulhar na desventura, trazia perto de si o único bem que lhe restava: a filha, a quem chamava Salomé e que, havia pouco, tinha terminado os seus dias de criança.

Ao passar por ela, o meu pai estacou. Ergueu a cabeça e aspirou o ar. Não sentiu odores de tecidos, nem cheiros a óleos, nem o calor do ouro ou a frieza da prata. Na verdade, dela nada vinha que exaltasse os sentidos. Uma vez mais encheu os pulmões como fazem as feras. Para seu grande espanto o ar não continha ruídos ou palavras, mas apenas o silêncio que é o grito do nada. O meu pai, prudente como era, e tendo na vida sofrido a urgência do desejo e sido prisioneiro por amar, entendeu que aquela rapariga que nada exalava era fonte segura, chão que não tremia, ar que não ventava. Pensou que a um homem que à família tem de providir era um fardo a menos uma mulher sem perfume, e desejou para o filho quem o não fizesse sofrer.

Soube que nos uniam antepassados comuns, o que era bom, porque entre nós duraria o que a nós pertencia. Pediu licença para visitar a casa do mercador, e deu-lhe a saber a intenção da sua visita:

“Tenho um filho que se fez homem”, e mais não disse.

A sabedoria de ambos há muito os ensinara que para ter era preciso dar e, como homens experientes em negócios, olharam-se nos olhos e de pronto se conheceram, pelo que não demorou muito até que tivesse sido acordado o contrato e acertado o dote e o resgate.

Ao retirar uma jovem de sua casa, teria de restituir ao pai o que até então gastara com a filha, indemnizando-o por ter arrebatado quem era capaz de trabalhar. Acertado o justo valor, ambos beberam pela mesma taça o vinho da celebração, selando, perante testemunhas, o acordo entre as famílias.

Convidaram-me a conhecer Salomé. Quando os nossos olhos se cruzaram, espantou-me não sentir calor ou frio e não reconhecer no seu olhar estação do ano, mês de vindima ou de searas, mas apenas o tempo de águas paradas, o nada da noite ou do frio, o silêncio que se segue ao grito da água. Procurei adivinhar que perfume o meu pai tinha nela reconhecido, mas não fui capaz.

Não antecipei exaltações, mas um futuro feito do tempo que passou, pão sem levedura, a segurança do que se não move. Nada me permitia contestar a sabedoria de meu pai, que ao viver tantos anos entre cheiros intensos decerto saberia o que convinha a um jovem que não conseguia colher do ar os ensinamentos que ele transporta, e que apenas tinha como sólido o que as suas mãos acariciam.

A Salomé disse o meu nome, e em que me ocupava. Falei de como ficaria grato se aceitasse a proposta e se juntasse à minha família. Prometi

ao seu pai que, durante um ano, me teria ao seu serviço no que necessitasse e que a madeira pudesse dar. Depois o meu coração bateu mais forte, secou a boca, e a garganta engoliu uma refeição de nada. Antes que o embaraço enchesse a sala, ofereci-lhe um anel. Ela não respondeu, mas de olhos baixos pegou na minha oferenda e, ao aceitá-la, selou o seu compromisso, e a mim se consagrou.

Bebemos o vinho pelo mesmo copo, a bênção foi lançada e, para sempre, ficou fechado o nosso acordo: inquebrantável, solene, porque traído implicava a morte.

Achei-a gentil. Decerto vivera os poucos anos que tinha em grande recato. Nada conhecia da vida ou dos homens. Ao pensar nisso enterneci-me, e jurei que cuidaria da rapariga sem cheiro e sem luz, porque tinha sido pequena a dimensão do seu mundo e era vulnerável a sua alma. Porque o futuro para uma criança, dado que é escasso o passado, não pode ser sonhado, jurei a mim mesmo que não trariam dor os dias do porvir.

Um ano durou o nosso noivado. Nesses meses, Salomé prontou o enxoval e, através das mulheres da família, foi preparada para o casamento e o que ele exige. Durante meses, mãos delicadas banharam-na em óleos perfumados, para que ficasse sedosa a sua pele, e apagadas as marcas que o trabalho sempre deixa. Sobre os homens, seus desejos e vontades, não sei que perguntas fez, nem que respostas ouviu, mas suponho que no final esperou para saber, porque a experiência dos outros nem aos próprios muitas vezes aproveita.

Juntou as jóias que haviam pertencido à sua mãe, mais o que pôde comprar com o espólio do mercador.

Numa arca guardou a túnica cor de púrpura. Pensou que não me agradaria a sua transparência de água e, em potes de alabastro e ânforas delicadas, recolheu os pigmentos que a tornariam desejável aos meus olhos. Ao ferro e ao chumbo foi buscar brilho e cor. Pensou que dessa forma romperia com a monotonia ocre do deserto, e me lembraria uma flor ou um oásis e, se assim fosse, seria delicado com a sua cintura quando a tomasse, gentil com a minha mão quando a colhesse e devagar saciasse a minha sede, porque é com temperança que se cheira o perfume da rosa.

Durante doze meses aguardou que o breu da noite fosse interrompido pela luz dos archotes e se quebrasse o silêncio num alarido de festa e de tumulto. Haveria música, mel e vinho, danças e cantares. Poetas declamariam louvores à sua beleza. Votos de fertilidade celebrariam um novo encarceramento, uma outra prisão.

Pela minha parte fiz o que devia, porque ao homem cumpre construir o tecto que a família abriga. Levantei argila, pedra e ramos de árvore, como os pássaros quando fazem o seu ninho. Tomou forma a nossa morada, numa

construção ligada à casa do meu pai.

Pelo tempo estipulado servi, sem um momento de ócio, o mercador a quem tinha resgatado a filha. Fosse dia ou noite, quem passasse ouvia, vindo da carpintaria, o ruído dos instrumentos ferindo a madeira, e um homem acorrentado à sua palavra.

Nesse ano não mais vi Salomé, nem a sua imagem de vidro. Com o tempo, a mulher sem cheiro perdeu a forma. Dissolveu-se a memória, e restou apenas a ideia de que existia, tal como Deus no Céu; mas Salomé era bruma que o vento não levava, pois estava prometido o que havia de ser.

Os dias correram o ano, até que de novo surgiu a brisa que inflama os homens, as plantas e os bichos. As roseiras de casa de meu pai despontaram do seu sono, e aromas de renascimento entraram pelas janelas. Salomé não sabia se o perfume vinha dos óleos que a banhavam, ou se era a primavera que floria.

Dentro de mim erguia-se um sentimento de urgência, de fazer parte do coro que cantava a terra fértil. Sentia-me pronto a semear e a colher.

Chamei os amigos e pedi-lhes que se vestissem de ouro e prata, pois tinha chegado a hora e estava preparada a minha casa. Pela noite nos juntámos e, quando a lua estava bem alta, abandonámos a morada de meu pai para tomar a minha noiva. Era uma daquelas noites em que o ar nos abraça e a negrura nos serve de agasalho.

Noite limpa, sem nódoas, só com estrelas. Entre as vielas prosseguia a procissão. Archotes ardiam nas mãos dos jovens que, com brados e cantares, despertavam as gentes que dormiam. Cães faziam coro. Dos terraços surgiam mulheres que entoavam gritos de regozijo, sem saberem bem o que celebravam, excepto que a noite profanada prometia novas vidas. Por isso, vozes renovadas se ouviriam quando outras vidas se calassem.

Ao sentir o alvoroço que se aproximava, Salomé compreendeu que tinha chegado a hora. Com a ajuda da família, num frenesim nervoso que ordens desordenadas aumentavam, reuniu o que lhe pertencia. Eu caminhava à frente do cortejo e achei-a bela quando surgiu adornada de moedas de prata que, presas do cabelo, pareciam chuva que caíra sobre si. Familiares e amigos rodeavam-na como vendedores de um bazar, elogiando a sua perfeição como quem exalta uma peça de tecido.

De volta a casa de meu pai, tinha-se alargado o cortejo e aumentado o alarido. Toda a cidade festejava, e os convidados celebravam uma felicidade que não lhes pertencia.

Salomé seguia a meu lado, transportada na liteira que escravos seguravam. Quis ver se nos seus olhos batia o coração, mas o véu tornava-a invisível, fantasma apenas notado pelos panos que lhe davam forma.

Apiedei-me dela, queria dar-lhe a mão, dizer-lhe que também eu não sabia que viagem era aquela, que correntes nos levariam, onde estavam os portos que nos deviam acolher, e que eram insensatos os que, entre gritos, celebravam um barco à deriva.

Na casa de meu pai todos lavaram as mãos para que entrassem puros, embora a água, para que banhe a alma, tenha de ir mais fundo. Ao chegar o último conviva, que balbuciava pedidos de perdão, foi encerrada a porta e, de imediato, os convidados prosseguiram os festejos entre nacos de borrego, bolos de mel, vinho, frutas e tudo o que aquece o corpo e a alma. Todos se serviram entre gargalhadas e abraços, porque o vinho faz esquecer.

Sentados num estrado que um dossel cobria, recostados em almofadas de seda ou de cetim, éramos espectadores de uma festa que nos devia servir, mas que outros celebravam. Estendiam-nos a mão folhas de figueira, que ofereciam tâmaras, mel e amêndoas.

Olhei para Salomé. Tentei dirigir-lhe a palavra, dar-lhe as boas vindas, enchê-la de sossego, mas da minha boca nada saiu porque era grande a aflição, e o que lhe poderia dizer tinha o sabor da mentira. Bebi então mais um cálice de vinho, e outro após este, e pareceu-me que o corpo se elevava.

Discreto, toquei junto à minha perna e senti que o membro obedecia. Perante os ébrios que entre dentes o vinho destilavam, peguei na mão da menina que tinha resgatado, tal como o meu pai um dia me fizera e, sem nada dizer, ordenei que me seguisse.

Tocavam-se os dedos ao de leve e, atrás de nós, como cães que farejam uma cadela disponível, seguiam dois amigos, rodas de carroça rangiam em silêncio. Estaquei perante uma porta, como outrora tinha feito, quando pela primeira vez conhecera a mulher. Olhei então para o seu vestido, de leve toquei a manga, e pressenti um corpo que tremia. Foi fácil abrir a porta, fazer escancarar a arena que nos esperava. Demos dois passos e entrámos no destino. Cerrámos a entrada, e deixámos de fora quem, naquele teatro, estava a mais.

Do outro lado da margem ficou quem nos seguia. Aguardavam que dois corpos num apenas se fizessem e, ao terem disso notícia, pudessem anunciar que estava consumado o propósito da festa.

Salomé e o seu marido estavam frente a frente, no embaraço de duas crianças que se encontram e se interrogam se têm parceiro para brincar. Toquei-lhe o cabelo. Desprendeu-se uma moeda que rolou pelo chão até se aquietar. Pedi-lhe que levantasse o véu, e os seus olhos pareciam os de um bicho que perante a luz se encandeia. Peguei-lhe na face como se fosse uma menina. Beijei-lhe a boca. Sabia que os trajes que a adornavam lhe protegiam o pudor e garantiam louvores de homens e mulheres. Sentia-a ansiosa do meu olhar, quando me revelasse sem adornos a sua nudez. Temia

ser como certas árvores que no inverno se mostram feias ao deixar cair as folhas que as vestem.

Dos ombros retirei o manto, e o que vi a mim apontado deixou-me grato. Fechei os olhos e recordei os perfumes da infância. O calor do verão, o amarelo das searas, o ocre do deserto. Deitei-a a meu lado e recordei o espalhar das marés e o som das ondas, que são o arrulhar de pombos sobre a praia.

Visitou-me o azul do céu e do mar, o silêncio do deserto, os cascos dos cavalos que galopam, e toda a festança que se derrama sobre um homem que sente crescer dentro de si a força que dá vida.

Nada digo que traia a intimidade que se não deve revelar, porque a outros não cabe saber o que apenas ao marido e à mulher diz respeito.

Se a história que vos conto pertence a Deus e aos homens e fala de carne e sangue, suor e loucura, palavras e dor, sempre vos direi que o homem que se dá a conhecer a muito cuidado é obrigado, porque a terra devagar será lavrada, o casco do barco o mar fere gentil, e o bater das asas que à vida dá impulso ao nada se segura, quando rema no vácuo, em direcção ao céu.

CAPÍTULO II



Todo o primogênito me pertence

[Êxodo 13,12]

Do alto da montanha o Senhor fez rolar a pedra da vida, que consigo outras pedras arrastou.

Deus deu ao homem uma companheira, e determinou que dos dois corpos se fizesse um e perdurasse o que Ele tinha iniciado. Emergindo de um mar de sangue, anunciado por gritos de dor, surge de um ventre rasgado o fruto do que o senhor ordenou e, no sofrimento, choramos lágrimas de alegria.

A quem pertence um filho? Eis a questão. Poder-se-ia argumentar que é da mulher que o gerou, porque no seu ventre cresceu, e do seu leite se alimentou. Em tempo de aflição o homem recua à infância, e dela se lembra.

Mas também é do pai, de quem por igual copia as feições e, na juventude, bebe os segredos da arte que lhe servirá de sustento.

É dele que o filho colhe o que a vida ensina, e no seu conselho encontra refúgio quando surge a dúvida. Se assim é, porque reclama Ele o primogênito? Que ciúme encerra esse desejo? Porque se assemelha ao ladrão que usurpa o que não é seu? Porquê o primeiro e não o último? Ou o do meio? Poder-se-iam oferecer os que se chamassem Jacob, ou outro nome qualquer que ao Senhor aprouvesse.

O Criador tem na mesma mão a generosidade e a avareza: ordena que nos multipliquemos, mas depois reclama o nosso contributo.

Eu recuso a devolver-lhe o que é meu, e no dia do juízo final direi que impõe ao homem mais do que o dizimo, e dele se inveja, porque o senhor só exige do escravo o que deseja possuir, tal como aquele que difama só o faz por reconhecer no injuriado as virtudes que não tem.

Na juventude usufruía de tudo o que o Senhor ofertou: O vinho que

encerra a essência dos frutos de que a terra é mãe, porque a videira nela penetra e lhe absorve a alma; mas também o vento que assobia sem mostrar a face, e no seu colo transporta os odores e sons que entre nós flutuam: o grande vagabundo, que nunca se cansa e em todo o lado entra.

Mas tudo tem um fim, e quando conheci Salomé acabou a infância, o tempo descuidado, a exaltação do corpo e o apetite insaciado. Desde então bebo o vinho com moderação, e não escuto o vento com a mesma curiosidade de outros tempos. Deus deu-nos os sentidos para deles nos servirmos, mas, como os anos à prudência obrigam, com nenhum me embriago, como sucedia outrora, e já não me sirvo de tudo o que está sobre a mesa.

Se a ave espelhada no azul do céu me faz querer voar, de pronto me recordo que a águia a persegue. Enternece-me o som do riacho e, por instantes, o coração acorda ao escutar a rapariga que canta, para logo me lembrar que ambos são águas passadas, porque nada perdura. Toda a beleza que os sentidos nos mostram traz consigo o seu revés, como bem o sabe qualquer homem que a idade avisou.

Por isso, ao terminar a juventude encerrou-se um capítulo da minha narrativa. Tereis de perdoar a mente de um velho que, tendo vivido muito, nada mais acrescenta. Acabou o seu tempo, e apenas pode oferecer o parco espólio que a sua tenda contém: um tecto de pano onde se acolhe o passado, e onde não se vislumbra, à porta de entrada, o futuro que espreita.

Ao contrário da casa de meu pai, na minha nada havia que despertasse os sentidos. Nem rosas nem espinhos, nem rebentos de Primavera ou nostalgias de Outono. Nela era ameno o Verão e tranquilo o Inverno. Quem passava à nossa porta não se sentia impelido a olhar para dentro, porque nenhuma cor os olhos chamava, ou objecto incomum, ou alarido de gente, ou nada do que faz mover a vida. Salomé era brisa leve que vagueava pela casa cumprindo o seu dever; mas a sua presença, como a esponja que no mar recolhe a água, parecia sorver o som dos pássaros, a alegria das crianças, o cheiro do pão e tudo o que celebramos como tempero da vida.

Eu refugiava-me na oficina aperfeiçoando a arte, de forma que me procuravam de muitos lados, porque quem se sentasse numa cadeira de minha feitura experimentava nela o calor de um colo, e tendo embora os braços a quietude da madeira neles se sentia o pulsar de veias.

Os meus arados levantavam a terra sem esforço, como se lavrassem o mar; as minhas rodas ao girar sobre as pedras pareciam pairar, e não assustavam os animais da terra ou as aves do ar.

Dormia o sono dos justos quem se deitasse nas minhas camas, ainda que de dia lágrimas o atormentassem e, desperto, cerrasse as mãos e os dedos

na angústia do remorso. Da minha inspiração nascia o que apenas à mulher e a Deus pertencem: o conforto do regaço que acolhe e, ao abraçar, perdoo.

Era estranho que, sendo perversa a inspiração do meu talento, na culpa os homens encontrassem repouso, porque na intimidade da minha oficina eu pecava, inspirado numa ideia que não era legítima.

Na árvore bruta antecipava partes de mulher, ângulos e linhas, presenças e ausências. Ao talhar objectos que depois de afagados se faziam suaves à mão, abraçava as miragens que a memória guardara daquela em quem me perdi, numa noite distante, a caminho de Jerusalém.

O corpo de Salomé era tronco de pouca seiva. Quando me deitava nas noites de Sábado, concedia ao seu corpo sem ânimo a intenção de um desejo. Da boca retirava os sabores que não tinha, decifrava no ventre mistérios que não possuía, e emprestava-lhe odores que não revelava. Quando assim fazia, na minha cama juntava suor e raiva, e à minha mulher a vontade e a força daquelas que têm o desejo do homem.

Salomé não negava a obediência, como desde criança tinha sido instruída. Se era dócil e ao meu desejo se acomodava, sem que sentisse o pulsar de vida própria, como esperar que fosse parceira ou rival no jogo do amor? Contudo, por vezes sucede ao rio mais sereno aumentar o caudal e transpor as margens que o sossegam.

Uma noite aconteceu vê-la abrir os olhos como fazem os recém-nascidos quando pela primeira vez encaram a luz. Quando os fechou, juro que a ouvi sussurrar o meu nome. Depois ficou imóvel, de respiração suspensa, inerte e cansada como após um parto. Não sei o que dentro dela nasceu, mas o sorriso que por momentos, na penumbra do quarto, julguei descobrir, roubou-o a mim, quando em circunstâncias idênticas me senti satisfeito.

Nasceram cinco filhos, quatro machos e uma fêmea, que embora concebidos no corpo de Salomé, na verdade foram gerados na exaltação do meu espírito, amassados nos prazeres que a carne reclama. Talvez por isso partiram cedo para os cantos do mundo, porque apesar de terem nascido de águas paradas, traziam consigo o génio dos avós, e o louvor dos sentidos.

Os filhos aspiraram o ar e, ao sentir as fragrâncias que o vento mostrava e de outras partes trazia, de imediato deixaram quem os criara e, em caravanas sem rumo, procuraram nas plantas nascidas da terra a essência da vida.

Vi-os partir, e no íntimo censurei o meu pai, que não se inibira de deixar o seu rasto nas gerações que o seguiram.

Raquel continha a alma da avó e, quando lhe foi concedida a graça de ver, não mais tirou os olhos da púrpura que ocupava o branco do linho. Temi o que viria a suceder, porque sabia o fascínio que a minha mãe sentia pelo mar, que é o berço das criaturas que dão essa cor. Quando o vento mudava

e muito ao de leve trazia o cheiro das algas e o ruído das ondas que chegam a terra, o meu pai agarrava o braço da sua mulher não fosse ela partir.

Por isso quis impedir Raquel de cheirar a cor, pois sabia o risco que corria quando tal sucedesse. Mas, como não se pode conter por muito tempo o que o desejo reclama, ela desobedeceu e, um dia, como um bicho farejou a tinta e as memórias a ela agarradas.

Foi então que conheceu as algas, as conchas e o fundo das águas, e de pronto partiu em busca de um porto. Chegada ao cais escutou o vento e o que ele dizia, sentiu apelos que não conhecia, enamorou-se deles, e por isso largou para longe, a viver com o mar.

Coisa estranha o que me aconteceu. Eduquei os meus filhos como o meu pai tinha feito. Falei dos profetas e da lei de Deus gravada na pedra. Ameacei-os com as pragas que o senhor reserva a quem não quer ver. Falei com rabinos de olhar severo e muito saber, que acenavam com a cabeça e pouco diziam. Nada aproveitou a quem estava cego pelas belezas do mundo.

De Salomé nada colhiam que os chamasse à aventura, apenas o exemplo do dever cumprido, porque eram satisfeitas regras e normas, celebradas as festas de acordo com a lei, e oferecidos os sacrifícios como o livro instruiu.

Falharam todos os preceitos, ruíram os conselhos. No entanto, também uma parte de mim desejava navegar, empurrado por ventos e velas, o corpo queimado de sol e de sal, nas cores procurando perfumes. Enquanto na oficina as mãos afagavam a madeira mais dócil, perdia-me em sonhos, cortava as amarras e deixava Belém. Envolto em seda azul, sulcava os mares de areia, embalado pelo dorso dos camelos. Foi talvez por isso que os deixei ir, porque ao partirem me levavam também.

Por mercadores da Pérsia e da Índia, da Síria e do Egípto, sabia novas deles, e do uso que davam às coisas da terra. Colhiam ervas escondidas em cantos longínquos, subiam as montanhas mais altas, atravessavam fronteiras e enfrentavam as feras, na busca insana de sabedorias perdidas. Uns saravam feridas ou curavam a lepra, outros em água e óleos ferviam perfumes que fazem sonhar. O mais novo cultivava plantas que, ao serem queimadas, libertam fumos que provocam vertigens e, ao fazê-lo, tornam corajoso o cobarde e eloquente o tímido.

Sabia da minha filha por quem vinha de barco da Grécia ou de Roma, porque era lendária a mestra da cor que no mar tinha a tenda. Os senadores pagavam fortunas para que as suas túnicas fossem tingidas de púrpura, porque aquela cor, que tanto mais brilha quanto os dias passam, acrescentava a quem a vestia uma dignidade nunca vista.

Talvez por isso no senado de Roma os seus argumentos ganhassem mais força, elegância os gestos que os sublinhavam, e sabedoria os seus

fundamentos. Naquele lugar, como noutros, os homens eram julgados pelo discurso, o fio que une as palavras soltas.

Com a partida dos filhos, Salomé e eu estávamos sós. Instalou-se o silêncio. Dois barcos largavam do cais em direcções opostas, navegando rotas que se apartavam, levados por ventos contrários. Os relatos do quotidiano tornaram-se mais breves até que nada mais valia a pena contar. As saudações da manhã e da noite perderam intenção, rarearam até deixarem de existir, porque naquela casa se cruzavam duas pessoas que não se conheciam, e não é correto cumprimentar um estranho.

Na mesa continuava a surgir o pão e o azeite, no cumprimento de rotinas sem esforço, como o sol que todos os dias se levanta para de novo cair. Mas o sorriso, que é a marca da intimidade, foi desaparecendo como água que se tira de um poço em tempo de seca.

Salomé pouco a pouco perdeu forma e cor. A sua imagem, como gotas de chuva, foi sorvida pela terra até que os meus olhos deixaram de a ver. Desconheço se também eu me fiz bruma, com a transparência da água e do ar. Naquela casa conviviam dois silêncios, e a cama era um túmulo onde jaziam dois mortos.

A oficina era o convés de viagens e sonhos. Perdido nos meus pensamentos, enquanto as mãos moldavam a madeira, chegava até mim uma cor morena e um rasto de essências. Ouvia a voz do meu pai que me levava até aos campos onde está exposta a obra de Deus. Por isso não me queixava, porque habitava o país das memórias e aí sentia-me bem.

Porém, uma noite que o vinho alegrou, toquei Salomé sem que houvesse intenção. Surpreso, o meu corpo despertou com o macio da pele. Repeti o gesto para confirmar se era verdade o que sentira. A palma da mão parou por instantes, depois, hesitante, percorreu o caminho há tanto tempo esquecido.

Salomé olhou-me procurando entender. Não lhe seria difícil suspender o que não passara da intenção: o braço que afasta, a manta que cobre, os sinais há muito conhecidos de um corpo que se defende; mas hesitou, e nos meus olhos leu o desejo que crescia. Ficou surpreendida com o que viu, e demorou a revelar se também ela acordara da viuvez, ou me lembraria que era fria a sua natureza.

Percebi que não estava fechada a porta que me permitiria viajar. Senti que na profundidade do seu corpo tremeluzia uma chama, e fui reconhecer vielas esquecidas, lembrar campos há longo tempo visitados. Salomé corou, depois consentiu e, por fim, foi a sua mão que me guiou. Quando do corpo dela me larguei, beijei-a com a gratidão de quem foi servido.

Lia, a minha filha mais nova, nasceu meses depois. Com medo de a

perder, mandei retirar de casa o que lembrasse o mar. Varri as conchas, queimei os tecidos tingidos de vermelho, e lamentei que também o deserto tivesse um chão de areia, e que as dunas tivessem a forma e o movimento das ondas. Ordenei que se encerrassem portas e janelas, não fosse o vento visitar a casa.

Mas Lia não aspirava o ar como os irmãos, nem olhava as cores com olhos de espanto, pelo que eram supérfluos os meus cuidados. O seu passo leve, quase voo de ave, o silêncio da sua presença como se fosse Lua Nova, lembrava-me a mãe. A verdade é que estavam sempre juntas, perdidas em conversas sem palavras, no entendimento que um corpo tem com a sua sombra.

Não conheci Salomé na infância, mas ao ver Lia, foi evidente que a vida, talvez por já ser velha, parece repetir-se. Claro que podia reconhecer feições que eram minhas: as sobrancelhas quase juntas, o piscar nervoso dos olhos quando hesitava. Pedacos de nada, porque a essência do que verdadeiramente importa não me pertencia.

Devo dizer que não o lamentei ou experimentei ciúme, e trouxe-me paz saber que nela se extinguiu a maldição dos sentidos.

Ao reconhecer em Lia a alma da mãe, deixei de me preocupar que a seduzissem aventuras e desvarios, ou de pedir a Deus que me permitisse mantê-la perto de mim. Regressei, sem angústia ou receio, a afagar a madeira que, na intimidade da oficina escurecida, me permitia sonhar com carícias mais quentes.

Mas a vida não permanece muito tempo adormecida, e um dia Salomé adoeceu. Febre e delírio, manchas na pele, e a insanidade que quando se instala faz perder a ideia. Ao caminhar parecia um ébrio que as pernas não sustentam.

Úlceras nasceram nas suas mãos e pés, e era estranha coisa, porque não lhe doía quando as tratava. Lia não entendia o que se passava e quando atônita olhava para a mãe, fazia-me regressar ao tempo em que imóvel, de sentinela à fronteira do quarto do meu pai, eu mirava perplexo a sua loucura.

Comovi-me com a criança, estranhei a perturbação da rotina, descobri que tinha um pouco de Salomé dentro de mim.

Tentei mezinhas, procurei esconjuros e pedi perdão, mas nem as palavras ou os pensamentos, nem outras indústrias ou conselhos sábios podiam estancar a ruína que se adivinhava. Sabia que ninguém o iria entender, por isso, às escondidas tapei-lhe ouvidos e narinas, porque na minha experiência eram essas as portas do demónio.

Tudo foi inútil, e a doença desdenhava os meus esforços. Por fim, consultei os médicos da minha cidade, que abanaram a cabeça como quem

sacode a esperança.

Recorri então a Galeno, que após a morte do meu pai abandonara Belém, e de novo partira na esperança de encontrar nas ruelas de Jerusalém a infância da judia que o dera à luz e, junto a ela, a explicação para quem era.

Sempre que na Páscoa me dirigia ao templo, não deixava de o visitar. Envelhecera muito, e os seus olhos, que o sol e o mar tantas vezes açoiaram, foram cobertos por sombras, até apenas distinguir o dia da noite, mas não quem neles habitava. Por isso tacteava o meu braço e, de mãos trémulas, afagava-me as feições procurando as marcas do tempo.

Gostava de saber o que sucedera a vizinhos e amigos, e perguntava sempre pela minha família, mas com o correr dos anos acontecia esquecer-se do que lhe tinha respondido, ou a meio do discurso abandonar o interesse pela resposta.

Alegrou-se com lágrimas quando anunciei quem era. O seu coração de velho chorava por qualquer emoção, como se o Inverno fosse a única estação que lhe restasse. Ele que andava tão direito, orgulhoso da sua figura, dobrava-se como um pedinte. A paisagem das suas mãos não era já planície lisa e fértil, mas possuía os montes e ravinas que a idade desenha. Reparei que os olhos tinham perdido o azul, como se o sol os tivesse desbotado.

Pedi que me sentasse ao seu lado e o beijasse, chamou-me filho como usava fazer, e foi com as suas mãos entre as minhas que lhe contei ao que vinha.

Falei-lhe de Salomé e do que a afligia. A mente insana, as chagas no corpo e as manchas na pele. Ouvia até ao fim com a orelha encostada à minha boca, entre leves assentimentos de cabeça, como fazem aqueles que compreendem quem se confessa. Quando terminei ficou pensativo, à procura nas memórias antigas que constituem o saber da solução daquele enigma.

Era a sua vez de perguntar, e interrompia os momentos de reflexão para me questionar sobre outros sintomas, tratamentos e experiências. Por fim, após uma hesitação onde pressenti o incómodo de quem trespassa a intimidade, inquiriu da minha saúde, sem que de imediato eu entendesse a razão.

Galeno quis saber se alguma vez eu tinha conhecido mulher impura. Dizia que os homens por vezes transportam consigo o espírito dessas mulheres, que dentro deles sai quando amam as suas esposas, e nelas se instalam para as destruir, mais por deleite do que por ciúme. Esse espírito, ao possuir o homem, fá-lo sonhar com luxúrias e prazeres, inebria como o melhor vinho, e distrai-o dos seus deveres.

Enquanto Galeno falava, viajei até certa estalagem na estrada para Jerusalém.

Ribombaram trovões, relâmpagos iluminaram o perfil das montanhas, e de novo aprendi a primeira lição. A minha voz tremia ao negar-lhe que alguma vez tivesse encontrado tal mulher, porque se mantinha viva a memória da pele que as minhas mãos percorreram.

Disse para mim que ao ser tão sedosa, coberta de óleos e aromas que lavam e purificam, não podia conter peçonha, pelo que era inútil revelar a Galeno o que só a mim dizia respeito.

A verdade é que não conseguia afastar a visão de uns olhos escuros como poços, onde se reflectia a luz dos meus, acentuando a negrura do seu fundo. Senti crescer o pânico, medo de ter agora compreendido o sorriso apenas esboçado, quando de dentro dela saí, flácido, inútil e cansado.

Aflito, pedi que não me abandonasse a memória dessa noite, ainda que tivesse sido vítima de feitiço ou transportasse, como a cobra, veneno no meu corpo. Pouco mais na vida me dava prazer, me exaltava ou mantinha jovem, do que aquelas imagens esbatidas, e os restos de sons e cheiros que enchiam a minha mente.

Deitado ao lado de Salomé, que de costas voltadas para mim respirava um sono sem sonhos, eu relembrava essa noite de carícias. Só depois de ofegante atingir o cume, conseguia adormecer.

Tentei aparentar uma falsa segurança, mera curiosidade, quando lhe perguntei o que fazer em tais circunstâncias, já que não podia ser essa a causa da doença.

Talvez tivesse hesitado na resposta, ou a angústia vestisse as minhas palavras, ou o tremor da voz mostrasse haver dentro de mim um discurso diferente, porque Galeno ignorou a minha pergunta e prosseguiu como se soubesse ser falso o seu pressuposto. A verdade é que quando a idade apagou a luz dos seus olhos outros sentidos se acenderam, e iluminaram o que eu gostaria de ter escondido.

Ao perceber que eu mentira, iniciou um monólogo que mais parecia uma reza. Eu escutava-o atento, na ansiedade de quem espera a revelação, embora não entendesse tudo o que dizia, porque nos momentos de emoção mais sentida era na língua materna que Galeno encontrava os sons que guardam dentro de si o que procurava exprimir, e eram muitas as palavras em Grego que eu desconhecia.

Estava preso a ele, fascinado pelo discurso, mas também pela figura daquele velho que não se movia, mas parecia viajar. A cabeça inclinada para trás, os olhos semicerrados como quem sonha ou procura. Os lábios mal se mexiam, mas terá encontrado algures certa memória, porque a palavra amor estava lá, e também outras mais profanas, além de um nome de mulher.

Então discorria exaltado, como se o transportasse uma paixão sem tempo

de se transformar em amor sereno. Percebi que também ele pecara, e desse pecado ficara a saudade. Lembrei-me da serva de minha casa que o servia com especial afeição, mas não me pareceu que pudesse haver nela chama tamanha para que a fogueira ardesse ainda hoje, e consumisse por dentro o amo quase extinto.

Após uma pausa que significava o fechar de uma porta, sacudiu as memórias e dirigiu-se a mim como se tivesse acordado de um sonho. Disse-me que tinha visto alguém que chegara da Índia curar-se após umas febres que duravam três dias e se repetiam de tempos em tempos, única ocasião em que vira remédio para tal condição.

Perguntei-lhe como poderia alcançar febre uma mulher tão fria? Como do gelo fazer fogo? Mas Galeno não sabia, e muitas perguntas tinham, na sua vida, ficado por responder.

Procurei no passado a solução do futuro. A minha memória percorreu todas as plantas e ervas de que o meu pai falava, mas só me lembrava das que diminuía a dor, faziam dormir ou sonhar, mas nenhuma que ao envenenar curasse.

Começou a desenhar-se o fim inevitável, e a ideia de que Salomé cumpria pena por mim. O remorso tomou conta, e em vão roguei a Galeno que reflectisse. Lembrei-lhe que Salomé era inocente, e injusto o castigo que agora sofria. Falei da forma rigorosa como consumava os sacrifícios e obedecia à lei, que nada nela merecia reparo, porque nada desejara e sempre cumprira, e que, se havia nos céus um Pai, decerto nos ofertara a chave certa, assim a pudéssemos encontrar.

Em desespero incitei Galeno a ir mais além, afirmei que a sua cegueira era oferenda da velhice, porque ao diminuir-lhe as distrações o faria ver mais longe, alcançar o que outros não podiam. Mas ele fechou os olhos e sumiu-se dentro de si, e no seu rosto vi o cansaço de uma vida, o abandono daquele a quem a morte se anuncia, e compreendi que nada mais tinha a dizer. Voltei para Belém.

Disse a Galeno o adeus definitivo. Só, entregue aos meus pensamentos, examinava a minha vida tal como hoje o faço, quando no alto deste outeiro viro as costas a Jerusalém e ao vento lanço o meu relato, para que o destino o entregue a quem lhe aprovar.

Montado no burro do trote expedito, embalado pelo ritmo dos cascos, perdi-me nas memórias do passado.

Gosto de estar sozinho. Foi assim desde a infância. Sempre que me consentiam fugia para os montes para me encontrar com as palavras que falam de Deus e dos homens. No silêncio do deserto escapa-se o espírito que vagueia sem rumo, num encadear de ideias sem direcção aparente, mas que por vezes iluminam um recanto escondido, pondo à vista o que não é

manifesto.

Na companhia dos outros não é fácil conversar comigo mesmo, discorrer sobre o que até hoje aprendi, porque o ruído me distrai e as palavras que ouço me parecem pueris, vindas da mente de homens sem coragem para pensar. Sinto-me só quando os ouço discursar sobre a vida. Não interrogam a existência nem procuram por detrás das cortinas. Tomam de empréstimo os argumentos de outrem e, como o asno que gira à volta da nora, repetem-nos vezes sem conta, convictos da sua prudência, seguros de que os sustenta a razão.

De que serve ao homem enunciar princípios quando a sua vida é feita de mudança, e já não acredita hoje no que ontem jurava ser verdade? Por isso duvido sempre, excepto do amor, porque dele preciso como se fosse pão.

Olhava os caminhos e veredas que me levavam de volta a casa, mas perante a tragédia anunciada e o remorso que a espaços me afligia, fazia a viagem ao revés, à procura da chave dos meus erros.

Vi-me de novo envolto em ocre e jasmim. Segurei a mão enorme do meu pai, que a minha recolhia como a concha a sua pérola. Ouvi-lhe a voz, e com ele percorri os campos. Tentava reconstruir o corpo inteiro mas apenas surgiu um olhar, um resto de frase, uma certa maneira de aspirar o ar decifrando os seus segredos. Há muito tempo que para mim deixara de ser o sábio que imaginara, mas por outro lado tomavam novas formas as suas qualidades e, no fim das contas, se o admirava menos, amava-o mais.

De novo a minha mãe tingiu de púrpura o linho branco. Sangue sobre pele alva, o meu resumo de mulher. Por vezes pensava que outrora fora uma ave, porque a água deslizava sobre ela como se fosse coberta de penas. Quase senti na ponta dos dedos a macieza da pele morena. Mais nítida a memória de gemidos e suspiros, que se soltavam do quarto dos meus pais, para à noite vaguearem pela casa.

Por momentos corri para a oficina a abraçar Benjamim. Numa curva o sol fechou-me os olhos, e Galeno surgiu no convívio alegre e ímpio dos figurões do Olimpo. Era longa a jornada de regresso, e fundo o saco das memórias que o trote alegre do burro me incitava a percorrer. Casava o tempo e o espaço, enquanto viajava pelos dois.

No caminho para Belém a terra amortecia os passos do animal que se alegrava por estar de volta ao estábulo, e à sua quietude. Ao senti-lo aligeirar o trote, na ânsia do feno e do cubículo, foi com melancolia que reconheci ter a minha infância durado muito tempo, até os dias apressarem os seus passos, como o animal que pressente estar perto o seu destino.

Há medida que os meus filhos alargavam o horizonte, eu vivia num mundo paralelo que se acanhava. Eles procuravam terras por descobrir, eu encurtava as fronteiras da existência. O terraço da casa, as ânforas do vinho,

a rua até às portas da cidade, tudo se fazia mais pequeno, enquanto os anos reboavam pela encosta da vida, cada vez mais rápidos, encostando o inverno a outro inverno, o verão a outro verão, até por fim se quedarem esgotados, como acontecia a Salomé.

Quando cheguei a casa nada disse. Olhei em volta com tempo, lentamente, para que o antes ficasse gravado fundo na memória. Deitei-me cansado e com a vaga sensação de que a vida me tinha levado na corrente, que era ela o timoneiro, e eu um pedaço de madeira sem vontade.

Passaram dois anos, Salomé definhava. Da mulher sem perfume surgiram odores. Primeiro ténues, depois mais intensos. Confesso que procurei nos cantos da casa a fonte desse cheiro que transtornava os cães que, ao farejá-lo, se afastavam de olhos inquietos, orelhas descaídas e cauda murcha. Para meu espanto tornou-se claro que era a doente a sua fonte, que dela se despegavam vapores como dos restos em decomposição. O andar cambaleante, as palavras sem sentido, as manchas e feridas, era Salomé que apodrecia.

Quando partiu mandei lavar as paredes e o tecto, ordenei que se queimasse incenso e se perfumassem os tecidos. Escovou-se o chão, e com os móveis fez-se enorme fogueira até que na casa pouco mais restasse além das paredes. Extinta a memória de Salomé, fiquei triste, senti uma vaga melancolia e comi menos, como quando recebemos a notícia da morte de um vizinho.

Lia ficou só. A sombra ficou órfã da razão de ser. Vi na minha filha a angústia do naufrago perdido no mar imenso, que olha em volta à procura da terra digerida.

À noite sentia os seus passos quando percorria a casa. Intervalos de silêncio quando parava nos cantos, perplexa perante o vácuo da ausência, como os cães que em vão farejam o seu dono. Era por saudades que se perdia a mirar-se no espelho, o olhar amolecido, a cabeça de lado como quem repousa sobre um ombro. Beijava a imagem e afagava a própria face com ternura, como sempre fizera à sua mãe.

Com o passar dos dias acentuava-se o silêncio, aumentava a leveza do seu passo, e, quando hesitava, já não piscava os olhos. Ao tocar-lhe a pele, estremeci, porque era fria.

Vivíamos juntos, o homem que envelhecia e a filha que se revelava. Ia tomando nota da forma do seu corpo. As ancas abriam-se como o bojo de um bote que convida a navegar e, quando andava, eram um barco que oscila ao ritmo das ondas. O seu peito nascia como planta que rompe a terra e aponta à luz. Primeiro esboço, depois tomando as formas que envaidecem a mulher.

Desapareciam as linhas sem graça da infância e surgiam outras mais

perfeitas, sem arestas, como dunas.

Somavam-se os dias. À minha volta a vida era fecunda e moldava o corpo de Lia com a lentidão do artista que apura a obra até por fim a apresentar ao mundo, perfeita na graça que apetece possuir. Eu parecia estar a mais naquele cenário de fertilidade juvenil, e imaginava que searas e bichos escarneciam da minha virilidade sem uso.

Diziam os vizinhos que eu era honesto. Que as rugas do meu rosto eram os juro que o tempo e a experiência reclamavam. Por isso me procuravam em busca de conselho. Na rua saudavam-me com respeito, rabinos apontavam-me como exemplo, e aos olhos de todos eu era um homem justo, que usava o dom que Deus me dera para construir obras de que os outros se serviam, e na minha arte encontrava conforto para o desgosto.

Assim me avaliavam porque apenas viam num objecto o seu uso. Não lhe auscultavam a alma, e ignoravam que a madeira tem seiva, ainda que arrancada à raiz.

Quem consegue ver no coração dos outros? Na verdade o demónio era a minha companhia. Ele sabia que no desbaste da matéria informe eu imitava o perfil suave de Lia. No torno eu arredondava formas e amaciava superfícies, enquanto explicava à consciência que era a mãe que afagava, e não a filha.

Mas o dique rompeu. Lancei sobre ela aromas exóticos, vesti-a de cores garridas e enfeitei-a de ouro. Pinte-i-lhe os olhos com a cor do chumbo para que parecesse mais velha. Sob a aparência do afecto paternal ensaiei abraços e carícias, e descobri intimidades enquanto inquiria texturas e firmezas. A tanto me atrevi, mas não mais.

Na oficina era com sofreguidão que dilacerava a madeira e homem que se deitasse em cama que eu fizesse não dormia tranquilo. Na profundidade da noite os seus sonhos eram habitados por ninfas e faunos, danças e pandeiretas, vestes diáfanas e peitos túrgidos.

Em sonhos entrava na roda e ria gargalhadas de ébrio, mas quando as mãos se aprestavam a roubar delícias e prazeres, acordava coberto em suor, porque era cumpridor da Lei austera, e nunca, estando vigo, tinha pensado em tais coisas.

Eu só saía quando o sol estava no pincar, porque recusava as cores suaves e as horas dóceis. Falava alto e bebia sem razão. Comia o pão tão quente que me queimava a boca, porque não queria que arrefecessem os sentidos. Em casa mantinha Lia enfeitada, e as paredes do meu quarto eram testemunhas da ruína de um homem que, ao envelhecer, queria mais vida.

Temia o remorso. De manhã jurava castidade, mas à noite tomavam-me os desejos. Na oficina fendia a madeira com sofreguidão e raiva.

Descuidado, feria-me até aos ossos. Cinzelava a pedra dura porque doía mais o corpo, e pedia a Deus que guardasse junto a si a alma de um homem que, para a salvar, rasgava a carne.

Porém, quando a noite chegava, aquele que derrubava árvores e abria a pedra, o exemplo de que todos se serviam, deixava o remorso adormecer, e encenava sozinho amores intensos.

A porta da minha casa era fronteira guardada. Algumas idas ao mercado, obrigações religiosas ou saídas ocasionais que a vontade dos outros impunha, eram exemplos raros de uma vida social que se fechava.

Nem mesmo a primavera eu festejava. Por isso, foi com alguma surpresa que ouvi bater à minha porta antes de o sol se pôr, naquela hora em que se aquieta o rebuliço das ruas, que a natureza acentua, desperta do sono do Inverno.

Mais estranhei que ao abri-la surgisse um grupo de homens circunspectos que, pela importância que se atribuía, mantinham o ar sério de quem quer fazer crer que nunca foi criança. À sua frente surgiu um rabino, de quem se dizia ver mais longe.

Juntos pareciam um só, orlados de um bando de rapazolas curiosos que aproveitavam a ocasião para estender a mão, na esperança de uma moeda que em troca os enxotasse. Cumprí com a vontade daqueles pedintes de ocasião, o que motivou escaramuças e corpos juvenis que, entre risadas e lutas, rolavam pelo chão.

Afastados os curiosos, convidei os visitantes a entrar, porque era decerto grave o motivo que os trazia. Hesitaram um pouco, na atitude cerimoniosa que os homens de meia-idade sempre têm, quando só um pode transpor uma entrada estreita. Roguei que se sentassem, pedindo desculpa pela humilde casa de um artesão.

Aquietada a agitação, saudei-os de acordo com a intimidade que me ligava a cada um, e manifestei a minha surpresa, mas também a honra que sentia, ao receber na minha modesta morada tão insigne embaixada.

Aguardei com ansiedade disfarçada que me anunciassem a razão dessa visita. Na minha mente passavam em sucessão motivos vários, alguns mais plausíveis que outros, até me fixar na hipótese da encomenda de uma grande construção: uma nova sinagoga.

Pensei que se apresentavam em grupo para me fazer sentir honrado, na esperança de que, satisfeita a vaidade, baixasse o preço dos meus serviços. Sabia que aqueles homens eram vulneráveis à lisonja e, como sempre tomamos os outros por quem somos, parecia-me plausível a suspeita.

Preparei-me para apresentar um projecto há muito sonhado, onde a ideia da intemporalidade de Deus estivesse inscrita nas pedras que sustentavam as

paredes. Nas traves que suportavam o tecto da casa onde se ensinava a palavra do Senhor, queria fazer sentir a protecção que Ele concede aos fiéis de entre o seu povo. Uma construção que albergasse um Deus bondoso: janelas largas para receber a bênção da luz, uma porta ampla que significava um coração que acolhe.

Sabia bem onde estavam os desenhos dessa construção imaginária, e aprontava-me para ordenar que mos trouxessem, quando o rabino começou o seu discurso.

Para quebrar o embaraço alguns cofiavam a barba, outros baixavam os olhos ou esfregavam as mãos para terem algo em que se ocupar, e outros ainda tossiam por não suportarem o silêncio.

“José, sabemos que és um homem de bem, e há tempo que vives em castidade. Somos testemunhas de que serves o teu povo e o teu Senhor, e que cumpres com fidelidade as obrigações que a Lei dita. Será grande o favor que te pedimos, porque é contrário às tuas intenções de viver em continência a vida que te resta.”

Fiquei perplexo e um pouco envergonhado, pois tinha consciência dos meus pecados, e ser louvado por virtudes que não possuía acentuava a gravidade das minhas faltas. Agradei os elogios, mas sublinhei que eram despropositados, fruto apenas da benevolência que nasce da amizade, porque também a mim se apegavam os erros. Esta vaga confissão apaziguou a consciência, e diminuiu o receio que tinha de alguém ler no meu olhar a verdade que se esconde.

O rabino negou com a cabeça a veracidade dos meus argumentos, e com a mão afastou o embaraço inútil da modéstia.

“Julgamos não teres conhecimento de que na cidade vive uma rapariga, jovem ainda, órfã e quase sem família, desprovida de dote, e que não possui animais ou terra. Sabemos ser de grande virtude, mas encontrando-se nesta situação difícil, temos pelo seu futuro. Diz quem a visitou que é saudável, e que as aves a conhecem.”

Estava explicada a razão daquela visita. Falava-se de que, apesar da minha vida modesta, escondia em casa ouro que os meus filhos enviavam dos vários cantos do mundo. Aquele grupo de homens queria lançar sobre mim a responsabilidade da caridade que a todos pertencia.

Devo ter franzido ao de leve as sobrancelhas, ou de qualquer forma deixado escapar uma expressão de desagrado, porque o mais novo de entre o grupo, com a impulsividade própria da juventude, se antecipou à autoridade do rabino. Esclareceu não terem a intenção de me pedir para ser tutor da rapariga, mas antes que casasse com ela para assim garantir a sua segurança em vida, e após a minha morte. Apenas um homem bom poderia assumir essa responsabilidade, dado a rapariga não possuir bens que

pudessem justificar uma aliança. Disse tudo isto de um só fôlego, antes que o rabino, que o censurava com o olhar, pudesse afirmar a sua autoridade.

Fiquei surpreendido. A ideia de um grupo de homens bater à minha porta, como se de uma casamenteira se tratasse, tinha escapado à minha imaginação tantas vezes seduzida pelo inverosímil.

Baixei os olhos como quem medita na proposta. Imóvel, com o tronco inclinado para a frente, a mão suportava o queixo ou afagava a barba, como se fosse um homem prudente que pondera. A verdade, porém, é que procurava uma saída elegante para uma situação embaraçosa.

Depois da morte de Salomé não mais pensara em casar. Expulsar do quotidiano os devaneios que a solidão permite, não me parecia desejável. Tinha construído uma vida em que a arte e os impulsos dançavam juntos. As fantasias que habitavam a minha mente transformavam-se em peças de maior beleza e, ao fazê-lo, aquietavam-se as ânsias. Se eu lançasse fora a culpa, o desgosto e a raiva, tudo o que era forte e perturbador, como conseguiria esculpir objectos que não fossem apenas coisas sem alma ou sentimento?

Estava viciado nos dados da minha vida, que o impulso lançava e o remorso recolhia.

Dirigi-me ao rabino e agradei a consideração demonstrada. Não sei se pensaram que havia ironia na minha resposta, mas na verdade o facto de ela ser pobre era apenas um detalhe, não pesava na minha decisão.

Era decerto uma responsabilidade honrosa, mas tendo o tempo sido generoso comigo, ao providenciar experiência e reflexão, teria de recusar tal proposta, pois o seu fim era contrário ao que os dias me tinham ensinado.

Quem poderia negar que ela estaria em melhor companhia com um homem mais jovem, mais seguro de lhe dar filhos e de os poder sustentar por muitos anos?

A vida é uma viagem com ponto de partida e de chegada, pelo que é aconselhável, quando se caminha a dois, que haja coerência no trajecto. Como pode aquela que apenas agora o iniciou dar a mão ao homem que se aproxima do destino? O encanto de uma vida partilhada é olhar a paisagem que se atravessa com os mesmos olhos de espanto, e não é boa companhia aquele que, ao conhecer o percurso, não celebra a surpresa nem o encanto.

O sol, quando se aproxima do ocaso, não empresta energia ao que nasce da terra. Essa rapariga era decerto terreno fértil, pujante de vigor e de saúde, e pedia que fosse viçosa a semente sobre ela lançada.

Que esperaria aquela jovem, senão a alegria de alguém que fosse capaz de festejar a fantasia dos dias por chegar? Viver o prazer do corpo com a intensidade do que é novo. Encontrar nos olhos do marido a alegria de quem não teve ainda tempo para o desgosto e que, ao olhá-la, mantivesse o sorriso

de quem tem a ilusão como verdade?

Que pele esperaria que tocasse o seu corpo? Mãos rugosas que o tempo desbastou, músculos cansados de carregarem um corpo que se curva nas linhas da velhice que se avista? Decerto não sonhou ver-se abraçada por quem o tempo descorou.

Nos meus olhos o cansaço, na minha voz o desencanto, e não a pressa de chegar.

“Amigos” – disse – “conto os dias que passaram, e imagino os que estão para vir menos numerosos e mais frios. Como posso oferecer o que resta de uma vida consumida, a quem da vida quase nada gastou?”

Toda a metáfora que a minha pobre mente de sonhador imaginava era discurso de estrangeiro, pois era comum casar rapariga jovem com homem de mais saber, e não havia memória de alguém evocar o amor como sendo útil.

Os seus olhares cruzavam-se na tentativa de encontrar a solução daquele enigma, enquanto se elevava a minha voz e eram mais largos os gestos, como quem tem a evidência iluminada e quer que o cego a veja.

Terminei exausto, convicto de que no dia seguinte todos me olhariam de revés, porque quando o louco fala não se sabe quem concede voz à sua boca, se o pobre doente, se um demónio que o seu corpo por empréstimo ocupou.

O rabino, que diziam ver mais longe, parecia perturbado com o meu discurso. Meditava de olhos fechados e dedos entrecruzados suportando a testa. Julguei perceber o rubor que trai a emoção, como se eu tivesse revelado um segredo que ele há muito escondia. Quando terminei permaneceu em silêncio, enquanto os restantes o olhavam à espera da resposta. Levantou os olhos para mim e não vi neles zanga ou desprezo, mas a humidade que acompanha o sentimento.

Disse o meu nome num tom de voz onde senti irmandade, e lembrou-me de que, por compreender tanto do amor, deveria ser eu a desposar aquela jovem, que assim entenderia um sentido da vida, muito para além do que a vida lhe tinha oferecido.

Afirmou que Deus quis aos seus filhos depois de os ter criado porque antes nada havia para Ele amar, pois existia sozinho. O Criador apenas descobriu o afecto depois da obra feita, mas os homens tinham a possibilidade de viver o amor mesmo antes de nascerem os filhos, e isso, nem mesmo a Ele tinha sucedido.

Pousou a mão sobre os meus ombros, depois beijou-me a face e, ao fazê-lo, rogou que deixasse correr a noite, já que nenhuma decisão deveria ser tomada depois do sol se pôr, porque a mente do homem também perde a luz.

Encaminhou-se para a saída, no que foi imitado pelos restantes homens que mantinham o ar grave que se confunde com a inteligência.

Senti pena daqueles espíritos que eram eco de uma mente só, como a voz que do fundo de um poço é devolvida uma e outra vez, em sonoridades cada vez mais indistintas.

Porém, antes que se cerrasse a porta da minha casa, gritei ao rabino que me dissesse como se chamava a rapariga de que falavam.

Sumia-se a voz, nos passos de um homem que se afasta:

“Maria.”

Saíram de minha casa quando a lua se insinua. Reparo agora que o sol se aproxima do seu pico. O passado encurta-se à medida que envelhece. As minhas últimas palavras caíram na terra porque não há vento que as transporte. Mas que importa? Deus exige o primogénito, porque inveja o amor que o fez nascer.

CAPÍTULO III



O Senhor está contigo

[S. Lucas 35]

A força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra.

Era sensato o rabino: a noite turva o pensamento. Cai sobre a montanha o lençol das trevas, e sobre a mente dos homens desce a bruma que pouco a pouco cobre a razão. Fecham-se os olhos de cansaço e a inteligência, como peregrino que o dia percorre, também deve descansar.

Deitei-me em sobressalto. Tinha revelado mais do que queria e achei-me imprudente nas palavras. Não resisti, ao ter à minha volta quem me ouvisse, como sempre acontece quando alguém se sente só.

Abri as portas a que se tecessem comentários nas ruas e no mercado. Eu, que sempre cuidei de vigiar a minha casa, permiti que conhecessem o que habita a minha mente. Do rabino apenas recordariam que me ordenara que pensasse melhor, prova clara de que não tinha, em mim, todo o juízo.

Os homens que me tinham visitado viviam do chão e do que sobre ele caminha. Os seus dias cheiravam a terra, e não tinham tempo para olhar o céu, ou inclinação para perscrutar os seus desígnios. Eram práticos nas suas decisões. Casavam-se com quem lhes indicavam, tal como comigo o meu pai fizera, e o seu pai antes dele, num negócio reflectido, capaz de garantir aos filhos a prosperidade e a paz. Homens e mulheres unidos no interesse pelas coisas chãs, abençoados pela lei de Deus que fala de respeito, mas nada diz quanto ao amor.

Decerto comentavam que o carpinteiro que fere a madeira e quebra a dura pedra se preocupa em segurar a brisa. Ideias que lembram os gregos e os seus deuses e, como tal, se aproximam das heresias.

Os mais sábios troçavam das minhas palavras, pois eu tinha esquecido que Deus expulsara Adão e Eva do paraíso e que ambos, ao reconhecer que estavam nus, taparam a sua natureza e, ao fazê-lo, se apartaram. Como queria eu apagar o pecado original? Acreditar que um homem e uma mulher podiam de novo regressar ao jardim e desfrutar da vida como no

início dos dias?

Como poderia alguém pensar que o amor é mais importante do que a sabedoria? A razão esmagou o sentimento. Não foi por amar que Adão ofendeu o seu Senhor, mas sim por conhecer. A mente do homem prudente manda mais que o coração, por isso os nossos pais moderam o fogo que na juventude sempre arde, da mesma forma que aquele que molda o ferro utiliza a chama em seu proveito.

Bocas sem dentes riam-se da esperança de poder bater de novo à porta do paraíso e que me deixasse entrar o anjo que guardava aquele jardim, invadido pelas ervas que serviam de leito a uma serpente envelhecida que desistira de trocar a pele velha pela nova, porque não havia alguém a quem tentar.

“Como pode um homem ignorar que o amor morreu, porque é inútil”, diziam os homens de barbas mais brancas, soprando as palavras por entre as gengivas escancaradas.

Deitei-me agitado, como se tivesse duas cabeças que discutiam entre si. Contra este discurso, que julgava ecoar nas ruas de Belém, repetia com veemência os meus argumentos, que me pareciam ser a consequência de um pensamento mais profundo, que mergulhava as suas raízes na origem das coisas e da vida.

Quando a exaltação atingia o cume, cerrava os dentes e arremessava argumentos a interlocutores imaginários. Terminava ofegante o discurso do guerreiro que se armara da evidência.

Exausto, tentava aquietar-me, abafar a minha razão com o pensamento de outrem, ouvir o coro das vozes que a mim se opunham, mas as ideias, como pedaços de madeira que no rio quisesse afogar, emergiam persistentes, numa obsessão pela verdade. “Este é o meu destino: não posso viver sem amar. Sei que nem sempre é sensato o que é certo, mas quantos cobardes se vestem de prudência para esconder de si mesmos as fraquezas que os tolhem?”

O homem é pó quando ao nascer se ergue, e ao pó torna quando ao morrer se deita. Se no intervalo não ama, se do coração não arranca o sentimento que faz sorver o ar com a sofreguidão de quem se afoga, então, não conhece o seu Deus.

Adormeci tarde e cansado.

De manhã acordei manso, com disposição diferente, inclinado a refutar os meus próprios argumentos. Arrumei as emoções, pus a descansar a exaltação e, talvez por isso, senti-me mais leve. Surgiu de dentro um interlocutor ponderado, mais sereno, dado a concessões.

Algum temor pelo que de mim dissessem ajudou a que desse um peso diferente aos fundamentos. Se todos tinham a mesma opinião, que direito

me assistia, que imprudente soberba, de achar-me dono do pensamento justo? Na verdade, se aquela rapariga necessitava de alguém que a protegesse das tormentas da vida, quem melhor do que um homem experiente, marido prudente e sensato, porto seguro de águas calmas? Depois, se é verdade que o amor exalta e nos transporta ao jardim primordial, também é verdade que não há paixão que o tempo não acalme, transformando o turbilhão do rio que nasce numa corrente tranquila e mais larga, quando a vida e o amor se aproximam da foz.

Eu tinha visto morrer os meus pais e ficara viúvo. Os meus filhos partiram e fiquei só. Mantinha comigo uma filha que em breve também me deixaria, pois era chegada a idade. Que resumo faria eu da vida? Depois de escorrida na peneira do tempo, que verdade restaria?

Grande trapaceiro é o sonho, pedaço de infância que se cola pertinaz à mente do homem que, imprudente, teima em brincar.

Estes argumentos adquiriam peso, faziam pender a balança, afastavam para longe visões idílicas. Não podia esquecer que a realidade se apresenta vestida de fome, frio ou medo e, sendo assim, escasseiam as horas de conforto e sossego, os momentos despreocupados e pueris, que o amor sempre exige quando se quer fazer ouvir.

Por outro lado, porque não poderia ser companheiro da juventude? A ideia que tenho de mim não envelhece. A minha pele perde lisura. O meu tronco não se dobra com a agilidade de outros tempos, os cabelos desistem e vão tombando, e com eles a vaidade que nada tem que a sustente. Mas o invólucro que me cobre é mera roupa, porque o protagonista da história que se prolonga do nascimento à morte mantém-se intacto, indiferente ao passar dos anos, como acontece quando sonhamos.

A razão encontra sempre os pretextos que a fantasia lhe exige.

Eu venci ao ser derrotado pelos argumentos de outros. Ao capitular ganhei, pois foi com a ansiedade que a antecipação do prazer provoca que decidi inquirir sobre essa jovem sem mácula. Quem era a sua família, de que tribo vinha, quem a educara.

Soube que nascera em Nazaré, e que a sua mãe a gerara numa idade tardia, quando os seios perdem a forma e brilho os cabelos. Muitos sussurravam que era mulher estéril, mas o seu marido era um homem justo e nunca a repudiou. Todos os meses, ao saber que nada mudara na condição dela, recolhia ao deserto e, nesses dias, os mais sensíveis podiam escutar os seus soluços, quando o vento que transpunha as dunas desaguava na cidade. Mas, quando a sua mulher concebeu, em agradecimento ao Criador não mais falou, para que da sua boca nada saísse que O pudesse ofender.

Desejava tanto um filho que, ao saber que a sua mulher ia dar à luz, nada mais na vida cobiçou, e por vizinhos e amigos distribuiu os seus animais e

outros bens, pois Deus lhe tinha dado tudo o que ambicionara.

Não soube muito de sua mãe, excepto que amava os pássaros. Na Primavera percorria os campos na esperança de os ver a cuidar das suas crias. Diziam que se ocupava de ninhos porque estava vazio o seu ventre. Com mãos delicadas e ternura de avó, oferecia aos pássaros pedaços de tecido, ou finos galhos, para que com eles construíssem o seu berço.

Falava com as criaturas de olhos inquietos numa língua que, sendo a dos homens, se aproximava pelo tom e melodia do cantar dos pássaros, e muitos se admiravam porque os animais não a temiam e usavam com intimidade os seus ombros e cabelos.

Quando a sua filha nasceu, de todo o lado vieram aves visitá-la. Pássaros de cores garridas iam chegando de locais distantes, e com o bico expulsavam das asas os restos de paisagem que traziam consigo. Grandes e pequenos, milhafres e pombas, cumprimentavam-se como comensais à mesma mesa, e enchiam a casa com trinados e gritos, como hinos de louvor.

À volta daquela criança juntou-se um resumo do firmamento.

A todos encheu de espanto o que nunca tinha sido visto ou ouvido, e os mais velhos e sábios disseram que aquela criança seria abençoada, porque trouxera alegria a quem voa no céu, e a quem a terra pisa.

Fiquei curioso de a conhecer. Inquiri quando ia ao mercado, quem a acompanhava e que caminhos tomava.

No dia que antecede o Sábado caminhei até às portas da cidade. Era tempo de Primavera. Lembro-me do céu límpido de um azul nascente. Sentia-me bem, com uma felicidade quase pueril, como acontece quando pensamos que Deus criou certas horas apenas para nós. Dei por mim a pontapear uma pedra e a vê-la rolar com a força do impulso, seguindo-a com o olhar maravilhado das crianças, que sempre se espantam quando percebem o poder que têm de pôr as coisas em movimento.

Hoje, vista do outeiro onde me sento, a manhã não é assim. A luz parece mais toldada e o brilho das pedras mais baço, ou serão os meus olhos que se fecham, cansados do que viram, desejosos de sossego?

Ia comigo um servo que já tinha avistado aquela a quem os pais deram o nome de Maria, e que as aves saudaram ao nascer. Parei em diversas tendas a cumprimentar vizinhos e amigos. Muitos se espantaram de me ver ali, sem destino preciso, na ocupação dos ociosos, como se tivesse guardado na bolsa tempo para gastar.

Tentei perscrutar nas vozes, olhares e sorrisos, algo que traísse ironia ou azedume, mas nada disso percebi na forma amistosa com que todos me saudavam. O alívio que sentia por ainda pertencer àquela gente, onde

encontrava a infância partilhada, fazia-me exagerar na força dos abraços, e até a alguns menos íntimos aconteceu mostrar uma exuberância de afecto que os deixava um pouco embaraçados.

À medida que percorria o mercado, fingindo interesse numa ou outra peça, gabando a cor de um tecido, ou a excelência de uma fruta, não deixava de procurar a rapariga que a minha fantasia construía sobre as palavras de quem a descrevera.

Rejeitava esta porque me parecia demasiado alta, aquela por ser baixa, ou porque as suas formas se distanciavam da figura que a minha imaginação moldara, na ilusão de que vêem o mesmo os olhos que me não pertencem.

Estava dobrado sobre uma peça de tecido, quando senti o criado puxar-me a túnica, e com um gesto de cabeça indicar duas mulheres que caminhavam na nossa direcção.

Ao olhar a mais nova de imediato percebi quem era. Tinha sido abençoada pelas aves, porque ao andar pairava. Movia-se como se o ar a suportasse, tal como a água faz aos peixes. Veio-me à memória uma melodia da infância em que as notas se prolongavam no silêncio que une os sons.

Que loucos somos que antes de tudo mais notamos o movimento do corpo, as ancas que dançam, o ondular dos seios que lembram as searas quando o vento acaricia as espigas. Era alta para a sua idade, mulher acabada de fazer, e parecia manter no seu corpo o calor da fornalha.

Os olhos lembraram-me os pássaros que a festejavam, porque quando os fechava, as pálpebras moviam-se em uníssono e encontravam-se no meio como acontece com as aves.

Havia nela a graça das coisas novas, e o brilho do que não foi tocado. Era alegre, a julgar pelo tom jovial da sua voz, embora não conseguisse compreender do que falava. Passou por mim risonha, de forma contida, para não atrair as atenções. Ao ouvi-la, alegrei-me também.

Seguiu o seu caminho sem me notar. Eu já não era um homem novo, é certo, mas se tivesse olhado nos meus olhos talvez pudesse ter entrado dentro de mim e percebido que o meu coração alberga cores e cheiros, a exaltação e a fadiga, o silêncio do deserto e as formas que a madeira encerra. O resumo de uma vida feita do sentimento maravilhado de existir, porque os homens, mesmo os velhos, não deixam de ser crianças no espanto que guardam pela vida.

Deixei-a passar, observei-a de costas, numa avaliação de quem conhece os movimentos ou as formas que assim se salientam, e na antecipação do que revelariam se alguma vez as visse nuas e, sobre elas, recostado e feliz, inchasse de prazer e de desejo.

Os homens desfrutavam das coisas que a existência lhes oferece e, ao seduzir uma mulher, o caçador ama a sua presa, mas fica prisioneiro, se não é escassa a arte dela.

Aconteceu assim comigo. Mais do que a alegria juvenil, ou o andar que parecia pairar acima da terra e do pó, guardei a imagem da rapariga que se afastava, ignorante das formas expostas ao olhar dos outros. Ancas soltas em movimento de barco junto à costa, resumo no corpo que Deus criou do mundo acabado de fazer, num tempo sem remorso ou imperfeição.

Numa tenda próxima, Maria foi interceptada por um soldado romano que se lhe dirigia numa familiaridade que me perturbou. Era um homem novo, alto e forte, seguro de uma virilidade que o uniforme acentuava. Maria baixava a cabeça enquanto ele se ria num descaramento que me era ofensivo, tanto mais que me pareceu ver no pudor manifesto da rapariga o rubor que trai o sentimento escondido.

Senti-me de súbito mais pequeno, velho e fraco. Palpei a moleza do meu queixo, senti a magreza das minhas pernas e, por dentro, amaldiçoei os invasores e todos os homens jovens que me empurravam para o esquecimento.

De novo peguei na peça de tecido, mais uma vez os meus dedos o acariciaram, mas a minha mente já não estava ali.

Voltei para casa perturbado. Na oficina fendi a madeira com raiva, como se os instrumentos fossem as minhas mãos que, ao nela penetrarem, rasgavam as fibras na energia do homem que comanda. Depois aplanava a superfície, exagerava no redondo das formas que alisava em carícias de amante.

Na memória não guardava o perfil de um corpo, mas tudo aquilo que se não consegue definir, porque está longe do que a mão alcança. Quando terminei, não tinha esculpido arados ou bancos, mesas ou portas, mas a figura ondulante de uma mulher que se afasta, envolta na luz macia de uma manhã de primavera.

À minha filha pedi que se adornasse e comigo partilhasse a refeição daquela noite. Depois, ao vê-la ridícula e fria, retirei-me para chorar, por não haver semelhança entre a criatura sem encanto que eu criara e ao enfeitar diminuiria, e a memória daquela rapariga a quem a graça de Deus emprestara o movimento das ondas.

No dia seguinte faltava-me o ar na ânsia de a ver. Não tinham rumo os meus passos, e o peito inchava, ofegante. O nome dela e o seu riso, a pele, os olhos e a forma de andar invadiam o meu espaço e tomavam conta do meu tempo, como rio que galgasse as margens, deixando submersa a paisagem do quotidiano.

Fiquei doente de uma doença boa, há muito tempo esquecida, e que não

pensava poder ressuscitar. Até parecia mais lisa a minha pele, mais escuros os cabelos. Os músculos tinham ganho novo vigor, e já não sentia cansaço ou enfado. O passado tinha desaparecido, feito cinza sem espessura, e apenas contavam o presente e o futuro, porque as portas do paraíso se abriam escancaradas à minha espera, se comigo levasse o meu tesouro.

Ri-me dos argumentos expostos perante uma assembleia de homens sérios. Como pude acreditar que tem idade o sentimento? Eu era decerto mais novo do que ela, porque a alegria que sentia só é possível na idade em que ainda se não mentiu e se desconhece o fingimento.

Não queria tê-la, apenas saber que existia e, enquanto assim fosse, não havia agrura ou dor, porque ela encerrava a juventude que perdura, sem a inquietação do que o tempo lhe reserva.

Se me ouvires, creio que basta o que já disse; quando abro os braços até ao céu e ao vento entrego as palavras que se apegam ao sentimento, para que nelas transportem o indizível, e para que saibam o que alberga o peito de um homem quando ama.

Passaram-se dias e não voltei a procurá-la. Guardei para mim o ardor que me consumia, como sujeito avaro que contempla o tesouro que em si mesmo encerra e não vê razão para partilhar.

Quantas vezes me lembrei do meu pai. Entendi os dedos que ao percorrer a pele sedosa da sua mulher procuravam devagar portos e enseadas por descobrir, como se cruzassem o mundo, prisioneiro de uma pele que exalava perfumes nunca antes encontrados e onde mergulhava naquelas noites em que o silêncio da casa albergava gemidos e suspiros, de quem se quer ver cansado de tanto amar.

Salomé morrera esquecida, como pó que se acumulou num canto da casa e que com um sopro se expulsa. Eu nascera de novo, e ao rio lançava o passado, deixando-o afogar-se na corrente.

Sobre ela quis saber mais. Disseram-me que até à idade de doze anos tinha estado ao serviço do templo e pelos sacerdotes guardada e que Ismael, o rabi que tinha visitado a minha casa, tinha por ela especial afeição.

Decidi procurá-lo.

A sua casa ficava distante da minha, já que morava perto da sinagoga, no centro da cidade, e eu na orla que a separa do deserto, porque sempre quis estar mais perto do nada que das gentes.

Acolheu-me com um beijo e um abraço fraterno, onde senti a amizade genuína. Depois fez-me sentar e aguardou que eu falasse.

“Rabi Ismael, és um mestre justo e de muito saber. Homem de paz e tolerância que conhece a Lei e como interpretá-la, porque nem sempre é

clara a vontade do Senhor. É grande a tua sabedoria, e muitos te procuram por seres sensato. Pareces compreender que a Palavra de Deus não anda muito longe do verbo do homem. Porque sabes como estão próximas as coisas do céu e da terra, e por igual percebes das questões dos dois mundos, eu te procuro.”

Confesso que não tinha este discurso meditado, antes surgiu por albergar no meu peito ideias confusas sobre a carne e o espírito, serpente enrolada em árvore de fruto, e não sabia como separá-las.

Amava aquela figura de rapariga e o seu riso, olhar sem mácula de uma criança. Era despojado de ardor esse sentir. Mas sabia que se a abraçasse de pronto outras forças surgiriam, e a terra de onde brota a vida afastaria para longe a visão do anjo e daria lugar à vontade de arrancar dela as asas, deixando apenas o corpo da mulher.

Não revelei estes sentimentos, antes tratei do negócio que nos tinha aproximado. Comecei sóbrio, falando dos argumentos que um homem deve usar na ponderação com que decide os seus actos. Repeti razões de um lado e outro, mas sem particular paixão, como se equilibrasse uma balança.

Interrompi o meu discurso para saudar a mulher do rabi, que por sua ordem trazia vinho para, segundo ele dizia, saciar a sede de quem há muito caminhava.

Era uma mulher feia, das que, por nunca terem tido formas, guardam em si azedume, porque o leite e o mel que as mulheres oferecem parece por vezes depender de terem os seus corpos a forma de vasilha, que sobre nós derrama a doçura que contém.

Depois pensei em Maria, e na alegria de a poder ver todos os dias. Imaginava a minha mão já enrugada na planura da sua pele, no contraste entre quem muito já viveu e quem se mantém ainda inexplorada e curiosa. Ao amá-la assim, esquecia tudo, nada mais via senão um mundo sem mortes ou doenças, uma existência sem rancor, ciúme ou inveja, apenas a glorificação do sentimento. E apiedava-me do pobre rabi que muito sabia e pouco vivia, confessando assim uma ignorância mais funda do que a minha.

Foi por isso, ou porque o vinho liberta a paixão do jugo da prudência, que pouco a pouco esqueci a cautela da linguagem reflectida e a propósito do casamento comecei a discursar sobre a vida, exclamando que a existência se justifica pelo que alberga de paixão e de remorso.

Perante a minha exaltação, o rabi respeitado e sábio cofiava a barba sem saber o que pensar, despido da autoridade das vestes, perante quem se interrogava com veemência sobre os fundamentos da existência e o destino do povo de Deus. Era claro que eu era uma ovelha que dispensava o seu pastor, ousando afastar-me do rebanho, mas talvez por ter uma mulher feia, e um dia ter sonhado com desejos exaltados, não me olhou com censura.

“Pense comigo” – disse-lhe, ao perceber que sobre mim não lançava o anátema – “Em todo o universo reina a harmonia. Estrelas giram entre si sem que tombem no vazio do universo. O sol nasce e morre sem que alguém exija um pouco mais de luz para a terra lavrar, ou reclame que se prolonguem as horas de escuridão, para que o homem de manhã possa de novo ressuscitar, hábil e pronto.

No entanto, é quando Ele se debruça sobre os assuntos dos homens que a ordem natural das coisas parece perturbada. O Senhor que à sua imagem os filhos construiu, para que as acções do homem se processem na harmonia que deseja, armou-se do chicote. Imagine” – clamava, cada vez mais ébrio e portanto mais convicto – “que nas minhas pobres estátuas crescia a vida, e dentro delas a seiva tivesse cor, e lhes permitisse que sentissem e errassem e, ao vê-las falhar, lhes gritasse: como ousastes?! e de pronto as esmagasse indignado, por não terem conseguido elevar-se para além de mim. O Senhor exige de nós a perfeição, mas afirmo, porque o sei, que só no sentimento ela existe.”

O rabi permaneceu em silêncio. Nos seus olhos vi cansaços e um homem pronto a desistir, enquanto as mãos de patriarca, sólidas como arados, continuavam a lavrar as barbas em gestos lentos de quem pensa.

As mãos de um homem contam a sua história.

No silêncio que se seguiu ao meu discurso, o coração bateu mais depressa. À medida que olhava para aquele homem digno, a quem tinha gritado as minhas verdades e perturbado a paz, instalou-se o arrependimento que ia crescendo com o medo de ter ido longe demais.

Foi no tom lento de quem mede as palavras que o rabi falou:

“Meu amigo, da tua boca saem palavras que traduzem o julgamento do teu coração. Falas de algo novo, que foge às asperezas da nossa vida que se consome entre pedras e calor. Dias que a dias se seguem na esperança de que o Pai, que tanto exige, julgue ter chegado a hora de estender sobre o seu povo a mão generosa e boa e, ao fazê-lo, nos liberte.

Para que Ele de nós se lembre, cumprimos com rigor as suas instruções, seguindo sem desfalecer regras e preceitos. Mas tu falas de coisas diferentes. Ao fazê-lo corres grandes riscos, porque o homem comum não compreenderá o que tu dizes, e bastará um de entre eles erguer-se contra ti para que de pronto surja um coro que te afronta, e atrás das vozes em unísono virão os punhos que aniquilam e, ao fazê-lo, sossegam as turbas, porque acreditam que ao destruir apaziguam as forças do destino.

Gosto da tua celebração do amor e sentimento, e estou certo de que, tendo agora atingido a idade madura que aperfeiçoa a reflexão, se tiveres um filho lhe ensinarás esse caminho.

Acontece, porém, que para tal precisa o homem da mulher, e ela deste.

Por isso toma em tua casa a jovem Maria. A meu cargo ficará, e durante um ano as mulheres a prepararão para que te receba.

Em breve irei propor a seu tio este negócio, mas não anticipo resistência porque ela de seu nada tem, a não ser a companhia persistente dos pássaros que por todo o lado onde vá se lhe juntam, fazendo de todas as estações a primavera.”

Despedimo-nos num abraço fraterno, e prometi que o viria visitar mais vezes.

A caminho de casa exultava num turbilhão de planos, pelo que, embora os meus passos corresse no presente, o resto de mim vivia no futuro.

Era altura de casar Lia. Tinha de procurar um homem a quem a ausência de cheiro ou de calor não perturbasse e, quem sabe, nela matasse a sua sede, porque também é fria e sem perfume a água da nascente.

Depois pintaria a minha casa de cores alegres. Em cada canto uma flor para que os quartos se assemelhassem a jardins. O sol entraria todos os dias pelas janelas que mandaria alargar. Quem passasse poderia olhar para dentro e descobrir o que é ser feliz. Tecidos novos, linhos e sedas, estariam à disposição da noiva, para que a perfeição a beleza encontrasse. Em arcas velhas procuraria os perfumes mais exóticos, restos de preciosidades, herança e memória do meu pai.

Pela cidade fiz saber que José o carpinteiro procurava marido para a filha. Mandeí recados pelos mercadores para que onde se encontrasse um judeu lhe falassem de Lia, a jovem que tendo voz preferia o silêncio, tendo olhos não os erguia, e tendo ouvidos não revelava. Que era formosa para quem admirasse em silêncio as coisas belas e difíceis de agarrar, como aquele instante em que o dia muda de cor e a noite não começou ainda.

De barco chegou um homem que aparentava a minha idade. Era nobre e rico, vinha de Alexandria e conhecia bem os gregos e o seu discurso. Trazia consigo a fama de muita reflexão e o estudo do Livro sagrado. Era respeitado por todos, e acreditava que a inteligência iluminava mais do que o farol da cidade onde nascera.

“Carpinteiro, sei que tens uma filha que parece feita de bruma, que prefere a noite ao dia e que, tendo saudades, se olha ao espelho.”

“Assim é, mas todos nós temos uma aparência que é a sombra criada pela realidade escondida.”

O homem sábio de Alexandria acenou com a cabeça e afirmou que sabia ser assim, pois até o que estava escrito nos livros sagrados muitas vezes não era mais do que alegorias que permitiam aos homens simples compreender as coisas grandes.

Disse-me que lera todos os volumes da biblioteca da sua cidade, que queimara os olhos ao tentar ver para além do que o farol mostrava, mas que

nunca se instruíra num volume por escrever, e que nunca vira uma paisagem por definir. Era por isso que queria casar com Lia, porque conhecendo ele o corpo, queria viver com alguém que se aproximasse do puro sentir.

Lembrei-me então do meu pai que comia os cheiros, e de minha mãe que lambia as cores, e de mim mesmo que precisava dos dedos para ver. Depois pensei em Salomé de quem tinham roubado os odores e desbotado o rubor, e que parecia existir sem consistência.

“A minha filha é como o pensamento, ou o nevoeiro que a luz do teu farol penetra. Se queres ser como ele e atravessar o frio da noite, na tua cama ter a bruma, agarrar o que é indistinto e conhecer de perto o silêncio e, depois de a amares, sentir no teu corpo, não os pingos quentes do suor, mas a vaga humidade da neblina, leva-a, e tenta ser feliz.”

O homem de Alexandria pediu para a ver. Lia surgiu bela como uma miragem. Oásis de repouso, água de beber e sombra. Tudo isto enquanto misterioso sopro ondulava devagar a sua túnica e lhe realçava a figura.

Ao vê-la recuei uns anos, comparei, e pensei que era mais bela a filha do que a mãe.

Não tratei de contratos e não fiz exigências. O judeu do Egipto não pediu dote.

Nessa mesma noite levou-a no barco para Alexandria. Diz quem com eles viajou que, fosse de noite ou de dia, enquanto durou a jornada mal se via o topo do mastro, pois que em volta da noiva se acolhia o nevoeiro, e dentro dele parecia soar o som que o vento faz nos búzios e que os velhos marinheiros aprenderam a temer, porque anunciava as rochas e seus cumes.

Fiquei só, ou antes, com mais tempo para ter a companhia de Maria.

É estranho, mas não voltei ao mercado. Poderia tê-lo feito encoberto. Dissimulado como um ladrão emboscado na estrada que usasse os olhos para roubar, e para si guardar um pouco da presença de quem ainda não lhe pertencia. Mas há momentos na vida em que percebemos que a luz, o brilho da terra e a serenidade do ar nos são dirigidos, porque mais ninguém os pode apreciar da mesma forma. Esses instantes em que a vida se aquieta a memória guarda como oferendas que o Deus generoso nos destina, como se fosse Ele o homem, a vida o altar, e nós a divindade. Esses momentos são frágeis como conchas, e é inútil tentar repetir as horas, porque nenhum dia voltará a ser como foi.

Outras vezes voltei a casa do rabino, até que ficou acordada a data em que me iria encontrar com Maria, e na presença da sua família mostrar quem era e ao que vinha.

Inútil recitar detalhes, expor rituais que todos conhecem.

Não trazia comigo ouro ou diamante. Ofereci-lhe a obra mais perfeita que tinha composto. O seu corpo redondo era macio e quente, e tinha de ser seguro com a gentileza com que se pega o barro frágil. Foi assim que lhe falei, ao pedir que recebesse o que em sua homenagem lhe ofertava porque, se o fizesse, a mim aceitaria, já que nada distingue o criador da obra criada.

“Maria: Passaram os dias e correram as noites na procura de oferenda que vos servisse. Não conheci descanso, nem dei por que as horas morressem. Na minha oficina o dia era penumbra e a noite uma caverna. Envolto num manto de sombras a minha mente partiu a cruzar fronteiras.

De África recusei o ouro cujo brilho desmaia quando vos vê. Da Ásia desprezei gemas de cores exóticas, porque no vosso colo nada seriam senão o que a natureza lhes destinou no princípio e no fim: pedras apenas que os homens pedariam antes de serem notadas.

Fui em caravanas cruzar o deserto. Entrei em tendas, busquei miragens, mas nada vi que vos pudesse servir. Demandei os meus filhos, mandei emissários, e pombos com escritos lancei para o ar, para que me dissessem se entre as ervas, perfumes e óleos se encontrava algo que tivesse mistério e acrescentasse uma gota que fosse ao vosso encanto. De volta recebi o que de mais raro existe na terra, mas os aromas que entontecem faziam-me sóbrio, comparados com o que me inebria sentir-vos por perto.

Ervas que curam a melancolia de nada serviam como presente, porque o doente era eu.

Enviei marinheiros, e ao vento pedi que não se enganasse a quem empurrar; às correntes que arrastam quem nelas confia que não os traíssem e, com cuidados de mãe, gentis os levassem ao porto indicado. Mas as cores que de volta trouxeram, emprestadas pelas algas, búzios e peixes, flores rastejantes do fundo do mar que agitam mil braços ao ritmo lento de silenciosa música, nada tinham que acrescentasse encanto a quem era perfeito.

Passaram os dias, correram as noites. Se a terra e o mar, como maus mercadores, nada exibiam que alimentasse o meu sonho, busquei no céu o que o mundo não tinha. Insano, foi entre as estrelas que busquei a luz pura de que a lua às vezes se veste. Mas ela é avara, e nem com um pouco de si me deixou ficar.

Adormeci exausto. O sonho levou-me ao mercado do céu, onde a bondade, a perfeição e o silêncio, todas essas coisas diáfanas têm textura. Foi aí que encontrei uma rapariga que num cesto levava as maiores venturas e que em si mesma as usava, porque era de muito brilho a luz que dela vinha. Roguei que mas desse para oferecer ao meu amor. Esse encontro de nada serviu, porque ela era como o sol que mal se consegue olhar, pelo que não foi de pronto que reconheci aquela que a virtude vestia. Quando acabei

de falar, de joelhos no chão beijei a sua mão, porque éreis vós a jovem que pelo céu passeava.

Do sonho acordei com o ruído de asas. Não sei de onde surgiu aquele pássaro, porque estavam fechadas portas e janelas, e a luz entrava apenas por aqueles espaços que as traves de madeira deixam entre si. Nada tinha de extraordinário, embora nunca antes tivesse visto tal criatura. Era pequeno como um pardal, de olhar vivo, e tinha um jeito especial de colocar a cabeça de lado enquanto me observava, como se desde há muito me conhecesse.

Durante longo tempo nos olhámos, até que peguei num pedaço de madeira e comecei a moldá-lo pouco a pouco. Assim como do barro nasceu o homem, daquele fragmento de árvore, onde decerto muitos pássaros poisaram, foi surgindo uma ave, réplica exacta da que na intimidade da minha oficina me fazia companhia. Não sei quem guiou as minhas mãos ou afinou os meus instrumentos, mas a verdade é que, quando terminei, senti que naquele pedaço de madeira – obra de um homem que não ordena a vida – batia um coração.

É esse pássaro o que melhor tenho para vos oferecer. Ele é como o amor: se nas vossas mãos o apertardes com muita força, como uma prisão que o ar não deixa entrar, tem dificuldade em respirar e instala-se a agonia até que morra. Mas se abirdes as mãos como quem já não o deseja guardar, partirá livre em busca de outros céus.”

Ela sorriu para mim e estendeu os braços para que deixasse ao seu cuidado a ave de madeira em que batia um coração. Com gentileza afagou-o e, para espanto de todos, o pássaro de madeira ergueu a cabeça e começou a cantar, e a ele se juntaram todos os outros que celebravam Maria.

Ao aceitar a minha dádiva, a noiva recebeu quem a ofertou, pelo que ali ficou selado o compromisso entre o homem que esculpia pássaros e a rapariga que eles pareciam conhecer e celebrar.

Maria recolheu ao seu quarto e parecia feliz. Sentia-a minha, como quando as mulheres a um homem se querem dedicar de verdade, ainda que lhe possam reconhecer defeitos, porque todos têm alma de criança e necessitam que os amem para que cresçam.

Quando ela se afastou, o rabi e eu sorrimos numa alegria cúmplice, e entre abraços bebemos o vinho que nos transforma quando celebramos os momentos felizes.

Para festejar é necessário apagar a memória e desprezar o futuro, ignorar que somos escravos do que o dia nos reserva quando a manhã desperta. Foi por isso que, ligados por aquela irmandade infantil de que só os homens são capazes, nas ânforas procurámos esquecer os deveres. O rabi

sugeri que por uma noite se deixassem esquecidas, abandonadas num canto, as pedras da lei. Eu concordei com entusiasmo, enquanto dissertava sobre raízes e seiva, ramos e frutos, sem que fosse claro se falava de árvores ou mulheres.

Foram chamados vizinhos e amigos para conosco celebrarem. Alargou-se o círculo e expandiu-se a irmandade. De pronto surgiu música e dança, e tornaram-se pagãs as gargalhadas que atraíam os mais curiosos, intrigados com o que se passava na casa do rabino. Naquela noite o coração não se oprimiu, porque se ignoraram os passos dos soldados romanos que na rua calcavam as pedras, os templos conspurcados por ídolos, e os impostos que os publicanos para si guardavam.

Poucos dias na minha vida terão sido de tanta alegria.

O rabi prometeu, com o consentimento da família, em sua casa recolher a minha noiva até que eu a fosse buscar. Eu parti com a exaltação e ansiedade com que pela primeira vez se recebe a mulher.

Imaginei planos, esbocei desenhos inebriado de ideias para que a minha casa fosse digna de a receber, e ao nela entrar o seu coração se alegrasse e lhe trouxesse a paz que todos sentimos quando estamos seguros.

Tinham de ser perfeitas as escolhas que o meu amor inspirava. Não podia, na construção da nossa casa, arriscar ver nos seus olhos qualquer sombra de desilusão no momento em que, entre alaridos festivos, entrasse naquela que iria ser a sua morada.

Ela era jovem, virgem de homem e de desassossegos, uma criança que da vida pouco experimentara. Voltei à infância para saber que conforto lhe dar. Vivi na memória, e quem visse os meus olhos saberia que habitava de novo os dias em que era feliz.

Mas não bastava cruzar o tempo ao revés, descontar os anos e ver-me de novo espantado. A dúvida tolhia o meu passo no embaraço da escolha: A frescura da água ou a brisa do vento? O aconchego quente que vem do deserto ou o conforto doméstico que a braseira empresta? O ocre do barro que nos faz lembrar de onde viemos e que nos faz sentir em harmonia com a terra, ou as cores garridas que servem de enfeite mas não nascem conosco?

Queria levantar a casa perfeita, um corpo que o nosso corpo reveste, definido pela amplidão das janelas, pela pedra ou pelo barro, e por tudo o mais que, não sendo essencial, celebra e ocupa o lugar onde nos recolhemos quando a noite cai e nos faz sentir donos de algo.

De várias partes do mundo vieram conselheiros, artistas e artesãos. A todos ouvi e generoso despedi com mais do que mereciam, porque nada mostraram que me servisse. Quando o último partiu, voltei às coisas simples.

De pálpebras cerradas procurei o que me fizera feliz.

Senti bater nos olhos a luz da manhã, na pele a brisa do final do dia, enquanto no terraço da minha morada ouvia histórias fantásticas de bichos com alma de homem e de homens que também eram bichos.

Invoquei os bens da minha infância. Senti no ar o cheiro do pão e na boca a textura suave e quente. Sorri ao pensar que a cama é um bolo saído do forno, tão grande que nos podemos pôr lá dentro.

Brinquei com os cães, senti o calor dos animais no estábulo. Aspirei o cheiro de tudo o que habitava aquele espaço. Aroma a erva e a dejectos, tão bom e forte, como se corresse debaixo da terra para lhe colher virtudes e depois emergisse naquele espaço escuro onde, entre cascos e mugidos, a vida surge livre do pensamento.

Nessa altura foi fácil escolher, e na casa que construí rosas trepavam entre as pedras, enchendo de encanto o espaço onde Maria amassaria o pão. Mudei as roldanas e coloquei cordas novas no poço, para que não ferisse as mãos na aspereza do trabalho. Junto a ele fiz um banco de pedra que convidava ao descanso e à paz, e ao seu lado plantei uma figueira que derramava quietude.

No jardim em volta da casa mandei que crescessem laranjeiras vindas da Ásia, porque elas anunciam a primavera vestidas de branco, e no verão pode-se colher um fruto doce que cura sedes e males.

Para que se não pudesse magoar, do chão retirei as pedras mais afiadas, e nas árvores pendurei casas de madeira onde se podiam acolher os pássaros, seus amigos.

As crianças vivem num mundo de sonhos. Por isso temi que quando a noite viesse, Maria se inquietasse com as formas temerosas que as sombras procuram imitar. Queria que se sentisse segura, como um filho que vê os pais por perto. Ao encontrar um jardim de oliveiras que ficava próximo, de pronto o compreí, seguro de que em nossa casa nunca faltaria o óleo que arderia nas muitas lamparinas que distribuí pelos quartos.

Até as sombras seriam iluminadas.

Não queria que a minha mulher se sentisse só, por isso um homem que me devia dinheiro deixou a filha como escrava, para que Maria dela se servisse e lhe fizesse companhia. Um cão dócil de dia mudava de disposição quando a noite chegava. Sentinela dedicada, assegurava protecção e aviso.

À casa acrescentei muitos quartos, porque antevia que o corpo de Maria iria desabrochar em vitalidade fecunda. O meu desejo emprestaria a força necessária para que o campo fosse lavrado e nele se lançasse a semente que quando encontra húmus que a alimenta logo se desenvolve em fruto gordo e são.

Não vos relatarei em detalhe o que nesse ano se passou. Bastará dizer que foram tempos gratos em que vivia na felicidade dos dias que hão-de vir. A

fantasia criava o cenário, a mente construía a paisagem, tal como Deus decerto o fizera, antes de lançar as mãos à obra de construir o mundo.

Aí, nessa quimera que a esperança cria, instalei o meu corpo que viveria rodeado de doçuras, certo de que os dias passam sem vento ou tempestades no encantamento do amante em êxtase contínuo. Eu, homem capaz do bem e do mal, estava feliz.

Acreditava que Deus me tinha querido premiar com o que de mais precioso a vida tem: um amor sem falhas ou fastios. A mim, pobre José, homem de mãos ásperas de debastar a natureza, miserável nas minhas fraquezas, outras vezes capaz de alguma grandeza, quando fitando os olhos do medo de peito aberto o afrontava.

O Senhor permitiu-me olhar com ternura para as coisas e para as gentes, e nelas me deixou colher o mistério da sua presença, como abelha que à flor pede emprestada a doçura com que constrói algo maior. Como poderia naqueles dias ter encontrado dentro de mim a alegria juvenil de quem é incauto? Donde nascia de novo a ilusão que faz parar o tempo?

Não falarei dos outros, porque na verdade não os conheço, mas o carpinteiro, quando era menino, olhava extasiado o deserto que se estendia para além do horizonte, no casamento perfeito da ausência e do silêncio. Ao ver Maria, de novo encontrou a paisagem coerente nas formas, luz e cor, que fez renascer a exaltação da criança e o levou à rendição, servo de quem o possui, escravo do medo de perder quem foi capaz de o transportar de novo a um tempo em que o olhar sobre as coisas não era turvado pelo conhecimento do país das sombras.

Maria estava longe e perto, intocável, reclusa, mas guardada para mim na promessa que ninguém pode romper.

Não gasto o tempo que resta na descrição do casamento. Houve música e vinho, e a festa que todos conhecem. Muitas vezes voltei a visitar as imagens e os sons que a minha mente gravou como se de pedra fossem feitos. Reconheço agora que estava cego, porque não vi inquietação nos olhos de Maria.

Mais uma vez a porta se fechou para que descobrisse a mulher. Ela tinha os olhos baixos, braços caídos ao longo do corpo, imóvel como quem se entrega ou se rende.

Se ela era ave, eu era serpente. Lembrei-me de Galeno, já cego e velho, habitado por fantasmas, falando línguas que ninguém entendia, enquanto perguntava pela peçonha que dentro de mim trazia.

Ninguém consegue viver na companhia do remorso. Salomé morrera, era certo, mas eu continuava são, gozando o alvorecer de cada dia, o vinho que

nos alegra, e tudo o mais que o tempo de vida e o cenário que pisamos nos permite desfrutar – obras de Deus para que os homens possam imaginar o destino dos justos. Se fosse culpado, como permitiria o Senhor que saboreasse todos esses frutos? Ele que não hesitava em aniquilar o menor dos seus servos, se à rectidão falhasse.

Ide para longe inquietação, afastai-vos prudência, morra a velhice e os seus desassossegos, que arda a ansiedade e a angústia, porque à minha frente está a vida feita corpo. Vinho e o cálice que o contém.

Peguei-lha na cara com as duas mãos, sentindo ao de leve a macieza. Com o polegar afaguei o rubor que tingia a face. Vergonha ou algo mais que vem de dentro.

Encostei ao meu peito a sua testa. Beije-i-lhe o cabelo. Olhei-a depois nos olhos, ou pelo menos assim quis, mas não encontrei diálogo. Por isso, sem violência, mas com a imposição de quem não admite réplica, beije-i-lhe a boca. Senti que ao fazê-lo impedia um trinado.

Deitei-a ao meu lado e confrontei o seu silêncio com a minha eloquência de palavras loucas, vocábulos sem rumo. O coração que em viagem se despede, enquanto a mão descia até aos seios e os encontrava firmes, maiores do que imaginara. Veias dilatadas como rios.

Mais não digo para não ofender o pudor de quem me ouve, ou para que através das minhas palavras não vejam o que escondido deve permanecer.

Depois a mão quis tomar posse do que era meu. Desvairado trespassasse fronteiras, enquanto lhe falava de pássaros de madeira que não se devem soltar e como as mãos, quando se fecham devagar sobre o corpo de quem se ama, não matam o amor, antes o guardam.

Mas a mão surpreendeu um perfil inesperado, um endurecimento onde apenas a macieza devia habitar. Aí parou perplexa, e convidou os olhos a espreitar. Não era planície o ventre, mas outeiro, paisagem ocupada. O seu corpo outro corpo guardava que o meu repelia.

Recuei atônito, envelheci muitos anos, respirei mais fundo, como o moribundo que da vida se despede.

Maria para mim virou os olhos de menina, naquele brilho sem nódoa, polido como vidro, onde se pode ver a alma. Nela não vi pecado ou malícia, apenas viço e a textura, cheiro e cor, do que é novo.

No seu olhar havia compaixão e um tom de leve desgosto, como quem tem o triste encargo de dar uma má nova, mero mensageiro de algo que lhe escapa ao domínio. Deu-me a notícia, explicou-me o simples na linguagem dos pássaros e das árvores, e o céu sobre a terra fez descer:

“O Senhor em mim poisou.”

CAPÍTULO IV



E os pássaros estavam parados
em pleno voo

[Proto-Evangelho de Tiago 18-1]

O sol fere-me os olhos, e a luz intensa torna difícil que me vire para dentro e me deixe mergulhar na profundura negra da alma de um homem feito víscera.

Desde então correram muitos dias. Invernos amenos, outros nem tanto. Filhos de filhos nasceram, morreram amigos, crianças fizeram-se homens, e homens viram o sopro do tempo escrever no pergaminho da pele a história de cada um. Raparigas deram flor e fruto, e mais tarde secaram.

Não perdura a marca que na areia o homem deixa, porque na maré seguinte o mar a leva consigo. Do mesmo modo o passar dos dias é bálsamo para a alma ferida. A vida é caminho e, como o pé que pisa aspereza com o passar do tempo cria pele dura, também a dor mais profunda a pouco e pouco de nós se separa, não por inteiro, mas o suficiente para que uma vez por outra a consigamos esquecer.

Queria dizer-vos onde mora a dor suprema, porque aí vivi. Encontrar a palavra que feita tinta desenhasse o sentir. Mas todo o verbo é pouco e fica aquém, e não é possível falar do frio a quem nunca de agasalho precisou, ou de medo àquele que abrigo nunca perdeu.

Saiba quem me escuta que se pode morrer sem que o corpo disso se aperceba.

“O Senhor em mim poisou.”

Nesse instante a noite prolongou-se pelo tempo. Deixei de respirar e o coração de bater. Morri por instantes, mas quando ressuscitei o homem tinha perdido a sua humanidade e, se o fitasse, a fera fugiria. Os meus olhos de súbito não viam, porque lançavam trovoadas e tormentas, e do peito nasceu um ronco, óleo sujo como um vômito, onde no final se dissolvia um soluço.

Abriu-se-me o peito, senti a pele arrancada como se fosse cobra, e a dor

dilacerava como um corpo de mulher que grita rasgada no momento de parir.

O leito, feito de cetins e sedas, aguardava a refrega, corpos em batalha que se ferem. O homem, desejo feito arpão, com sangue festeja a passagem da menina a mulher. Mas não houve celebração. Os lençóis permaneceram intactos e sem mancha. As almofadas não continham a forma de corpos cansados que repousam da contenda. As luzes tremeluzentes do óleo que ardia foram testemunhas indiferentes ao drama que vivi, e o quarto, na sua quietude, foi cenário a chorar a ausência dos atores.

Ao sentir a minha ira, ao ouvir os rugidos que saíam do meu peito, Maria assustou-se e tremeu como passarinho que mão humana prende.

Os seus olhos não compreendiam, e no peito batia um coração que temia, protegido por um seio que já não era de menina. Ficou deitada, envolta em si mesma, e as pernas eram um escudo que protegia o ventre.

Com as mãos que pedras racham e que à terra arrancam árvores, segurei os seus braços, não ao de leve como a nudez de uma menina reclama, mas como a tenaz do ferreiro que o ferro em brasa aperta.

Pus de pé a minha noiva, como se colocasse na mesa um objecto tombado. Em soluços afundei-me agarrado às suas vestes, como se fossem tronco de árvore que me mantinha à superfície. Mas nada me sustentava e, ao acabar no chão, desnudei o que faltava ver.

Morri, continuando vivo. Tombou a minha cabeça, soltaram-se os braços, quebraram-se as pernas. Calaram-se os risos da minha infância, sumiu-se o calor do sol e a frescura do vento. Diluíram-se memórias, todo o pecúlio que um homem guarda dos momentos em que foi doce viver. A minha vida era agora grão de trigo que a mó esfarela, fruto da oliveira que a pedra esmaga, um homem reduzido a pó e óleo, massa informe com um nome.

Estava exposta a traição, a vergonha a descoberto, era indiscreta a dor. E no entanto, no recôndito do meu ser não se apagara por completo o eco do desejo.

Se Maria tivesse o corpo coberto, sobre ela arremessaria toda a minha ira e os músculos de um homem que a loucura incendeia e transforma em bicho. Os punhos fechados seriam martelos, e machados os meus braços. De dentro de mim nasceriam fúrias. Ventos desordenados e ondas gigantescas tudo arrasariam. Arrancar-lhe-ia os cabelos como se fossem searas e foices os meus dedos. As mãos cinzelariam entre sangue e ossos quebrados uma face nova e horrenda, onde já não coubessem olhos. A boca seria a de uma velha, desarticulada e sem peças, e do seu ventre o meu braço arrancaria o fruto ainda verde.

Mas Maria estava nua, de olhos parados como uma criança acabada de

nascer. Os cabelos soltos eram adorno sem que disso desse conta. Seios de advento, na preparação do que há-de vir, e que dentro de si germinava, cada dia mais perfeito e não meu.

Pediam clemência os olhos, sugeria brandura o sexo que prendia o meu olhar. O campo onde deveria derramar o meu amor fora usurpado, trespassada a sua entrada e destruído o templo por um invasor que, ao profaná-lo, deixou dentro os vermes de que era feito.

Porém, ao olhar a sua nudez reconstruí imagens. Ao longe o canto dos badalos das ovelhas no regresso a casa. A voz do pastor que ordena, e não destoa no final do dia. Paisagem habitada, mas quieta. Silêncios diversos que se misturam no enquadramento perfeito que os meus olhos de menino guardavam para as horas de tristeza.

Não consegui sujar esse momento, lançar uma nota de repulsa na paisagem quieta do seu corpo. Por isso me levantei.

Estava velho de muitos anos. As pernas, de músculos descarnadas, não conseguiam erguer o esqueleto que se curvava. Pedi a Maria a mão e apoiei-me nas suas ancas. Olhei-a mais uma vez, enchi o peito da sua juventude e, depois de o seu pudor ter respeitado, abri as portas do meu quarto.

Aos convidados que entre risos e chacotas aguardavam que o homem cumprisse o mais doce dos deveres, o trabalho melhor remunerado, anunciei com um grito rouco que imitava a virilidade do guerreiro:

“Está consumado!”

Entre abraços e risos lancei-me no meio dos convivas, e com fúria festejei. Ordenei que não parasse a dança, e imitei os faunos de alegria perversa. Fui Dionísio, babei vinho e saliva que me escorriam pelo queixo manchando a túnica. Soltou-se a língua que, indigna, dizia as coisas sujas que condenaram Sodoma. Por fim, quando pude chorar as lágrimas do ébrio, foi entre soluços que terminei a festa.

De rastos, como a criança que ainda não sabe andar, de novo entrei no quarto do meu desassossego, onde adormeci no chão, indiferente ao vômito e às fezes.

José, o construtor. Com as minhas mãos ergui edifícios, pedra sobre pedra montei. Construções sólidas, coerentes, que resistiam ao vento do deserto e ao peso dos homens. Assim tinha querido que fosse a minha vida. Pedaçoes de existência uns sobre os outros colocados, como se seguisse os desenhos de um projecto. Gostaria que, chegada a hora que antecede a morte, de mim mesmo me soltasse e, contemplando-me à distância, me pudesse orgulhar do que tinha construído, porque estava de acordo com a Lei e a vontade do

Senhor.

Bem sei que é efêmero o contentamento do justo, porque a virtude permanece em risco até que o coração pare, e apenas pode descansar no momento exacto em que se suspende a vida e a vaidade. Mas mesmo que o vento leve consigo as marcas fugidias que neste mundo deixou, o justo alcança a paz, enquanto eu nada tinha que merecesse ser visto ou imitado, pois a minha vida tinha desabado, e no chão se acabou coberta em lama.

Não sei se dormi muitos dias, ninguém me disse e não perguntei. Assim como o feto vive imerso em escuridão, e de forma bruta encara a luz ao ser da noite expulso, também eu, do mesmo modo, despertei.

O chão estava limpo, o quarto cheirava a lavado. Havia um perfume doce no ar e flores enfeitavam os recantos. Almofadas alinhadas no sossego do aconchego doméstico. Nos cantos tremeluziam as chamas das lamparinas, lançando a luz e a sombra do conforto. Nenhum sinal de tempestade, nenhuma desordem de tormenta. Toda a casa estava em silêncio, mas pareceu-me ouvir em sua volta, vigiando a noite, o restolhar de asas.

Maria estava deitada aos meus pés. Dormia tão tranquila que parecia sorrir. O seu peito movia-se como um barco embalado por ondas calmas. Imaginei que sonhava voar, e embalada no seu sono cruzava os céus, a conhecer outros países.

“O Senhor em mim poisou.”

De quem falaria?

Recordei o soldado romano que no mercado vi lançar sobre ela o olhar e o riso. Maria baixara a cabeça, é certo, mas pareceu-me perceber que não lhe era indiferente a atenção do guerreiro viril que cruzara montanhas e sobre o inimigo se lançara sem temor. Quem derrubara homens, com facilidade levaria consigo, num recôndito de viela mais escuro, uma jovem que de tão leve parecia pairar.

Imaginava-o tomando-a pela cintura, e ela sem resistir, na moleza de quem aprecia a corrente do rio e por ela se deixa levar. Alguém que adormece indolente, quando o sol é mais ameno.

Braços mais fortes que os meus a aprisionaram. Peito mais largo o dela acolheu. A lança contra o arado, o gládio contra a canga. Ele dera-lhe a força de um homem, e eu passarinhos de madeira e um poema.

Aquelas mãos, que em Jerusalém conspurcaram o templo, de novo tinham tomado o que me pertencia. Na virgem que me era destinada a águia romana as garras ferrava, e dela se alimentava. Quando terminou, satisfeita e farta, lançou uma última risada, e à rua devolveu a menina, para que, já usada, fosse minha.

“O Senhor em mim poisou.”

Referia-se ao rabi que a acolhera? Na verdade o que o distinguiu de mim, que encontrei boas razões para ceder ao desejo mais do que à virtude? Se no íntimo nos sentimos irmãos nos sentimentos, e portanto na razão, que distância nos separava?

Naquele ano, ao recolher Maria e ao entregá-la aos cuidados da sua mulher, habitaram em casa do rabino a juventude e a velhice, ambas expostas lado a lado no confronto a que nenhum homem é indiferente. Formas firmes, prestes para as funções para que Deus as desenhou e, a seu lado, o passado que nenhuma emoção provoca ou desejo desperta.

A natureza festeja a primavera e espera que o inverno seja breve.

O homem que no templo ensinava a palavra de Deus fora condenado a partilhar o dia e a noite com uma mulher seca e sem formas, de temperamento agreste, incapaz de acrescentar alegria a um amor feito por desfastio. Obrigação que uma vez terminada era festejada com alívio, sem um beijo de ternura ou o aconchego de um corpo que procura na pele do outro a intimidade dos amantes.

Se assim morriam as noites, os dias não eram mais festivos, preenchidos no estudo da Tora, que a cada passo lembra ser o homem escravo do seu criador. A tradição ordena que assim seja, e impõe aos vivos leis ditadas por cadáveres do fundo das suas sepulturas. Tudo isto sem que alguma vez fosse possível o exercício da dúvida, ou permitida uma viagem ao coração do homem, onde, desde a infância, reside a fantasia.

Mas talvez uma noite se soltasse a incerteza: E se por vezes o Senhor adormecesse e não tivesse disposição para vigiar as acções dos homens? E se concedesse aos mais pios, uma que outra vez, a oportunidade de neste mundo terem o prémio que a eternidade reserva aos justos? E mesmo que assim não fosse, porque não deveria Ele perdoar uma falha a quem durante tantos anos estivera ao seu serviço?

Todas estas razões pareciam suficientes para vestir o desejo, dando-lhe uma outra aparência. Expulso o incómodo da consciência, o homem no seu discurso interior a si mesmo se engana, usando ardis de inteligência que repugnaria nos outros, tornando justificado o acto vil e razoável o embuste.

Não me excludo de pecar da mesma forma, pois se ao rabi atribuí sentir e pensamento, reconheço que ao emprestar aos outros uma voz que nunca ouvi enuncio a minha fala.

Via-o a soltar-se da sua mulher quando a noite é mais funda e o sono mais pesado. Imaginava-o a mover-se com cuidados de fera que a presa não pressente. A erguer-se com lentidão, de respiração suspensa, pondo os músculos ao serviço do silêncio.

À porta do quarto de Maria, o coração batia mais depressa e as mãos tremiam de medo e de gula, na antecipação do corpo que apetecia. Tal como de uma cama saía, na outra entrava, repetindo gestos e cuidados, para que se mantivesse incauta a noiva que não lhe pertencia.

Estava seguro de que Maria acordara assustada, sem compreender o motivo ou intenção. Na penumbra do quarto percebia que uma mão lhe impunha silêncio, por debaixo da túnica sentia outra que não permitia réplica. Segredadas ao ouvido, Maria reconhecia, abafados pelo cuspo, promessas, ameaças e suspiros, num dialecto gutural que a ocasião inventava.

Assim obteve o servo de Deus o que pretendia. Depois, resignada ou temerosa, ela permitiria que o mestre e benfeitor se servisse da mesa posta. Por isso a mordida como se fosse pão, e dela se inebriava como se fosse vinho.

Imaginava os argumentos do rabino. Na calada da noite ouvia-o em surdina assegurar que não era pecado aquele amor, que ao servi-lo ela agradava a Deus, pois favorecendo o servo contentava o senhor. Lembrar-lhe-ia que, não tendo família nem bens, estaria condenada a servir homens mais brutos. Que não deveria temer, pois muitos lhe disseram ser eu homem de pouca vontade, um ermita no deserto da própria casa, que há muito não procurava outras sensualidades do que as que obtinha, todos os dias, no uso do formão.

Imaginava-o arrependido assim que satisfeito o seu desejo, porque não há nesta vida prazer tão intenso e tão fugaz. Miragem que, uma vez alcançada, não mata a fome nem sacia a sede.

“O amor” – dizia Galeno – “É como a Fénix: pássaro que arde no seu próprio fogo, para de novo renascer das cinzas”.

Esgotado o impulso, entre lágrimas repetia que não voltaria a pecar. No peito de Maria soluçava, e com o punho no seu batia em sinal de arrependimento. Passava os dias em oração, rogando ao Criador que lhe perdoasse as faltas. Enquanto levantava as mãos ao céu, na esperança da misericórdia do seu Senhor, no seu íntimo culpava a vítima e a si mesmo se ilibava, porque beleza tão tentadora não podia ser obra de Deus.

Porém, na noite seguinte vigiava insone, mantido desperto pelo desejo. Por momentos afastava para longe a tentação que o consumia, mas dentro de si sabia que era demasiado forte a corrente que o levava, e que era inútil lutar.

Vencido, esperava ansioso a hora de escapar do seu quarto e, como um ladrão, entrar furtivo no aposento de Maria. De novo a despertava com o peso do seu corpo, o incômodo das suas barbas, e o resfolgar do homem velho e pesado que qualquer esforço cansa.

Com rancor lembrei os abraços que trocámos e o vinho que partilhámos. Tinha visões do seu corpo obeso, da flacidez do seu ventre, da palidez enjoativa da sua pele submergindo o meu amor, entrando dentro dela em impulsos cada vez mais violentos. Fera escorrendo baba, enquanto dilacera a presa.

Quis vomitar.

Mas depois olhei para ela, deitada aos meus pés como cão suspenso da vontade do seu dono. Não a expulsei. Era tão nova...

Durante muito tempo meditei no que faria. A minha mulher era adúltera, e disso a poderia acusar como estava escrito na Lei. Às portas da cidade uma grande multidão seria atraída pelo rumor do castigo. Entre gritos, mulheres rancorosas da beleza de Maria de pronto lançariam pedras ferindo-a de morte, deixando na areia do deserto um corpo esventrado que serviria de túmulo a outro corpo pequenino.

Uma massa de sangue seco e, a surgir de entre a túnica, braços que se não movem. Sobre os seus olhos já sem brilho desceria o nevoeiro, e deles se serviriam as moscas. Morta, seria crucificada para que todos a vissem. Cães nela ferrariam os dentes e mendigos rasgariam as suas vestes. Loucos tocariam a intimidade fria e sem préstimo, e teceriam comentários ao que restava da sua figura. À sua volta, numa restolhada desconexa, voariam aves sem rumo.

Estremeci perante o que a mente via. De novo a náusea e a certeza de que não era homem para tais actos. Filho de quem fazia perfume e de uma mulher que amava a cor, não corria nas minhas veias o sangue de Caim.

Maria pairava como uma ave, e eu nunca matei um pássaro. Os meus companheiros de infância, peritos em fundas e pedras, exibiam troféus inúteis, incapazes de voar. Eu, que admirava a graça dos desenhos das aves planando no vácuo, numa harmonia que os desajeitados bichos da terra não conseguem imitar, como poderia derrubá-los para os exibir amarrotados, de cabeça pendente, como trapos?

Da matéria bruta extrai beleza, não podia tornar em dejecto o que era música. Sempre procurei a harmonia das formas e, agora que as tinha à mão, como poderia destruí-las?

O mundo deve ter uma ordem e a vida um sentido. Se assim é, ao sorver o sangue da mulher apedrejada, a terra que é mãe de todos os homens decerto a choraria, e esse lamento subiria ao Senhor que, ao escutá-lo, faria de mim um homem perdido para sempre no deserto do remorso.

E a verdade é que a amava, com aquele amor que um homem velho tem por quem lhe permite a ilusão de recomeçar a sua vida com menos erros, como se os anos passados fossem um mero ensaio de um futuro mais

perfeito.

Não é verdade que se viva uma vez, porque, ao amar, voltamos de novo ao princípio.

Maria moveu-se, e o meu coração parou na expectativa de que despertasse. Foi apenas prova de que estava viva, pois de pronto se acomodou. Eu fiquei imóvel para que não a incomodasse qualquer ruído. Lá fora a noite continuava quieta, como se o vento tapasse a boca para não soprar.

Examinava-lhe as feições com o encantamento de quem tem a seus pés a perfeição. O desenho da boca, a curva das sobrancelhas, a forma natural como os cabelos se despenhavam pela cama. A curva de uma perna que desprevenida se mostra.

Não sei quantas horas me mantive a observá-la no seu sono, no mesmo estado de alma que me levava em criança a ficar só, sentado numa pedra, na contemplação silenciosa da paisagem quieta do deserto.

Maria acordou ao mesmo tempo que o sol se anunciava. À nossa volta surgiam os primeiros sons da manhã, prelúdio da vida que recomeça.

Emergiu do seu sono lentamente. Nos olhos a expressão inquieta da criança que os pais apresentam a um estranho. Ao pressentir a minha aflição, apiedou-se de mim, e sorriu para me tranquilizar. Depois iniciou a escalada do meu corpo até repousar a cabeça no meu peito. Sentiu-se cómoda, fechou os olhos e de novo adormeceu.

“O Senhor em mim poisou.”

Experimentei a paz, como quando os filhos dormiam tranquilos no meu colo, imaginando-se seguros da força que eu não tinha. Ao descansar em mim, Maria fez-me subir a um lugar sem peso, e ali fiquei, imóvel no sossego, querendo prolongar a quietude que sentia. Mas o tempo tem o seu tempo, que inexorável avança até destruir o sonho.

Com lentidão afaguei-lhe a cabeça, a minha cara encostei aos seus cabelos e, como costumava fazer em criança, antes de adormecer, rezei baixinho, emprestando-lhe a minha voz: “Senhor, nas tuas mãos entrego o meu espírito”.

O sol continua o seu caminho, prestes a atingir o ponto mais alto. Devo avançar a minha história para que saibam o que me trouxe até aqui. Mas resisto, porque há raros momentos em que a memória, como a vida, devia estar parada.

Não me perguntem como tolerei o insulto e a traição. Porque aceitei ser o leito do seu corpo e a sentinela do seu sossego. Dentro de mim quis que renascesse a raiva que me fazia sentir mais forte. Procurei trazer de novo a

fúria que me movia o peito, tremer com a indignação do justo. Ferir para manter a ordem. Mas, na verdade, a vida é o milagre de cada um, uma história única, como se habitássemos sozinhos este mundo.

Porquê abandonar o nosso sentir, para escrevê-lo de acordo com a lei de outro?

Eu era pastor e ela a minha ovelha. Senti-me de novo menino, naquela idade em que se tem irmandade com os bichos. Afaguei-a como se a lã a cobrisse e, ao avistar-me, lhe sorriram os olhos em agradecimento pela existência de ambos.

Com ela percorri prados e trepei outeiros. Recolhi-me à sombra e cuidei que bebesse, e nessas viagens e ocupações perdi a memória do tempo, até que Maria acordou. Ficámos deitados lado a lado, navegando a manhã que avança, protegidos pela penumbra que as portadas preservam, interrogando em silêncio o mais profundo de cada um.

“Diz-me Maria, o Senhor em ti poisou... Era ele forte como um soldado, sábio como um rabi?”

Ela disse que não.

“Jovem e forte? Experiente e seguro?”

De novo o movimento da cabeça que desmentia.

“De dia te tomou e à força te prendeu? Ou de noite como uma sombra no teu leito se instalou?”

Ela olhou o chão, e num sussurro negou.

“Fala então. Diz-me se foi de tua vontade que rompestes a promessa sagrada e que o teu marido feriste.”

Ela não respondeu. Poderia ter negado ser cúmplice em tamanho crime, revelar entre lágrimas o abuso a que a tinham sujeitado. Rogar clemência pois estava inocente, mas da sua boca nem uma palavra que a defendesse, como se tivesse medo de revelar quem a tinha ofendido.

“A tua família não mais será honrada. Sujaste a memória dos teus pais e avós, e sobre a tua tribo lançaste a vergonha. A cidade reclama que para sempre te expulse, por uma vez de acordo, fariseus e saduceus dirão que só com a tua morte o que resta será salvo. Reclamam que o teu sangue não mancha mas lava, e que a tua dor é bem-vinda, pois é toalha que as lágrimas de outros irá secar.”

De novo o silêncio de olhos e boca, enquanto a zanga renascia em mim. Levantei a voz e sacudi o meu corpo na exigência de uma resposta

“És vítima ou culpada?”

Então Maria ergueu-se, e a voz de menina flutuou no ar como uma ave que guardasse em si a brisa que no céu a sustenta:

“Meu senhor: Na vossa vida encontrastes o dia e a noite, o sol e a lua, a escuridão e a luz, tal como foram criados no primeiro dia. O mar e a terra

seca, a erva e os frutos. Os animais que povoam as águas ou os ares, ferozes ou dóceis. As plantas que perfumam a vossa casa, e as ervas daninhas. Os terrenos férteis e o deserto. O tempo de desalento e o das alegrias, o nascer e o morrer, a inveja e a bondade, a cobiça, o desânimo e a coragem. Sabeis que há tempo que passou, e um outro que há-de vir. Conheceis o fogo que nos queima, a água que nos sacia, o ar que respiramos. Olhais para cima e reconheceis o céu que ambicionais, para baixo o chão de onde vindes e para onde tornareis. Entre um e outro, tudo o que sabeis existir e, para lá de ambos, o que presumis acontecer. Um só Deus tudo criou, a um só Senhor obedecemos, como querieis que me negasse a trazer no meu ventre o fruto de quem tudo sabe, tudo fez e tudo possui?”

Quando Maria falou, o vento deixou de soprar, as aves pararam o seu voo, e o mundo em volta parecia calar-se, como um servo que escuta o seu amo.

Os céus aprovavam o que dizia, porque o universo se aquietava quando ouvia a sua voz.

Lembrei-me de Galeno e dos deuses gregos que, embora pairando acima dos homens, entre as nuvens cediam às mesmas tentações e impulsos. Montados nas estrelas, escondidos entre as nuvens, como milhafres de olhos postos na terra, espiavam as raparigas que entre si brincavam pelas margens dos rios e, para aquietar uma gula obscena com urgência de ser satisfeita, seduziam as virgens que mais apeteciam.

Maria estava louca. Não era possível que o criador do mundo, o Deus de Moisés e Abraão, o pai do povo judeu, se comportasse como as venais figuras do Olimpo e, seduzido pela beleza, na calada da noite se apoderasse de uma jovem e a tomasse, para nela fazer um filho.

Como poderia Ele infringir as leis que o próprio impunha? Obrigá-la a quebrar o compromisso solene que sob testemunhas tinha firmado? Como poderia humilhar um dos seus servos, pobre carpinteiro, homem apenas (mas seu filho), ao roubar-lhe a mulher num abuso de poder mais vil do que a violência do romano?

Eu amei a vida desde o momento em que, solto da minha mãe, abri os olhos. Tudo o que a terra me deu foi motivo de louvor. Deus concedeu-me o privilégio de existir, e por isso lhe estava reconhecido e o cantei. Como poderia tomar a minha mulher e depois me entregar para que grávida a protegesse, livrando-se de uma responsabilidade que por inteiro lhe competia?

Como poderia fazer de mim sentinela atenta ao chocar de um ovo que não me pertencia? Se assim fosse, toda a gratidão no mais fundo do mundo enterraria, aos céus o meu punho levantaria num desafio para que à terra descesse o cobarde que de uma jovem abusara, atropelando votos, negando

a pureza e pisando as leis.

E se Maria falasse verdade? Não pode ser juiz quem nunca foi tentado, porque só assim compreenderá o homem em toda a sua dimensão. Como apreciará a coragem quem nunca teve medo? A beleza, se tudo o que viu foi perfeição? Seria possível que, para punir a falta, Ele tivesse de a conhecer?

Se Maria falasse verdade, Deus tinha pecado.

Poderia ter elegido uma mulher solteira ou viúva. Do céu fazer descer um filho, ou até Ele próprio, sem emissário, vestido não de labaredas como Moisés, para acentuar pelo fogo o poder da voz que ordena, mas de uma forma mais serena, conduzindo o povo eleito à terra que a justiça há muito reclamava.

Mas, se o inimaginável acontecera, não fora assim: o Criador apaixonado pela sua criação, o pai pela filha, o artista pela obra. Escolhera a mais bela das virgens de Belém, sobre ela lançara a vergonha e a semente, tal como os imortais que habitavam as nuvens da Grécia, numa promiscuidade de onde nasciam seres indefinidos, de quem não era possível dizer onde acabava o homem e começava a divindade.

Sim, porque se fosse verdade a impossibilidade que Maria evocava, onde terminaria o homem e começaria o Deus quando sentisse fome ou frio, ou lhe doessem as pernas a caminhar? Ou quando, ainda criança, lhe caíssem os dentes ou ardesse em febre?

Eu chorava de vergonha por me não deixar indiferente o corpo da minha filha, por tocá-la por vezes de forma indiscreta e vê-la como um cálice, pronta a receber o desejo do homem. Mas não era Maria também filha de Deus? E se o era, ao preencher o mais íntimo do seu corpo, não teria Ele feito pior do que eu?

Não, não era possível o que Maria afirmava. Era decerto um delírio, resultado de uma mente insana que a violência dos homens tinha criado. O seu corpo desvairava e, na febre da loucura, queimava a dor e a suprema angústia que o fraco sempre sente quando o seu corpo range sobre a opressão do poderoso. Se Maria falava da vontade do Senhor, seria decerto o sacerdote quem dela se servira. Eu poderia reunir os mesmos homens que um dia em minha casa se abrigaram e, lançando sobre o rabi um olhar que o desvendava, informá-los de que a mulher que me tinham destinado enlouquecera e por isso a repudiava, e de volta à morada do rabino a devolvia.

Porém, seria ainda maior a minha perda se, tendo sido a mim entregue a perfeição, a devolvesse ao que dizia ser o arauto do Senhor, para que de novo a lambuzasse com sofreguidão urgente. Não podia permitir que a repugnância da beleza se servisse, num festim de carnívoro que dilacera a harmonia.

Uma vez livre desse encargo, noites de amor antecipava, porque quando no corpo dela mergulhasse, envolto pelas águas de que era feita, decerto o passado esqueceria. Na verdade, eu desejava o corpo da mulher. Era certo que no ventre se notava já o casulo que crescia, mas tudo nela me chamava para si. Os cabelos longos que pareciam rios que transbordavam. O tremor das pernas que me lembrava o agitar nervoso dos cavalos ansiosos pelo galope.

Mas sobretudo os olhos. Eu era um homem de arte, obrigado pela necessidade a criar objectos e utensílios, coisas chãs desprovidas de sentimento mas, mesmo assim, emprestava ao mais utilitário dos instrumentos uma amostra do que é a alma.

Satisfeitos os encargos do quotidiano, na oficina esculpia figurinhas, como um pai órfão que não necessitasse da mulher. Não podia por isso fugir ao encanto do seu olhar. Nele via nascer o mundo, ou antes, percebia porque tivera Deus o incómodo e o cuidado de gerar o universo: os olhos dela. Neles estava espelhado tudo o que de belo existe: a bondade e a paz, o sorriso da infância e o riso da criança. A luz que pela manhã nasce suave, mas que anuncia já a paisagem que habitamos.

Não me compete revelar, a quem nunca os decifrou, todos os segredos que um olhar encerra. Por isso basta o que agora digo para que entenda a razão do meu falar que alguma vez amou uma mulher.

Nesse dia tracei o meu destino, ao pretender que acreditava no que Maria tinha dito. Aquele que ia nascer não era filho de um homem, mas sim do desejo do Senhor, que de todas as mulheres do mundo a minha escolhera, para exercer de novo a magia da criação.

Por isso a beijei de forma casta, pois não queria perturbar quem tanto sofrera às mãos de um homem, fosse ele soldado ou representante do Senhor, ou qualquer outro que dela tivesse abusado.

O sol, como neste momento em que vos falo, estava alto, e as pessoas recolhiam-se para onde houvesse sombra. Um trinado de pássaro, o chiar de uma carroça, ou o ruído dos cascos de uma azémola não chegavam a perturbar a quietude do nosso quarto.

Eu não deixava que a luz entrasse, pois, se tal acontecesse, a minha vida de novo se viraria para o mundo. Não queria sair fora daquelas paredes que nos protegiam como se fossem muralhas e nos davam a ilusão de termos a terra inteira só para nós. Que não cessasse aquela intimidade, que me lembrava a ternura desmedida que liga a mãe a um filho após o parto.

Era possível viver uma eternidade sem que o corpo tivesse sede ou fome, porque o meu amor bastava.

Porém, eu teria de mentir, guardar em mim um segredo terrível, encenar

uma partilha que não existia, como quando alguém omite ao moribundo o seu estado, fingindo estar de perfeita saúde quem já consumiu a vida.

“Se o Senhor em vós poisou, que mais posso eu fazer, servo humilde, senão acatar a vontade que vem do alto, e grato lhe ficar por ter elegido para tal designio um membro da minha família? Humilde me curvo perante a Sua vontade, e agora vos digo, Maria, que muitas profecias se cumprem, e o destino é servo das palavras dos homens sábios a quem aquele que tudo conhece sussurra as palavras do advir, pois é certo que há muito se anuncia a vinda de um Messias.”

É certo que fingi acreditar. Não devo contudo ser severo no juízo que faço de mim próprio, pois se é certo que a verdade escondi, também afirmo que o mais importante revelei, quando, num delírio mais fundo do que o seu, inteiramente me despi, ao dizer que a amava em tons de azul.

Coisas tolas dizem os homens para dar colorido aos sentimentos, porque as suas palavras tingem e perfumam, como se o discurso amoroso fosse gerado pela mãe e se reconhecesse filho do pai.

Sim, em tons de azul. Depois de fingir acreditar no que Maria me dizia, e me pretender submisso e até grato por aquela que seria a vontade do Senhor, da minha boca saíam palavras sem sentido, para uma menina que, de tão jovem, não as poderia entender.

“Amo-te em tons de azul”, e na minha mente navegava um barco que cruzava céu e mar, empurrado por ventos contrários, que ganhava força para avançar pelas energias que para trás o impeliam.

Dirão talvez que é ridículo o homem velho, de quem a carne se desprende e a pele se enrugam no amarrotar das coisas que deixaram de ter préstimo, jurar amor, como se houvesse na sua vida paisagem para além do que a vista alcança, mistério escondido na fronteira do horizonte. Mas a verdade é que a ela me abracei como se lhe devesse a vida. Ao fingir que acreditava libertei-me, recriei a minha história, e num sítio diferente me instalei para de novo nascer.

Beije os seus cabelos, a face e a fronte como a um filho que se despede, e derramei sobre ela as lágrimas de quem tem a consciência de que nada é perante o milagre luminoso de existir e, ao ter tanto e ser tão pouco, o sentimento se exacerba e de si derrama, porque o transborda, o mar primordial de onde veio.

Nessa noite adormeci cansado, e o meu sono foi agitado por pesadelos em que bandos de anjos de asas largas desciam sobre a minha casa como pássaros gigantescos. Diziam-se emissários do Senhor, e entre os sons de trompetas que os anunciavam, liam um rolo infundável onde estavam escritos os mandamentos, a que se juntara uma cláusula nova, que ordenava dever eu cumprir os Seus designios, porque sendo escravo da Sua vontade,

não poderia reclamar para mim a mulher que Ele desejara.

Depois de me imporem a vontade do Senhor, para os céus se erguiam com movimentos de garça. Ao vê-los sumirem-se no alto, eu agitava os braços para que não partissem, e gritava para que me ouvissem. Reclamava que era um abuso aquela incumbência, ordenada contra a minha vontade, imposta contra o meu desejo. Depois, ao perceber que eram inúteis os meus esforços, caía de joelhos num choro inconsolável, por ter sido desprezado.

Tinha vontade de morrer, ao ser vítima de quem o prazer de viver me ofertara.

De manhã acordei exausto, coberto de suor, e sentindo ainda os restos de revolta que, em sonhos, me faziam falar contra o Senhor.

Os dias que se seguiram foram de mel e vinagre. Quando dela me afastava era invadido por imagens que me doíam como se uma mão me puxasse as entranhas, como se faz aos animais depois de abatidos. Mas eu estava vivo e sentia.

Espectador do maior dos ultrajes, na minha mente ressoavam gemidos e beijos, e escorria o cuspido e o suor de alguém que a banhava. O corpo que devia ser meu, por outro homem apertado. Nádegas e peitos amassados com furor e depois deixados para mim, como os restos que ficam pela mesa e se destinam aos cães que, no chão, deles se irão servir.

E depois, a certeza de que havia alguém que, em querendo, podia reavivar a memória desses momentos, trazer de novo até si a nudez de Maria, e a sensação de nela penetrar e de novo usufruir, ainda que envoltos em névoa, os fragmentos desse prazer iníquo. Gozar dela as vezes que quisesse, porque de dentro da memória recuperava a companhia e até o cheiro e o sabor da sua pele. Outras vezes chamava a si um certo olhar de água que ela deixara escapar quando amolecia e aceitava o prazer.

Eu tentava afastar esses pensamentos, mas a minha mente era asno em volta da nora. Ruminava como um boi que à boca de novo traz o alimento depois de ingerido, na cumplicidade asquerosa da trituração e do vômito.

Crescia em mim raiva e a vontade de matar.

Vê-la era acordar do pesadelo. O meu peito esventrado, como por encanto de novo respirava. Os dentes cerrados como quem se prepara para desferir o golpe, ou busca coragem para combater a dor mais intensa, davam lugar ao sorriso de quem se sente confortado.

Os urros que soltava em silêncio, e que dentro de mim ecoavam em busca de saída, davam lugar à bonança da maré baixa. Nunca, naquele tempo, homem algum ousara falar de amor, pelo que as minhas palavras subiam sem destino, varridas pelo tempo que as apaga, discurso gritado às pedras, porque de nada serve aos ouvidos ouvirem se a mente não

reconhece o discurso.

Maria não percebia o risco que corríamos se ficássemos em Belém. Velhas alcoviteiras faziam contas. Seriam lançados rumores de que uma criança nascida antes de tempo era tão extraordinária como uva madura no Inverno.

Nas minhas costas risos e troças. Sobre a nossa casa, insultos e insinuações. Afastar-se-iam os amigos, os objectos na minha oficina permaneceriam empilhados sem que alguém os procurasse e, quando crescesse o filho, chegaria o dia em que um companheiro, numa zanga de crianças, lançaria sobre ele aquilo que em casa ouvira: “Não és filho do teu pai”.

Tinhamos de partir. Para longe levar a minha mulher, deixar para trás a minha vida. Os locais da infância que são o cenário das memórias. A casa onde vivemos é um túmulo de vozes diversas, cheiros, sentimentos e palavras. Nela ficam enterrados os ossos do passado, muitos dos esqueletos que vão suportando a nossa carne no caminho que medeia entre o nascer e o morrer.

Disse adeus às sombras, despedi-me dos ecos, afaguei os muros como quem acaricia coisa viva. Olhei demoradamente os ângulos das paredes quando se encostam. Tentei gravar na memória as dimensões com que me comparava. Despedi-me das coisas inúteis que por lá ficaram, como se de um cais visse largar o barco que levava consigo os meus amigos.

Tudo isto é um trabalho de solidão, o homem confronta-se com o seu rasto e deixa para trás o pó que levantou.

Claro que Maria não podia entender que, ao abandonar a cidade onde cresci, levava consigo um homem diferente. Da mesma forma que o vinho guarda em si os aromas do solo de onde a vinha brota, o mesmo pé de videira gera um sumo diferente conforme a terra onde é plantada.

Partimos para Nazaré, ontem como hoje uma pequena vila que desliza sobre uma encosta. Por cima um planalto, de onde, se olharmos em volta, se desfruta uma vastidão de areia, pedra e barro. A terra é grande, pelo que podíamos ter escolhido outro local. Mas Nazaré significa “ramo”, e entendi por isso que aí seríamos felizes, pois que nome melhor para uma mulher a quem as aves obedeciam, e para um homem que das árvores arrancava o seu sustento?

Aí vivia um parente distante que nos acolheu.

Simeão um dia visitara o meu pai. Era mais novo do que ele. A sua magreza revelava uma vida de asceta pouco dado a excesso ou inacção. Tinha os cabelos desalinados como quem pouco se preocupa com a impressão que causa. Falava muito depressa enquanto mexia os olhos de um

lado para o outro numa velocidade que me fascinava. As coisas que dizia, e os gestos nervosos como o seu olhar, largos como a sua independência, faziam dele uma pessoa singular. Irônico quanto a preconceitos e regras, parecia viver com a liberdade dos animais e, quando entrou em nossa casa, trazia com ele a frescura de uma brisa que nos faz sorrir e a despreocupação que causa inveja ao homem que o quotidiano angustia.

O meu pai adorava-o. Eram tão diferentes na aparência como o vinho e a água, mas havia entre eles a cumplicidade que sempre liga os homens que se conseguem compreender para além das palavras.

Rios que correm debaixo da terra, para desaguardem no mesmo mar.

A minha mãe achava-o um pouco louco e evitava-o, porque as mulheres, por nunca terem sido crianças, não conseguem entender que os homens se unem pela alegria da infância que neles permanece.

Simeão gostava tanto da sua aldeia, aglomerado de pequenas casas instaladas no meio de nada, que não estranhou que um homem da minha idade, e a sua jovem mulher, largassem o bem-estar da terra onde sempre tinham vivido para se instalarem naquele sítio esquecido pela água. A verdade é que não tinha qualquer curiosidade pelos acontecimentos da vida que entretêm as conversas dos ociosos.

Vinte semanas ficámos em sua casa. Maria tratava do pão e dos animais. Eu lembrava o tempo em que era pastor, e por entre pedras levava um rebanho de ovelhas enfezadas em busca de um punhado de erva sem viço, que teimava em sobreviver naquele pedaço de terra queimado pelo sol, que todos os dias esgotava a água que não tinha.

Os vizinhos alegraram-se pela chegada de um homem que concertava com habilidade os utensílios que se quebravam, e a troca de quase nada aumentava o conforto das suas casas.

Entretanto eu construía a minha. É certo que sem o fervor e a fantasia que outrora me ocuparam, quando em Belém me preparava para receber Maria. Casa mais modesta, sóbria, de acordo com a paisagem e o meu novo destino de exilado, fugitivo de fantasmas, homem que em si mesmo transporta o inimigo tenaz que o persegue e tenta fugir da própria mente, como se alguém pudesse escapar da sombra que produz.

Tinha momentos de sossego, longe da cidade onde a cada esquina poderia encontrar um soldado ou um rabi, e havia instantes em que desfrutava da presença de Maria sem o travo do ciúme dirigido a parte incerta.

À noite limitava-me a olhá-la. Uma ou outra vez, num desvelo de pai, compunha-lhe a manta enquanto dormia. Senti que não estava pronta a receber-me, e temia que ao penetrá-la despertasse um turbilhão de memórias que a atirasse para a loucura sem retorno. E depois havia Galeno e o seu olhar de cego apontado a nada, enquanto me perguntava se tinha

conhecido mulher impura.

Recordei o frio da sua mão de velho que pousava na minha e a repugnância que me causavam aquelas carícias de esqueleto, afagos dissonantes com a sentença que ditava e me deixava sem sangue, porque não podia voltar atrás, reconstruir caminhos, escolher outras veredas, ou no cruzamento seguir a estrada oposta. Temia que tivesse razão ao presumir que eu era como a cobra que, quando morde, liberta o veneno que em si mesma guarda.

Se tinha sido certo o diagnóstico do grego, não poderia imaginar ver a pele de Maria coberta de manchas ou hesitante o seu andar, como pássaro ferido na asa que em terra caminha sem graça, perdida que foi a sua condição. Não podia imaginar a dor e o remorso se aquela criança, que eu tanto amava, adoecesse pelas minhas circunstâncias.

Por isso não fui mais longe nos meus afagos do que alguma uma vez usei com a minha filha, a não ser quando, uma noite, ao vê-la adormecida, lhe toquei o peito nu, sem insistir, porque estava túrgido, o que de pronto me recordou que naquele estado não me era destinado.

Não foi difícil manter-me casto. Cuidei dela como se ardesse em febre, enferma sem que o soubesse, e a esses desvelos me entreguei como virgem impúbere ao serviço do templo de Jerusalém.

Todos os dias a olhava com o encantamento que me despertara o seu riso juvenil quando pela primeira vez a procurei no mercado. Mantinha-me preso pela graciosidade do seu andar, que parecia apoiado no dorso de anjos. Apurava o ouvido para o chilrear dos pássaros que lhe faziam companhia, e lhe asseguravam serem de primavera todos os dias da sua existência.

Não foram dias infelizes, os que vivi em Nazaré. Também não foram de grande festa, é bom dizê-lo, porque Deus não nos permite voltar atrás, apagar o passado, e escrever com outro enredo o desenrolar da nossa vida.

Crescia o ventre da minha mulher mas não a minha alegria, como seria de esperar de qualquer homem que ansioso aguarda o nascimento de um filho. Não sei se o meu anfitrião se interrogou, mas se o fez, não pediu que o explicasse.

Naqueles dias chegou um emissário de Roma. Soldado coberto de pó, arrogante na atitude, miserável no aspecto desalinado das suas vestes, impregnado de suor e de caminho. Não estava satisfeito com a sua condição, pois tinham-lhe ordenado que percorresse aquele destino de pedra e terra seca. Trazia a incumbência de anunciar a todos os que nasceram em

outros lados que deveriam regressar à sua origem pois que, por razões de tributo, era necessário conhecer os cidadãos dessas terras, o seu número e posses. O soldado achava menos digna aquela função, ele que em campanhas violentas derrotara homens e bestas era agora aparentado ao cobrador de impostos. Era bruto, e foi com a raiva que os soldados sempre têm sobre os povos dominados que procurou saber quem era novo em Nazaré.

Todos os habitantes do lugar tinham nascido e vivido nessa aldeia, que seria também a sua sepultura. Mas nós éramos filhos da cidade de David, e para lá ordenou que voltássemos, ameaçando de amputação e vergastadas quem não cumprisse com o édito romano.

Pensei em partir sozinho, pois dessa forma não se levantariam suspeitas quanto a uma gravidez que, de tão pronta, antecipava até a data do matrimónio. Mas em Belém estranhariam que a mulher não acompanhasse o seu marido. Por isso, e para tirar proveito das horas mais frescas, partimos um dia, antes do sol amanhecer.

Dos animais que tinha trazido de Belém pouco restava, pois tinha-os vendido para suportar as despesas da construção da nova casa. Maria seguia montada no asno que sobrara, embora muito sofresse com o trote do animal que a obrigava a segurar o ventre.

Era uma viagem de vários dias. Aproveitámos o início da manhã e o final da tarde, pois não era possível suportar o embate do sol quando estava mais alto. Maria não se queixava, mas a verdade é que a via mais pálida e ofegante. Por vezes deixava fugir um gemido discreto, ou um suspiro mais fundo. Nas estalagens onde pernoitávamos, de pronto se deitava, pois os seus tornozelos habitualmente estreitos, como é próprio de uma mulher jovem e bem feita, tinham perdido a curva que lhe dava graça, e pareciam deformados pelo inchaço. À noite dormia com dificuldade, virando-se de um lado para o outro na procura de uma posição de conforto e se, por instantes, parecia tê-la encontrado, de pronto a rejeitava por incômoda.

Era inquieta a criança, que parecia não apreciar os solavancos do asno e se entretinha a provocar transtornos à mãe que o gerava, pontapeando-a por dentro, incomodado por ser pequeno o espaço e desejar casa maior.

No início da jornada foi fácil encontrar estalagens que nos recebessem. Eram em tudo idênticas àquela onde um dia, a caminho de Jerusalém, tinha conhecido a mulher. Porém, à medida que nos fomos aproximando de Belém, o número de pessoas que aí acorriam ia engrossando, pois de toda a terra vinha gente que voltava ao ponto de partida. Nos primeiros dias, ao verem Maria grávida, com as dificuldades próprias da sua condição, foi possível encontrar quem nos cedesse o seu leito, na generosidade que os homens sempre têm para com as mulheres que se assemelham a árvores de

fruto.

Porém, na véspera de entrarmos em Belém, cessou a bondade. Chegámos a uma estalagem onde famílias inteiras dormiam pelo chão, a descoberto de qualquer privacidade, bastando-lhes a segurança de quatro paredes e a protecção de um tecto. Em vão procurámos um canto da casa onde pudéssemos ficar, mas as gentes empilhavam-se, corpos que se desconheciam partilhavam o calor, porque são frias as noites daquelas regiões.

Senti saudades da minha vida antiga, quando não sabia o que eram privações e vivia numa casa que as flores perfumavam, e as cores suaves convidavam ao repouso e à paz. Pela primeira vez desde há muito tempo amaldiçoei o meu destino e voltei contra Maria a minha zanga, pois por ela tudo tinha sacrificado, e também por ela tudo tinha perdido. E em nome de quê? – interrogava-me – para ter junto de mim, com os inconvenientes que se adivinhavam, a mulher que outro possuiu, sem que para isso tivesse de pagar uma só moeda?

Nada lhe disse destes pensamentos. Tentei abafar a zanga e esboçar sorrisos, enquanto me culpava de não ter sido mais forte e, como homem de carácter, desprezado a noiva que estava choca.

Teria exibido perante os outros a minha dignidade e evitado os incómodos que a tolerância e lascívia tinham provocado. Mas depois olhava para Maria e apiedava-me dela, ao sentir a sua aflicção perante a evidência de que se aproximava a hora e estava distante da companhia de outras mulheres. Decerto me tinha como companheiro, mas faltava-lhe a família, outras raparigas a quem se pudesse amparar, mãe ou tias que a consolassem quando as dores viessem. E depois não sabia como iria eu reagir, quando emergisse de dentro dela uma criança que não me pertencia.

Perante a evidência de que não havia naquela estalagem onde pudéssemos pernoitar, inquiri sobre outros lugares, mas todos me desanimaram, porque estavam distantes para quem quisesse viajar de noite. Como Maria estava cansada e pedia para se deitar, juntámo-nos aos animais que estavam recolhidos no piso inferior da casa. Com feno fiz uma cama, e foi na companhia de cavalos, cabras e ovelhas, do asno que conosco viajava e de um boi cansado de lavar a terra daquele dia, que adormecemos profundamente.

Acordei com Maria que me sacudia para que despertasse. Na escuridão apenas percebi que estava molhada a sua túnica, e que me informava nas pausas de uma respiração ofegante:

“Chegou a hora.”

Acorri ao piso de cima em busca de uma parteira judia.

Homens ignoravam as minhas perguntas, enquanto mantinham conversas ruidosas. Num canto, bêbados de olhos injectados faziam-se notar por gargalhadas grosseiras, acentuadas com palmadas nas coxas e patadas no sobrado, e não havia entre as mulheres quem soubesse desse ofício. Porém, ao ver a minha aflição, alguém lembrou que num povoado não muito distante, havia uma viúva de quem se dizia ser habilidosa.

Sai a procurá-la. Na noite reinava a lua quase cheia. Mesmo antes de chegar ao povoado, por um carreiro vinha apressada uma mulher de meia-idade. Era rotunda, com o excesso de peso que denuncia a menopausa. Rebolava afogueada na minha direcção. Desconheço como soube, mas há certas notícias que andam depressa.

“És tu o homem da mulher nova que está a parir?” Acenei-lhe com a cabeça, e partimos de volta.

Entrámos no estábulo de lamparinas na mão, que pousámos com cautela. Maria a intervalos gemia, para depois lançar gritos que a cobriam de suor e assustavam os animais.

Os bichos mexiam-se inquietos enquanto Maria nos olhava angustiada, como quem teme ver separadas as metades do seu corpo. Por cima de nós as vozes e gargalhadas cruzavam-se num coro dissonante.

Maria revelava o sexo, que nada tinha já que apetecesse. De dentro dele surgia a espaços uma amostra de cabeça anunciada por gritos. Era redonda, mármore polido com alguns cabelos como limos, ensopados em sangue e barro. Assim que emergia, de novo se recolhia no interior da mãe, que de olhos desvairados aguardava nova vaga, que iria trazer de novo, à beira do seu porto, aquele corpo enalhado.

De repente um grito maior, a parteira que de mangas arregaçadas atirava todo o seu peso para o topo do casulo e forçava a saída da borboleta.

Foi muito rápido. O sexo abriu-se mais uma vez numa dimensão que assustava. Viam-se os limites de uma cabeça que se mostrava, e um menino foi cuspidos, como outras matérias que dentro de nós já não pertencem.

Recolhido nas mãos da parteira, ligava-o ainda um cordão azulado e retorcido que penetrava na profundidade da mãe. Mais um grito, e de novo se abriu o sexo para expulsar desta vez uma massa informe e pastosa, envolta em sangue, que tombou mole em cima da palha. O boi mirou-a curioso, enquanto por cima as risadas subiam de tom, um homem insultava outro, e uma criança chorava assustada.

A parteira fez o que devia. Com dois pedaços de linho apertou o cordão, e com os dentes o mordeu até cortar definitivamente o menino aos restos que o prendiam. Solta a criança, suspendeu-a pelos pés como animal apanhado num laço e, de cabeça virada para baixo, fê-la cuspir os restos de sangue que tinha ingerido.

Nas nádegas aplicou-lhe as palmadas que despertam o choro e a vida. Com uma toalha limpou-lhe o sangue que o vestia, bem como o material barrento que o cobria, restos decerto da matéria de onde emergira o primeiro homem. Limpo, entregou-mo para que o visse.

Foi com ansiedade que perscrutei as suas feições. Não me pareceu que tivesse o perfil romano, nem o nariz adunco do rabi. Era apenas uma criança acabada de chegar ao mundo, viajante sem bagagem. Nada a distinguiu de tantas outras: restos de cabelos pretos atravessados no meio da cabeça como velho que esconde a calvície. Olhos pequenos, muito escuros, quase sempre cerrados, a quem a luz provocava incómodo. As mãos fechadas como se guardasse avaro um pedaço de nada. Um repuxo de urina atingiu uma altura que surpreendeu e provocou em mim um gesto de protecção e, na parteira, uma gargalhada que terminou com um sorriso de orgulho.

Se não trazia consigo, evidente, a marca do progenitor, não era menos verdade que o seu olhar perscrutava com uma agudeza que impressionava. Era como alguém que tivesse retornado a casa e verificasse se pessoas e objectos que lhe eram familiares se mantinham no mesmo lugar, possuíam o mesmo cheiro e continuavam a transmitir a segurança do que é nosso.

Depois sorriu. Subitamente a noite fez-se dia, e o céu foi alumiado por uma estrela que mergulhou no horizonte. Cessaram as gargalhadas e acabaram os chistes.

Contaram-me que tinha sido grande o temor que invadira ébrios e abstémios, pois nunca tal tinha sido visto. Parecia que o firmamento festejava o nascimento daquela criança que, ao chegar ao mundo, acendia o universo.

Também eu me espantei com o que via, e temi que o céu se incendiasse. Mas de pronto a noite de luto se vestiu, e as estrelas retomaram o seu lugar. Por isso sorri do meu receio, já que tinha nos braços o filho de uma mulher, e o seu peito não soltava a voz dos profetas, mas apenas o galope muito vivo de um coração pequenino que impulsiona a vida. Nada de transcendente, para além do maravilhoso que é nascer.

A mãe estava exausta, e de pronto adormeceu sem que tivesse podido olhar nos olhos o seu filho. Mantive-o nos meus braços até Maria despertar. Depois, com delicadeza o devolvi aos braços que estendidos o buscavam. Beijei a fronte da mulher, os cabelos afaguei, e foi com ternura genuína, num sussurro de quem não quer incomodar, que no seu ouvido depusitei a paz:

“Parece-se contigo...”

CAPÍTULO V



Traz o menino para a escola.
Talvez eu lhe consiga ensinar
as letras com doçura

[Relato da filosofo israelita, Tomé sobre a infância do Senhor]

Nasceu coberto de sangue e dor aquele a quem chamei Jesus filho de José. Emergiu da água e do sal que brotam de dentro da mulher, e foi recebido por um carpinteiro humilde a quem o ciúme torturava. Uma aldeã de arte incerta empurrou-o para este mundo, e teve como companhia alguns animais desemparelhados que, inquietos, moviam os quartos traseiros. Foi festejado, não por trombetas de anjos, mas por cânticos de ébrios que celebravam, entre arrotos, impulsos indecentes.

O chão da estalagem vibrava por cima das nossas cabeças. A notícia do nascimento do menino trouxe abaixo muita gente, e do casario próximo chegaram os vizinhos da parteira. Vimo-nos rodeados por um amontoado de curiosos, homens e mulheres incapazes de ver para além do que os olhos mostram, e mais difíceis de enxotar que os bandos de moscas que volteavam em torno dos animais.

Nos dias que se seguiram Maria estava fraca. Rasgou-se a boca do seu corpo para que nascesse o primogénito, e ela era uma criança, não fora poder conceber dentro de si.

Uma semana nos mantivemos na estalagem. Nesse tempo chegou ao deserto a notícia de que entre cabras e bois nascera um menino, e homens montados em camelos ali pararam para o ver. Um deles, filho de um mercador que em tempos servira o meu pai, ao saber de quem descendia, deixou uma bolsa de incenso para que a criança fosse forte e dela não se aproximasse nenhum espírito perdido. Ao queimar o perfume que lentamente aos céus subia, parecia que aquele estábulo, assente em palha e esterco, era um templo que celebrava a vida. O aroma a incenso lembrou-me o meu pai, e dos meus olhos arrancou uma lágrima, porque me sentia infeliz e faltava-me a sua protecção.

Estranha é a vida que, mesmo caminhando em frente, sempre se volta

para trás.

Foram dias extraordinários, e mais uma vez tinha de esperar para ser servido. Espectador da teia que se vai construindo entre mãe e filho, tive tempo para meditar, enquanto assistia à criança que sorvia do peito que eu desejava o alimento que perpetua a existência. Era tão pequenino, e no entanto já havia quem dele esperasse a transcendência. Eu olhava-o de viés porque, ao aceitá-lo, a mim mesmo me crucificava no desespero do ciúme.

Não havia espaço para mim quando o filho sugava o sorriso que a mãe, encantada, lhe oferecia. Senti que doravante seria tolerado como um servo de quem necessitamos, mas que exagera se reclama afeição.

Eu queria saber de onde ele vinha. Se a mulher é apenas a terra onde o homem lança a semente, feita húmus e nada mais, como compreender que os olhos de Jesus fossem rasgados como os de Maria? Que dizer do desenho da boca, ou do formato da face que em si continha as linhas suaves que tanto me encantavam?

A terra alimenta a flor, mas quando influencia a cor é porque nela se transforma.

Era para mim evidente que havia no filho parte da mãe, e Jesus não era Adão.

No entanto, não poderia omitir a impressão que me causou o olhar daquela criança, quando pela primeira vez encontrou a luz. Havia algo de inesperado, de maduro na forma como observava o cenário que o acolhia. Era como se voltasse a casa um viajante, e retomasse a paisagem que deixara. Nada do que o rodeava lhe parecia estranho, como se outrora tivesse dominado a terra.

Assim sendo, e partindo do absurdo de que o Altíssimo conheceria Maria, que feições Jesus teria de seu pai, que inclinações partilharia? Porque se apenas reproduzisse a sua mãe, não seria ele uma menina?

Enquanto assim pensava, ao encarar a evidência da realidade, que uma criança de um homem e de uma mulher nascem, sem o que reproduziriam como um espelho o corpo do ser único de quem provinham, de novo surgiram imagens de homens deitados sobre ela, desfrutando formas e texturas, rompendo a carne em torrentes sem freios, dentro dela lançando o seu prazer.

Nesses momentos em que era testemunha daquilo a que nunca assistira, transformava-me numa árvore oca a quem os vermes roíam o interior, ou a quem um raio, com inteiro desprezo pela dignidade de quem feria, tomara como alvo, deixando apenas a casca sem viço, pronta a ser queimada porque perdera a alma. Mas as árvores não sentem, enquanto o coração do homem sofre de muitas dores quando é arrancado sem sair do peito e continua a bater, já não sabe bem porquê.

Para cumprir o recenseamento, tive de percorrer as ruas de Belém à procura do lugar onde o escriba fazia companhia ao romano.

Em sobressalto corri pela cidade, temendo encontrar o rabino no estreito de uma viela ou no dobrar de uma esquina e, ao encará-lo, ter de ler o seu olhar.

Nos rostos dos homens por quem passava recordava a face do menino. Num jovem que caminhava despreocupado, com o passo leve de quem aprecia a vida, vislumbra a mesma cor dos olhos, em outro, mais velho e circunspecto, uma certa curva da sobrancelha, noutra ainda julgava perceber o sorriso irónico de quem adivinhava o que me ia na alma, por ter sido ele o ladrão do meu tesouro.

Quando encontrei o representante de Roma, disse-lhe quem era e ao que vinha. Ficou registado o meu nome: “José o carpinteiro, conhecido pelo ofício que pratica, e esposo de uma tal Maria, hoje sem pais ou irmãos, de quem teve um filho homem a quem chamou Jesus.”

Voltámos a Nazaré e, ao oitavo dia, como manda a tradição, circuncisei a criança. O suposto descendente do Altíssimo sangrava, e feriu a sua carne. Como poderia ser ele filho de quem, pela sua própria natureza, nada contém de perecível? Ao segurar nas minhas mãos os dois frutos pequeninos que fazem do macho o que ele é, celeiros minúsculos das sementes da vida, consegui sorrir ao pensar: “Esconderás tu aqui a forma do nariz do nosso Mestre? A cor dos seus olhos? A gulodice que te fez nascer?” Mas não persisti na ironia porque, nos raros momentos em que a fantasia nos faz companhia e nos leva para longe da inquietação, logo a realidade se apressa a tocar-nos o ombro, e a soprar para longe o enlevo e o encanto.

Grande é o poder da mente quando se desune do corpo que a acolhe. Diz-se espírito, clama independência e o direito a subjugar. Sem que o perceba, imita o escorpião que ao ver-se rodeado pelo fogo a si mesmo se fere. Assim é o homem que ama uma mulher com passado, porque quanto mais pretende esquecê-lo, com maior ímpeto ele bate à porta e a fantasia tortura a carne.

Naqueles dias Nazaré tomou conta de nós. Vizinhos ajudaram com ofertas e tempo. Homens emprestaram os músculos, a terra forneceu o barro, e em conjunto concluíram a minha casa. As mulheres ocuparam-se de Maria, e até os animais foram generosos e deram mais leite do que alguma vez se tinha visto. Quando o chão é de pedra o homem abre-se ao seu vizinho, porque assim se amacia o destino.

Nesta labuta se passaram quarenta dias desde que o menino nascera.

Abriam-se os olhos e o primeiro sorriso. Fechava-se uma porta, outra se desimpedia. A Lei assim mandava, o homem obedecia. Maria já não era impura, e por aquela data estava pronta a receber o seu marido, tal como a tradição impunha.

Como descrever a um cego a luz da manhã, antes que o sol abra-se? Ou a um surdo o respirar do mar que dorme na maré vazia? Como pode o homem rude compreender a música de um verso? Por isso não darei voz à mulher nem ao seu prazer. Da sua carne não falarei, nem da memória das suas formas, porque para mim guardo o que é mais precioso.

Deus criou o homem ao soprar vida no barro, mas ao notar que a Sua obra precisava de companhia, olhou em volta e gostou do que viu. Então juntou o que está para além das coisas: A luz que é a essência do dia, o manto que é o destino da noite, e mais o que a terra dentro de si esconde, ao cobrir de pó o diamante que brilha. Nas Suas mãos recolheu tudo isto e, como a água, a farinha e o sal se unem pela força do calor, e dessa junção nasce o mais puro dos alimentos, assim fez Deus a mulher nua com que o homem se extasia.

Mas, tal como aquele que se enamora do sol com a cegueira paga o seu deslumbramento, quanto mais eu amava Maria, maior era a minha dor. Deitado a seu lado imaginava que outro me roubara os olhos, e no corpo dela se demorava a contemplar, tanto quanto lhe apetecia, aquela paisagem a perder de vista. As minhas mãos desciam pela cintura, e eu concebia outras percorrendo os mesmos caminhos, senhoras daquele chão.

Na profundidade da noite um suspiro apenas, o pudor de um prazer que se recolhe, mas na minha mente logo a fantasia ampliava o som, e o quarto tremia entre gemidos e gritos provocados pelo gozo arrebatador que outrora teria experimentado. Vinha até mim a memória dos guinchos da água que cruza o ar, enquanto o silêncio da planície amplia a presença da ave de rapina.

O meu amor por Maria era corda de tortura, que quanto mais o prisioneiro se debate, com mais força o estrangula.

Quotidiano de muitas feridas, muitos punhais. Quando Maria orava palavras de obediência, e de cabeça baixa mantinha o olhar no chão, eu sabia que era ao marido que mostrava submissão. Quando pronunciava palavras de amor, não era tanto ao criador universal que afirmava a dedicação transcendente, mas a quem imaginava ter colocado dentro de si a semente que germina.

Era mais ampla a respiração, o peito erguia-se mais um pouco, e eu sabia que no íntimo alimentava a relação amorosa com o pai da criança que de si rompera. Maria cometia adultério, quando o seu pensamento ao Altíssimo se elevava.

Eu afirmo que muito se pode pecar por pensamentos. Pela minha parte deixara de rezar. Se Maria afirmasse a verdade, e Deus de si se tivesse enamorado, que palavras poderia eu pronunciar que não fossem da mais profunda ira contra quem roubara o que me era precioso?

O Senhor não pode manter obscuros os seus desígnios, quando a nós impõe, clara, a sua Lei.

Mas há momentos de paz quando Deus mostra o paraíso antes do pecado original. O riso de uma criança expulsa a serpente e, ao fazê-lo, apazigua o homem dos tormentos.

Jesus crescia. Ofereceu-me o primeiro sorriso e dei-lhe um beijo de troco. Para mim estendeu os braços, e fui eu quem o apertou. Um dia estava de pé e, por um impulso nele inscrito, decidi mover-se. Um passo à frente de outro na excitação de uma independência apenas descoberta, até que o tronco se inclinou e teria desabado no chão, não estivesse eu para o amparar antes que tombasse.

Aguardei que da boca brotasse a primeira palavra. Quando a disse, o rio soltou-se do mar e correu para a nascente. Um punhal atravessou o meu peito numa dor festiva, como se ao rasgar também sarasse: Tudo e o seu contrário coabitavam, quando se ouviu distinta, claríssima, a palavra que prende, e a mim se dirigia: “Pai!”

Ao ouvir o chamamento, o título que honra o homem, recuei muitos anos e, de novo, voltei a ser menino.

Já não era Jesus que falava, mas eu mesmo, clamando por quem decifrava perfumes, e donde eu provinha, por ele ter amado uma mulher de cor morena. Mais uma vez pasmei perante a descoberta do mundo.

O meu pai era cicerone de todas as maravilhas, capaz de as revelar com um entusiasmo tão intenso que não era possível a indiferença. De novo abri os meus olhos de espanto perante o guia terno que indicava o caminho sem forçar os passos. Encantado, passei pela manhã ao abrigo de uma desculpa qualquer, um pretexto utilitário, quando o que queríamos era somente beber água de certa nascente, tão fresca que despertava. De mão dada, sorriamos por estarmos próximos, por vezes olhando o céu na procura da resposta, que é para lá que o homem aponta sempre que tem perguntas sem solução, como quando é feliz ou desgraçado.

Quando assim caminhávamos, perguntava-me se algures, perdido no tempo, o meu pai teria memórias semelhantes. Eram raros os momentos em que ele falava do seu progenitor, apesar de o interrogar naquela

curiosidade que as crianças sempre têm pelos tempos passados, porque se confundem com a bruma misteriosa das histórias infantis.

“E o avô?” Um breve sorriso apenas desenhado, um olhar que se aparta, onde pressentia uma vaga dor, como quando alguém de quem gostamos se ausenta, ou nos esquece.

Intrigava-me aquela omissão, mas Galeno avisara-me não ser bom que os filhos saibam muito sobre os seus progenitores. Afirmava que se deve olhar de uma certa distância o que se gosta ou é belo porque, se observado de muito perto, saltam à vista as imperfeições, perde-se a noção da harmonia, e apenas se nota o singular e com isso se quebra o encanto.

Galeno era sábio. Se eu revelasse apenas parte do que escondo, alguns diriam que não conheciam este homem que, tal como a pele sedosa oculta as vísceras que fedem, cobre com aparentes virtudes pensamentos miseráveis.

Talvez fosse por isso, ou talvez não. A infância é refúgio de homem maduro, país do eterno retorno. Quem sabe se o silêncio do meu pai guardava memórias indizíveis? Não por conterem factos que a história por previdência soterrou, mas porque não são os acontecimentos que tornam perenes as lembranças, mas sim as emoções que lhe estão ligadas, e essas não se separam de quem as sente.

Como o homem que na noite chega de fora e à lareira se acolhe, também o meu pai guardava para si as cinzas ainda mornas da infância.

“Pai.” Estranho mistério que um som apenas, nada mais do que vento que sopra da boca de uma criança, nos aprisione em invisível teia, poderosa corrente, âncora de afectos.

“Pai.” E desde aquele dia uma parte de mim cedeu à ingenuidade daquele menino que, impérvio à maldade do mundo, com total inocência reclamava para mim a suprema honra, naquela circunstância tão dolorosa, pois, ao chamar-me assim, na minha cabeça colocava uma coroa de espinhos.

Uma mulher feita silêncio e uma criança que não me pertencia. Era esta a minha família. Por cima um Deus que de mim se ria, enquanto eu pisava o chão e comigo arrastava o peso dos dias. E, no entanto, não me podia queixar, porque de noite a pele de Maria esperava que a minha lhe emprestasse calor e companhia. Nos seus seios a minha mão, e eu feliz, como o pedinte miserável que por qualquer golpe de sorte pode fazer escorrer entre os seus dedos o tesouro de reis. Nesses momentos eu sorria em beatitude, e nada ou ninguém era, neste mundo, mais ditoso.

Quando acordava de manhã, com cuidado libertava os meus braços para que não despertasse. No terraço já Jesus brincava, que a vida agarra-se

cedo.

Ele tinha talento para os animais. Enquanto as aves voltejavam em torno de Maria como aias de rainha, o menino dominava tudo o que sobre a terra caminha. Um cão de vigia, que ladrava a quem se aproximasse, ao ver Jesus calava-se e descaía a cauda. Como um servo que reconhece o seu senhor, baixava a cabeça, amolecia as orelhas, humilhava o olhar até que o menino lhe fizesse uma festa que lhe restituisse o brilho aos olhos, e ao pêlo.

Fazia-se pastor. Em criança, mesmo quando corria por uma ladeira no risco iminente de uma queda aparatosa, e no entusiasmo da emoção lançava os gritos de prazer que a vertigem provoca, não se afastavam as ovelhas com aquele medo instintivo que têm dos predadores. Era como se reconhecessem naquela figura de criança, com voz suave e sem a rispidez de quem teme, não sei se um dono, se um parceiro. Sentado no chão, parecia minúsculo enquanto abraçava as ovelhas como um pai a um filho, numa comunhão de amor que enternecia.

Os cães respondiam ao seu assobio com uma prontidão alegre e, por onde caminhasse, instalava-se uma paz imperturbada. Em Nazaré comentava-se que os lobos se afastavam ao avistarem a figura tenra do menino, e por isso velhas alcoviteiras diziam que Deus o tinha tocado, outras que o Demo o apadrinhava.

Era popular entre as crianças. Nos jogos e correrias era ele o primeiro a ser escolhido, e o eleito para comandar. Era destemido, com aquela ousadia inconsciente dos protegidos pela sorte.

Apesar de reconhecer encantos naquela criança, a sua presença provocava um desconforto nunca confessado, um vago ciúme, porque não podia participar do amor que Maria por ele sentia.

Havia entre os dois uma cumplicidade sem espaço. Falavam o discurso que os olhos conhecem, num dialecto que me excluía. Jesus vivia encostado ao peito de sua mãe, como quem reclama território conquistado a mim. A sua pele à dela se encostava, como se fossem um. Nesses momentos eu retirava-me vencido, como cão escorraçado que incomoda.

No entanto, eu vivia no enlevo da minha mulher. Os meus cabelos, cansados da vida, embranqueciam e abandonavam este mundo, deixando clareiras cada vez mais difíceis de cobrir. Os músculos perdiam a nitidez das formas juvenis e, pouco a pouco, vestiam-se de gordura, no amolecer flácido dos velhos. O cinto que apertava a túnica alargava-se para cingir um abdómen que se fazia maior com a refeição dos anos.

Mas enquanto o meu corpo perdia a graça, o de Maria resplandecia na passagem de menina a mulher. Alargava as ancas, mas apenas o necessário para que um homem sentisse a fertilidade que continham, porque naquele espaço cabia o mundo e o engenho de existir.

Mantinha a cintura fina, mas braços e pernas perdiam a fragilidade infantil, aquele aspecto de ramo seco que um passo quebra, para se tornarem fortes, sustento de mulher saudável que cuida da casa e da família.

Os seios já não eram ornamento, mas tinham agora um vigor de quem aguarda impaciente o dia de servir. Eu agradecia à vida ter-me dado os anos suficientes para poder apreciar a mulher na sua pujança. Não era já a graça juvenil, ligeira mas sem peso, antes a mulher perfeita, que o passar dos dias vai preenchendo de emoções e húmus, o corpo admirável onde um homem maduro encontra companhia.

Muitas vezes com ternura lhe beijei a fronte e, como a sua voz menos se ouvia do que o chilrear dos pássaros, a sorrir lhe chamava “Maria a silenciosa”.

À noite, o vinho trazia o esquecimento. Galeno já não era senão um sonho vago, ruído que se desvanece dos passos que se foram. A mão atravessava sem resistência a sua memória, como vago nevoeiro que em tempos ocupara o vale dos dias. A minha mente viajava leve, os meus sentidos acordados pela evidência de existir.

O sangue que a uva torturada de si derrama contém bálsamos perversos. Ló, o justo que o senhor protegeu antes de destruir Sodoma, com as suas filhas dormiu, uma em cada noite: Ele porque o vinho faz esquecer o futuro, elas para que não se extinguísse em si a história de onde provinham. Se não se censura um homem que Deus protegeu, e que na exaltação do vinho com as suas filhas se deita, como condenar alguém como eu, marido legítimo, que a sua esposa ame?

Então olhava aquela mulher deitada, que se mostrava inteira e sem coberta. De braços cruzados protegia os seios que transbordavam os limites da sua mão pequena. Era com pudor que me virava as costas como se negasse oferendas, mas ao fazê-lo outras dádivas expunha, e exibia para mim a exuberância dos relevos que o corpo esconde dos seus próprios olhos, a paisagem que está de si oculta, e apetece afagar e morder, com gentileza ou avidez.

Crescia a sede de ir até à nascente, afastar-lhe as pernas e beber da água que dessa fonte brota e, depois de sorver o que a nós se oferece, ir procurar novos destinos, que aguardam ansiosos aquele que ousa ocupá-los.

Olhava o seu corpo nu na exaltação de quem tem ao seu alcance a viagem que sempre sonhou. Ao vê-la, imaginava a embarcação que se move no balanço das ondas, oscila como um pêndulo ou como um berço, no convite para que embarquemos no bojo que nos espera.

A Maria me dirijo, como se neste momento viajasse até mim a sua presença,

e a memória se fizesse substância, e o meu sentir se transformasse em carne, e o passado falasse com voz distinta.

“Crescei e multiplicai-vos” foram as palavras do Senhor que não decretou exceções, ao ordenar que o sopro da vida original se tornasse um movimento contínuo, brisa que faz de uma geração outra provir, e não se esgote a sua obra. Eu vivia prisioneiro do estranho labirinto por onde os sentimentos se cruzam, bocados de alma que discutem entre si.

Tu és barco, e eu, imerso no mar imenso que te rodeia, no bordo dos teus ossos me seguro. Num impulso para dentro de ti descanso, e tu acolhes-me no convés. Num sussurro imploro que partamos e, como se fosse vela, ao peito afronto o vento, para que sobre para além do que conheço.

Na minha mente surge a ideia da ampulheta, fragmento de tempo a que grãos de areia ao tombarem dão medida. Então senti urgência, esqueci o movimento tranquilo das águas que o porto domestica e, antes que a vida passasse e me deixasse para trás, sobre ela me deitei armado do vigor do soldado e da sofreguidão do rabi que, desvairado, arranca as vestes e para longe expulsa a lei.

Como um bicho dentro dela me atravessei até gritar à vida que aparecesse, e no seu corpo rejubilei, na efusão de cânticos que celebram.

Passaram dias. As árvores de folhas se despiram, para de novo dos seus ramos brotarem esboços de verde, primeiro tímidos, depois mais exuberantes, exemplos da força que contém tudo o que é vivo. Os pássaros que rodeavam Maria pareciam mais festivos, incontinentes em algazarra de crianças, e a existência celebrava o seu perpétuo ressurgir.

Foi na Primavera que Tiago nasceu.

Que se não diga que neste mundo tudo é harmonia. Eu amava Maria que adorava Jesus, de quem eu menos gostava, porque um dia um homem partira depois de tomar o que era meu. Se a criança era inocente, a sua presença magoava-me, pois de mim escarnecia.

E, no entanto, finos laços nos uniam. Jesus, com a ternura do sentimento puro, nos braços levava o irmão. Outras vezes espreitava Tiago no berço, com aquela expressão de curiosidade e espanto a que se misturava um vago sentimento de afronta, e a inquietação que qualquer insecto, por mais pequeno, nos provoca. Eu ficava a vê-lo, e porque ambos amávamos o mesmo ser, em mim foi-se instalando a tolerância que é vizinha do afecto.

Porém, eu queria que Maria me pertencesse por inteiro. Por dentro chorava o ciúme infantil, e reclamava a exclusividade que as crianças sempre exigem: O corpo e alma num amor devoto.

De nada servia o meu desejo. As aves pousavam no ombro de um e

outro, pontes que os ligavam para além das que juntam qualquer filho à sua mãe. Espectador de um acto que não me incluía, no íntimo ansiava que Jesus desaparecesse, e se apagasse a sua memória para que eu pudesse ser feliz.

Não se podia dizer que naquela casa estava a mais, mas sentia-me como um parente afastado que a caridade obrigou a recolher. Eu era apenas um símbolo, actor secundário no palco de outras vidas.

Nem sequer cumpria as obrigações de outros homens. Dizia-se que em nossa casa eram os pássaros que guardavam a tulha, empoleirados no amontoado de grãos de trigo sem que os comessem, de vigília ao que à sua senhora pertencia.

De manhã despertavam-na com cantares suaves, à tarde animavam-na em algazarra e, à noite, ao senti-la adormecer, faziam um coro de silêncio. José o excluiu, era assim que me sentia quando nos dias festivos o vinho acalentava o sentimento e abafava a razão. Então chorava sem que ninguém compreendesse bem porquê.

Em Nazaré contava-se uma história. Um dia, Jesus entretinha-se a amassar o barro, e dele moldava passarinhos toscos, imitações porosas em tons avermelhados, das aves que via de guarda ao celeiro. Aprimorava-se no arredondar da cabeça e no afiar do bico. Com um pauzinho desenhava as asas que se colavam ao corpo redondo que cabia numa mão. Absorvido na sua tarefa de artista, imitando o criador que da mesma matéria fez tudo o que vive, não se deu conta do rabino que se aproximava com o filho. Ao ver Jesus que transformava a matéria bruta e fazia algo nascer, irado repreendeu-o por trabalhar no Sabat, dia em que o Senhor se sentara a descansar.

O filho do rabino era invejoso, o último que os outros chamavam para partilhar as brincadeiras, porque era feio por dentro e por fora. Ao perceber que a autoridade do pai o protegia, e ciumento do talento de quem do barro fazia pássaros tão perfeitos que pareciam cantar, com fúria espezinhou o primeiro do bando de pardais, que na calidez da manhã ganhavam a firmeza do barro enxuto.

Insatisfeito, avançou para o segundo, que debaixo da sandália se transformou em pó. Afrito, Jesus tentou recolher as aves que restavam, mas o rabino entrepôs-se e, de joelhos, Jesus olhou apavorado para o alto daquela figura que nenhuma criança conseguiria transpor.

Foi então que algo de maravilhoso sucedeu e, a ser verdade o que se dizia em Nazaré, afrito Jesus bateu as palmas e gritou "xô-xô". Nesse momento as asas de barro desprenderam-se do corpo que ganhara um coração e, feitas remos que o ar suporta, levantaram voo cruzando o céu.

Que era uma criança especial ninguém o podia negar. Primeiro entre os seus pares, numa bonomia que a todos encantava, tinha uma serenidade que aquietava as emoções e, apesar do meu ciúme, sentia também alguma vaidade por aquela criança que julgavam minha. Não hesitava em prolongar a impostura de lhe chamar meu filho.

Quando Tiago dormia, Jesus aproximava-se para o observar no enlevo que as crianças sempre têm perante os irmãos mais pequenos, seres enigmáticos, vindos não se sabe de onde, gerados não se sabe como. Decerto Jesus se interrogava sobre a força misteriosa que aumentara o ventre de Maria, que depois se esvaziara para surgir uma criatura sem cabelo, com tenacidade de bicho, que insistia em sugar o peito inchado da sua mãe.

Uma noite, no silêncio das horas em que o mundo adormece, decerto por uma premonição que o Senhor lhe enviara, Jesus despertou. Silencioso, percorreu a casa com os pés nus em direcção ao berço que morava quieto ao lado de Maria. Foi com cautela que espreitou para dentro, antecipando o enlevo que a visão do irmão lhe provocava.

O que se passou a seguir foi Maria que o contou. Tiago jazia inerte no leito que era um túmulo. O corpo vestia-se de uma palidez manchada de tons de roxo e, quando Maria despertou, viu nos braços de Jesus o filho que pendia na moleza das coisas sem vida. Ergueu-se de súbito com um grito. Apavorada, sacudiu-me para que despertasse do sono espesso a que o vinho emprestara uma fundura de poço. Protestei num grunhido.

Eu era inútil. Então Maria estendeu os braços para acolher a criança que morria, mas Jesus, com o sossego que a todos impressionava, nos lábios do irmão soprou, como se imagina que Deus fizera a Adão.

De pronto o peito de Tiago recomeçou o movimento perpétuo, fole que mãos misteriosas apertam para que recolha o ar e logo o expulse, no ritmo pausado das crianças que dormem.

O corpo azul ganhou nova cor, como quando chove no deserto e pelos sulcos do chão seco corre a água, que é o sangue da terra e lhe dá vida. Os membros flácidos adquiriram vigor e, como se tivesse acabado de nascer, e no momento em que veio ao mundo reconhecesse aquele que o gerou, Tiago abriu um sorriso contente, e acendeu o brilho dos olhos.

Naquela noite ficaram abraçados, indiferentes ao meu corpo que roncava.

O Senhor comigo brincava, e com o seu dedo invisível atormentava a minha existência ao obrigar-me à gratidão perpétua para com o filho do meu inimigo.

Passavam os dias, rolavam os anos. O ciúme aquietava-se na intimidade da família que partilha a mesma roda da vida. Eu ficava mais pesado e os

cabelos mais ralos, enquanto o dorso das mãos se transformava em paisagem de terra árida.

Hoje observo a juventude como alguém que por momentos volta a um país que conheceu. É como se a vida se repetisse e o mundo girasse, e não apenas o sol. Eterno retorno, e nós julgamos caminhar em frente.

Longas horas leva esta história. O sol para o outro lado se inclina. Os rebanhos deixaram já a sombra que os acolhia e, de novo dispersos pelos outeiros, mordiscam o escasso verde que a terra lhes oferece. As ovelhas de cabeça baixa e olhar vago parecem meditar. O garoto distraído que lhes monta guarda vai lançando pedras pela encosta, num exercício para afugentar o enfado.

Maria mantinha a graça de sempre, e os meus olhos viviam para ela. Passavam os dias e repetia-se o ciclo da vida. Ao tempo de semear seguia-se o de colher, mas dentro de mim nada mudava, porque a paixão se fizera rocha.

Era certo que os cantos das pálpebras desenhavam sulcos delicados que se repetiam do lado dos lábios, e que a sua figura se arredondava e perdia alguma da finura que me seduzira quando pela primeira vez a vi. No entanto, não me repelia a metamorfose lenta do seu corpo, e era com o mesmo sentimento de espanto e gratidão que todos os dias a olhava quando regressava a casa.

Dos meus filhos recebia ecos ocasionais. Mateus, o mais velho, morrerá envenenado ao procurar entre as plantas dos campos da Pérsia a cura para o mal da lepra. Tinha por hábito ser o primeiro a provar dos seus remédios.

A minha filha Raquel deixara o mar, e em terra assentara a sua tenda. Dos búzios já não extraía a púrpura, mas, lançando-os sobre toalhas de linho fino, revelava o futuro a quem não tinha paciência para esperar que ele se mostrasse.

Algo de extraordinário aconteceu a Lia, a mulher feita de bruma e geada.

Um dia, visitou a sua casa um homem que libertava areia a cada passo. Vestia de azul, e dizia-se que tinha sido uma estrela de cauda que o guiara até à morada do judeu de Alexandria. Afirmaram-me que tinha uma figura imponente. Olhos como brasas, corpo escurecido pelo sol e pela fogueira das dunas. Falava em tom grave, mas a cadência da voz trazia consigo o vento que, quando sopra no deserto, nos recorda melodias muito antigas.

A sua presença afastou o frio que habitava Lia. As faces esqueléticas tomaram o rubor do sangue e do calor e, tal como a semente que no Inverno se resguarda para no Verão rebentar em pujança exuberante, também dos seus olhos de mulher se dissipou o nevoeiro, para ganharem nova luz, como se tivessem pegado fogo.

Ao dia seguiu-se a noite, e o silêncio das ruas adormecidas de Alexandria foi percorrido pelos cascos de um camelo que batiam mais pesados o empedrado que levava às portas da cidade. No seu dorso seguia um homem imponente e, agarrada a ele, uma figura de mulher que parecia escorrer água, como quando o gelo se derrete.

Não mais foram vistos, pois fizeram do deserto o seu país. Nessa terra onde o dia abrasa e a noite gela, imagino que ela ao seu homem trouxesse a frescura que apetece, e ele lhe desse o calor que anima a vida.

Em Nazaré os dias corriam simples. Os meninos cresciam mais depressa do que nós envelhecíamos. A minha oficina criava os instrumentos do quotidiano. Eram simples e robustos, como convinha àquela gente.

As minhas obras já não continham a exuberância de outrora, nem o afagar da madeira despertava a sensualidade de outros tempos, porque o trabalho do artista transporta o seu temperamento, e as mãos fazem o que a alma dita.

Havia quietude e resignação no meu trabalho. O amor que sentia por Maria bastava, e por isso não precisava de viajar para junto de outras fantasias, nem fazer dormir comigo sonhos e memórias. Estava pronto a ensinar a minha arte, sem que os meus discípulos, ao compreendê-la, me ficassem a conhecer mais de perto do que eu desejaria.

Jesus, tal como eu fizera noutros tempos, aprendia o meu ofício. Era aluno diligente, embora não fosse com a madeira, mas sim com o barro, que todo o seu talento se exibia. Em água e argila moldava toda a espécie de figuras, e o terraço de nossa casa parecia uma arca de Noé onde cabia tudo o que na terra existe.

À medida que corriam os dias, mais me convencia de que o seu pai era o rabi. Jesus tinha uma delicadeza no trato, uma sensibilidade e inteligência que não podiam ter vindo da força bruta de um soldado. Antes assim, porque se não tinha sido um romano a invadir a terra onde eu nascera, era judeu o homem que ocupara a minha mulher e, se a minha dor permanecia, era menor a humilhação, pois conhecia o remorso que o punia.

Os dias corriam tranquilos, como se todas as estações fossem amenas.

As crianças adoravam-se, e Tiago vivia em permanente êxtase perante as proezas do irmão. Bebia as palavras de Jesus como se fossem ditadas do Monte Sinai.

Ria-se com gosto das suas graças infantis, que são o primórdio de um humor mais sério e, embora desejasse a competição com o irmão mais velho, retirava prazer da derrota e exultava com a evidência da sua força ou rapidez.

Ninguém como ele admirava tanto as figuras de barro que Jesus moldava.

O mais pequeno ficava silencioso e muito quieto, atento ao desenrolar das formas que nasciam dos dedos de Jesus. Guardava junto a si, como bem mais precioso, uma andorinha que o irmão lhe dera de brinquedo, e não perdia a oportunidade de a mostrar a quem na nossa casa aparecesse, apontando o dedo orgulhoso a Jesus, quando lhe perguntavam quem a tinha feito.

Eram muito distintos os seus temperamentos. Jesus voltado para dentro, Tiago virado para fora. O mais velho exercia sobre os seus contemporâneos uma influência fácil, que vinha da força da sua presença. Parecia habitar um mundo interior que a cada instante se interrogava e por vezes o arrastava para melancolias de ermita, de onde a mãe, no seu silêncio, o não resgatava, e onde também eu temia entrar, não fora descobrir no íntimo da criança que se interpelava traços do seu pai, e abrir em mim feridas por sarar.

Tiago era o oposto. Exaltava-se, tal como os irmãos que de mim tivera, com tudo o que à terra diz respeito. Olhava as pedras como se fossem bens que a vida lhe dera. Abraçava as árvores como irmãs e colhia delas o fruto que saboreava com o mesmo prazer com que, de olhos fechados, estendia a face para o sol da manhã. Se Jesus habitava um mundo interior, Tiago saboreava desta vida tudo o que ela tem para oferecer, numa gratidão constante pelo privilégio de existir.

Eu via-os crescer, como uma história que se desenrola empurrada pelos dias. Não era necessário discursar sobre o amor, porque ambos viam como eu olhava a sua mãe e percebiam que o meu peito guardava um sentimento forte.

Falei-lhes da paixão com que os seus antepassados colhiam prazer de tudo o que a terra ofertava. Seres excessivos, incapazes de viver sem a exaltação dos sentidos, possuídos por uma loucura que os levava a partir na busca insana de um mito.

Com ambos conversava desta forma, porque Jesus abria muito os olhos quando eu assim discursava, como se reconhecesse dentro de si o mesmo impulso. Quanto a Tiago, limitava-se a sorrir, como quem conhece o destino e não o teme.

A ambos falei das coisas que ao Senhor dizem respeito, porque não concebia a ideia de ser sem falar sobre a origem e o fim da vida. Tal como o meu pai a mim me instruiu, também eu ensinei a tradição e os livros, pois era esse o meu dever.

Quantas vezes no meu íntimo amaldiçoei o Criador, pois ao falar dos seus assuntos me invadia a tristeza, e o ácido corroía o meu peito, porque as palavras e o sentimento se afastavam.

A Jesus mentia com intenção piedosa, porque nada fere mais um filho do que a desonra de sua mãe, e era justo que o sofrimento ficasse guardado

para mim, pois era pequeno preço a pagar por tanto amor.

Falei de coisas antigas. Dos profetas e do Messias que eles anunciavam, que proviria, tal como eu, da casa de David. De regras e tradições. Da gênese e da origem de todas as coisas. De Moisés, guardião da palavra, e dos mandamentos que a todos cumpre obedecer.

Jesus ouvia atento, mas quando lhe falava do Deus justiceiro que arrasava cidades, transformava em estátuas de sal quem olhava para trás e, como uma mulher ciumenta, fazia sofrer quem lhe era leal, ele meneava a cabeça, como se soubesse que alguém se tinha enganado ao anunciar a palavra que Deus dera aos homens.

Então percebi que era inútil repetir o discurso dos rabis, e falei-lhe da minha visão.

Como era possível a quem nos ofertara o calor do sol e a frescura da água, o voo das aves e o verde das árvores, a mulher para o homem e este para ela, construir ao lado um mundo negro de regras e temores, vinganças sórdidas e exigências impossíveis de cumprir?

Com Jesus subi às montanhas para que melhor se pudesse aperceber da grandeza do mundo. Fi-lo olhar as planícies por onde se estendia o trigo por colher, semente que o pão aguarda.

Com os olhos seguíamos o movimento das aves que planavam silenciosas, impelidas pela brisa que no céu desenhava as estradas. Fi-lo sentir que nos momentos em que contemplamos a criação não há homens mais ricos ou poderosos e, se algum demónio o tentasse, sentado no trono daquela pedra de onde se podia contemplar a obra do senhor, ele a tudo resistiria, porque o mundo lhe pertencia.

Disse-lhe que o Senhor cuidava de cada um dos seus servos, tal como o pai de cada um dos seus filhos, mesmo que seja grande o número dos que se acolhem em sua casa.

Um dia fui mais longe e ousei dizer que olhasse com suspeita os fariseus, com as suas regras e ritos, porque a verdade é mais bela quando se apresenta nua. Que desconfiasse de quem se arrogava o privilégio de ser a voz de Deus, pois chamavam a si poderes que não tinham para impor aos homens a vontade de outros homens.

A Jesus abri o meu espírito, e afirmei que os filhos podiam, na intimidade da sua consciência, chamar até si o Pai, e com Ele chorar os seus lamentos, celebrar as suas alegrias e rogar os seus pedidos. Assegurei-lhe que para isso não precisava de intérprete, porque é desnecessária a palavra falada, quando um pai poussa os olhos no filho que ama.

Lembrei que a tradição impunha um quórum para que um homem pudesse rezar, um mínimo de dez fiéis para que a sua voz fosse escutada, como se o Senhor fosse um velho fraco de ouvido e precisasse que lhe

gritassem. Afirmei indignado ser uma lei absurda, pois o pastor acode a todas as ovelhas.

Pois não é verdade que um pai atende a um filho quando este o procura, pois é mestre de todos e de cada um? Se Deus falasse para a soma, falaria para ninguém, porque os homens são distintos entre si.

De resto, quando Deus entregou as tábuas da Lei, muitas coisas disse que não ficaram escritas e são agora transmitidas de boca a orelha, embora saibamos que quando assim é algo fica pelo caminho.

Então, porque não falará o Senhor a cada um de nós, se os nossos ouvidos estiverem prontos a ouvir?

Um dia, quando vi Jesus a olhar com ternura o seu irmão, perguntei-lhe se o amava e se esse amor lhe trazia paz e o aproximava do que é bom. Ao responder-me que sim, afirmei sermos todos filhos de Deus, pelo que o amor se deveria estender tanto àquele que é irmão pelo espírito, como ao que nos é fraterno pela carne.

Jesus ficou ausente, absorto nos seus pensamentos, até que despertou: “Também o gentio e o romano?”

Invadiu-me a imagem de Maria esmagada pela força bruta do soldado. Mãos que a amassavam e invadiam, e saqueavam o seu corpo.

“Também”, respondi com voz sumida, não porque fosse essa a minha disposição, mas porque não consegui fugir à coerência do discurso.

Perante esta forma diferente de ver o céu, Jesus sorria na descoberta de algo novo. Tal como eu, desconfiava dos rabinos e da sua arrogância, quando se arvoravam como os intérpretes da palavra. Na sua mente ficara gravado, como em pedra, o episódio dos pássaros de barro, a sua primeira experiência de como é possível, ao falar da lei, sustentar o mal.

Em nome da tradição, da palavra que os rabis ao longo do tempo foram construindo, o ritual apoderou-se da substância e devorou-a, deixando apenas à vista o supérfluo, e fez esquecer aos homens que a aparência não faz um homem justo.

Ele ouvia atento o que lhe dizia, e concordava com a voz nova que eu trazia. Um dia disse-me: “Assim é”, com a convicção de quem sabia, e eu tremi por dentro o calafrio da morte, porque o seu clamor era o de um arauto que empresta o som a uma vontade superior.

Também eu desconhecia a fonte do meu discurso. É certo que, desde pequeno, sentado numa pedra, e tendo o deserto aos meus pés, nos momentos de solidão a mente tomava a liberdade dos pássaros e planava entre ideias nunca proclamadas, mas que me pareciam estar em harmonia com o que o meu espírito via e sentia. Hoje, mais maduro, tinha sedimentado convicções, aprendido com a minha experiência, conhecido pela reflexão. No entanto, nunca tivera a coragem de proclamar o que me

parecia ser a verdade, porque um homem tem de zelar por aqueles que se encontram a seu cargo, e eu não podia, em nome da minha convicção, arrastar para o opróbrio da exclusão quem partilhava o meu nome.

A minha ligação a Deus, por absurdo que seja, era de homem para homem, ou pelo menos em relação com a Sua humanidade, porque se Dele viemos, algo de nós Nele se encontra.

Muito do que eu afirmava era contrário aos ensinamentos da Tora, ou pelo menos ao que os sábios ao longo dos anos afirmavam ser a palavra de Deus, e sabia que Jesus arriscava forte censura se afirmasse a homens sem cultura as coisas de que eu lhe falava.

Eles temiam o Criador e as suas vinganças, pelo que não seria propício ter entre si quem pudesse despertar a ira do Senhor.

Como se poderiam dispensar os sacerdotes? Como fazer do coração um templo? Se assim fosse, cada um poderia entender a palavra à sua maneira, dispersando o povo de Deus que a Diáspora repartira pelo mundo, e que só na tradição encontrava o abraço que a todos mantinha juntos.

As minhas palavras eram bem diferentes das que Jesus ouvia falar na sinagoga. Ele era estudante atento do Livro, e como tinha uma memória prodigiosa, citava a palavra dos profetas sem omitir uma que fosse, até que em pouco tempo nada tinha que lhe ensinar, a não ser os meus próprios pensamentos e os caminhos diversos que eles apontavam.

O rabi de Nazaré veio um dia ter comigo, porque Jesus o confundia com perguntas, mas também com respostas tão bem fundamentadas, que a autoridade do mestre começava a ser questionada pelos outros estudantes, que pareciam estar mais atentos à voz do condiscípulo do que à sua. Quando assim é, argumentava, perde-se a ordem natural das coisas, tresmalham-se as ovelhas e nas encruzilhadas surgem dúvidas sobre que caminho tomar. Soltam-se as pedras do templo porque não estão assentes em chão firme. “Por isso”, pedia-me, “dá instruções ao teu filho para que ouça e não fale, veja, mas não comente, obedeça e não pense”.

Como iria pedir a um homem que não fosse livre na sua terra? Aos pássaros que não voassem, ao rio que não corresse, ou à inteligência que calasse a sua voz?

Passaram-se os dias até Jesus atingir a idade de doze anos. Como sempre o fazíamos, chegado o tempo da Primavera, Maria e eu juntámo-nos à caravana de amigos e vizinhos a caminho de Jerusalém para a festa da Páscoa. Ao longo do caminho outras famílias engrossaram o caudal de gente que se dirigia para o templo. Era muita a algazarra e a poeira.

Grande multidão se reunia em Jerusalém. No mercado amontoavam-se os borregos de um ano, à espera de comprador para serem ofertados no

templo. Afastados das mães, e como se tivessem a premonição do seu destino, de olhos muito abertos soltavam balidos de aflição. Como chefe da minha família competia-me matar o animal. Fazia-o suprimindo o vômito, pois sempre fui homem de paz a quem repugnava destruir qualquer vida, ainda que fosse para a oferecer ao Senhor, pois achava estranho oferecer-Lhe o que sempre Dele fora.

Fechava os olhos, e com um golpe hesitante que denunciava pouca firmeza de alma, rasgava o pescoço do animal, que em vão se debatia contra o destino.

Sacerdotes de vestes alvas, que o vermelho manchava, rodeavam o culto. Nas mãos tinham bacias de ouro e prata onde recolhiam o sangue do animal, para depois o lançarem na base do altar, enquanto Levitas entoavam cânticos em louvor do Senhor, e se faziam ouvir instrumentos sonantes.

A Festa durava sete dias, e eram muitos milhares os homens que, vindos de todas as paragens do mundo, em Jerusalém se encontravam, para celebrar o êxodo e a protecção do Senhor.

De volta a Nazaré confundiam-se animais, adultos e crianças, numa vasta turba que regressava com fé redobrada, pela garantia de que o Senhor estava com o seu povo.

A um dia de viagem, Maria e eu apercebemo-nos de que não víamos Jesus desde a nossa partida de Jerusalém. Primeiro curiosos, depois inquietos, por ele perguntámos entre familiares e amigos, sem que o pudessemos achar.

Então tudo largámos e fomos à sua procura.

Jerusalém fervilhava de peregrinos. Muitos preparavam o regresso a suas terras, outros por lá permaneciam para tratar de assuntos e negócios. Gentios juntavam-se a eles, pelo que as ruas de Jerusalém permaneciam apinhadas de gente e era difícil encontrar quem se procurava.

A muitos perguntávamos se tinham visto um rapaz de olhar tranquilo e voz pausada, que de entre os outros se distinguia. A quantos inquirimos, todos negaram tal encontro, mas um cego, que sentado numa esquina mantinha a mão estendida numa supplica perpétua, afirmou ter sentido passar por ele essa criança, e que se dirigia ao templo.

Aí fomos encontrar Jesus sentado entre os sacerdotes, interrogando-os e discursando sobre a voz dos profetas. Parecia ter muitos anos de ponderação e estudo, e eu não pude deixar de sorrir, porque muitos dos seus argumentos da minha boca tinham saído. Todos o ouviam com atenção, entre a admiração sincera e o escárnio pela ousadia de que eram testemunhas.

Velhos confiavam as barbas em lenta interrogação, enquanto outros empunhavam a Tora e verificavam a fidelidade de citações e exegeses. Por

detrás dos mestres, figuras menores interrogavam em surdina quem era aquela criança.

No templo os doutores eram solenes, e o tom de voz revelava a segurança de quem sabia firmes os argumentos. Atemorizei-me, porque não queria interromper os sábios e poderosos, e por isso permaneci oculto entre os demais.

Maria, porque era mãe e mulher, correu para o seu filho, e com a voz ainda tremendo de ansiedade, naquela mistura de zanga e alívio que sempre sentimos nessas circunstâncias, repreendeu-o por nos ter deixado em tanta aflição.

Jesus crispou a expressão. O olhar ganhou uma dureza que me assustou, pois nunca a vira nele, nem me parecia possível ser albergada no coração de um jovem tão gentil.

Depois suspirou, como quem faz uma pausa para controlar a cólera, após o que em tom de censura pronunciou as palavras que até hoje, dia da minha morte, habitam o meu ser:

“Por que me procuráveis? Não sabíeis que eu devia estar em casa de meu Pai?”

CAPÍTULO VI



Ai dos meus olhos
porque viram o escândalo!
[História de José o Carpinteiro]

As vidas de outras vidas se libertam, e está escrito que o filho deixará a casa de seu pai. É este o destino dos homens e dos pássaros, que o ninho com tanto cuidado engendram, para que, chegada a hora, ele seja abandonado por aqueles que aí cresceram.

O homem às coisas chãs se liga. A terra que pisa, os alimentos que ingere, as dores que sofre. Mas tem depois a sua história que vai para além do que os sentidos tocam, narração de desenho imperfeito, que a sensibilidade e a inteligência atendem e constroem, e são o complemento intangível de quem somos.

“Não sabíeis que eu devia estar em casa de meu Pai?”

Maria sorriu, e sobre a minha cabeça desabou o mundo.

“A casa de meu Pai...”

Quis lançar-me sobre ele, esbofetear a arrogância, lembrar a um fedelho que não é forma de tratar quem dele cuidou. Que durante dias o procurámos na ansiedade de quem perdeu o que mais vale.

Julgava-se ele maior que os outros? Quem o ensinara a falar? O discurso que tanto impressionava os sábios de onde vinha? Acaso não lhe falara eu das coisas que a solidão dita dentro de nós?

Jesus pediu de empréstimo o que eu lhe ensinei, da sua boca saíam as minhas palavras, na sua mente os pensamentos que de mim ouviu. Os rabis escutavam a sua sabedoria, mas era meu o conhecimento que admiravam.

“A casa de meu Pai...”

E eu? Quem sou para ti? Se o teu pai fez o mundo e criou o dia e a noite, e se é Dele todo o ouro da terra, não deixas de ser bastardo, pois não era legítima a mulher que Ele tomou. Podes dizer que é grande a tua ascendência, mas de mim nunca dirão: “Vai aqui o filho de um equívoco.”

“A casa de meu Pai...”

Que fui para ti? Porventura não te acolhi desde o dia em que nasceste? Não ameí a tua mãe, apesar da sua culpa? Sim, porque ainda que o Senhor lhe perguntasse se aceitava a semente que nela deixara cair, não deveria uma mulher honrada repudiar tal privilégio?

Maria disse que um anjo a tinha visitado e anunciado a sua gravidez, ao que ela teria respondido: “Como, se não conheci homem?” Não caberia a mulher honrada ter exclamado: “Não, porque estou prometida a meu marido”?

“A casa de meu Pai...”

A casa de teu pai é onde foste criado e aprendeste a tornear a madeira, a semear a cevada, a apascentar o rebanho.

A casa de teu pai é onde pela primeira vez perguntaste “Porquê?”

A casa de teu pai é onde aprendeste a andar e a cair, a sonhar e a sofrer a desilusão.

A vida foi em casa de teu pai que a respiraste, e ela a ti te abraçou, e nesse abraço mostrou o bom e o mau de que é feita.

A casa de teu pai era onde estavas quando deste o primeiro passo e disseste a primeira palavra.

Afinal quem sou para ti...?

Dei-te de comer quando tinhas fome, agasalhei-te quando tinhas frio, esclareci-te quando surgiu a dúvida. Ensinei-te a amar pelo exemplo, e pela primeira vez ouviste, e ninguém mais te disse, o que agora falas a esses doutores como se fossem palavras tuas: que o Altíssimo está cansado do sangue dos animais degolados em nome Dele, e prefere a oração feita em silêncio às manifestações aparatosas da fé.

Porque me humilhas em Jerusalém, já que na minha presença concedes não ser eu mais do que o pássaro que fez o ninho que outras aves ocupam? Porque me obedeces, mas não me respeitas?

Filho e Pai têm para comigo a mesma soberba e a mesma indiferença.

A mim a dignidade de ser homem inteiro. Nada mais. As alegrias festejo e choro os lutos. Cometo pecados, é certo, pois vim do pó, mas se da matéria mais rude emergi, na minha humanidade, por momentos mais alto me elevo e sou santo.

Tudo isso disse sem falar, ou pensei dizer. Senão naquele momento, talvez mais tarde, porque nem sempre a inteligência está desperta quando dela precisamos.

De volta a Nazaré, poderia ter interrogado Jesus para que me esclarecesse o significado das palavras que no Templo proferira. No entanto, usei da experiência e dos anos, e não lhe perguntei, pois não quis

acrescentar à vida mais dor do que ela tem.

Na caravana que nos trazia a casa, todos notaram o meu silêncio. Alguns comentavam que em dias tinha envelhecido anos. Estava amarela a minha pele, com o aspecto macilento de quem carrega doença incurável. Emagreci muito, pelo que se cavaram fundas rugas na minha expressão e os olhos perderam o brilho no embaciamento de quem sofre ou não vê.

Regressados, a vida retomou na aparência o seu rumo. Jesus estudava na sinagoga, aperfeiçoava a arte na oficina, apascentava os rebanhos quando a isso era chamado.

Maria habitava a casa vestindo-a de silêncio, enquanto Tiago foi perdendo a jovialidade da infância, preferindo a companhia dos amigos à da família, que se aprofundava na areia do tempo que a todos engolia devagar, para um destino de dor.

Eu falava pouco e, quando o fazia, eram agrestes as palavras, molhadas em rancor. Nos momentos de maior intimidade de Jesus com a sua mãe, eu retirava-me, pois doía aquele encontro onde eu era estrangeiro. Estava a mais.

Jesus no Templo declarara a sua origem. O absurdo tinha acontecido: O Deus dos gregos e dos judeus era a mesma criatura, capaz de romper com as leis que o próprio tinha ditado, cobiçando a mulher de outrem num abuso de poder tão vil quanto a diferença que separa o que tudo pode do que nada possui.

Porém, por vezes insinuava-se a dúvida, quando via o filho de Deus igual ao filho do homem, com todas as necessidades da vida terrena.

Ferindo-se num instrumento, sangrava como eu. Mostrava impaciência quando as suas mãos criavam um objecto menos que perfeito e, por mais de uma vez, o vi curioso das formas que uma vizinha impúdica revelava, ao dobrar-se para colher água do poço.

Dos seus orifícios, como qualquer humano ou bicho que se mova em quatro patas, saíam os dejectos.

Um dia notei que ao despertar o seu membro estava hirto, e por mais de uma vez soube que já era homem, ao notar pela manhã, nas vestes de dormir, as manchas que não enganam, sinal que o sonho dá de que terminou o tempo da infância.

Mais de uma vez expulsei para longe a ideia impossível da divindade feita homem. Seria estéril, como quando se cruzam animais de diferente espécie? Se assim não fosse, estaria a forma de Deus contida na excreção que a roupa manchava? Deus era um só e invisível; como poderia a substância ejaculada conter o segredo do que não tem forma?

E, no entanto, muitos eram os sinais de que em minha casa crescia um ser

diferente.

Tanta pergunta sem resposta, porque se calava quem a devia esclarecer, surdo ao meu sofrimento e à minha dúvida, sem consolar quem clamava por conforto. Por vezes recolhia-me ao deserto onde o choro não se ouve, e ao céu levantava os braços e a voz para que me respondesse ou afrontasse.

Mas o céu estava inabitado, e aos meus apelos apenas respondia o grito da água, despeitada por lhe ter afugentado a presa.

Como árvore que chegada a hora vai perdendo a seiva, também eu abandonei os meus deveres, olvidei as preces e rompi com os preceitos. Os meus vizinhos interrogavam-se porque não aparecia na sinagoga, e alguns afirmavam ter ouvido no Sabat, vindo da oficina, o ruído de quem trabalha.

“O carpinteiro desafia as ordens do Senhor, e sobre a sua casa cairá a fúria.” Quem assim falava, não sabia que o castigo tinha sido executado muito antes do acto que merecia punição.

Assim era. Senti-me no direito de ignorar as regras, porque impostas por quem comigo as esqueceu. Nada Lhe devia, estava isento de tributo, e a minha raiva era profunda.

O povo de Nazaré olhava desconfiado a transformação do carpinteiro. Na rua os acenos de cabeça eram tímidos e sem a companhia de um sorriso. Fizeram-se mais raras as encomendas e, um dia, Tiago voltou a casa de olhos inchados e expressão de dor, porque os amigos lhe voltavam as costas.

Maria nada dizia. Nos seus olhos não vi censura, nem no seu corpo rejeição, apenas a expressão de quem é escrava do destino e o aceita.

A minha presença não a transformava, como se eu fosse tão natural quanto a paisagem de pedra e pó que nos cercava, e igualmente desolado. Mas quando Jesus se aproximava, os olhos dela tinham o brilho de que eu gostaria de ser a fonte.

Dentro de mim vivia o ciúme. Outros sentimentos vis sujavam a paisagem do meu espírito. É certo que tentava expulsá-los da minha mente, armá-la da vontade, cobri-la com o escudo da rectidão, mas de nada me servia. O inimigo invadia, e dentro de mim por vezes emergia o desejo inconfessável de que morresse quem me lembrava da minha condição.

E se uma doença o levasse? Um acidente ou descuido. E se Deus quisesse apagar de sobre a terra a prova da sua iniquidade? Maria decerto sofreria, mas o tempo é água que lava as dores do passado.

Maria olhava-me como se eu fosse um édito. Eu representava uma obrigação que ela cumpria com zelo, mas sem paixão. A sua ligação a Jesus excluía-me tanto mais quanto mais próxima se tornava, e ao diminuir o meu espaço, quebraram-se os laços e fez-se maior a distância.

Tornaram-se mais raras as noites de amor.

Mas o meu desleixo não dizia respeito apenas às questões do Céu. Todos os dias vivia numa angústia que me ia tomando por dentro, como o invasor o país dos vencidos. Desperto, notava o bater do coração, ele que antes cumpria a sua função sem que disso desse notícia. Dormia mal porque os pensamentos não me largavam, sanguessugas tenazes sorviam-me o descanso e mantinham-me desperto noite dentro, em círculos de pensamentos como rodas girando em volta do seu eixo, sem avançarem no caminho.

Lavava-me pouco, porque nada que dissesse respeito ao meu corpo me interessava. Usava a túnica tempo demais, e os cabelos eram agora crescidos como os dos Essênios. Na oficina os instrumentos permaneciam defuntos, na quietude dos objectos inúteis. Raramente comia, mas bebia muitas vezes.

O vinho sarava a aflição que me consumia, mas pouco tempo durava a cura e, para que esta nunca cessasse, cedo recorria ao remédio e tarde o largava.

A ânforas antigas fui buscar ervas que o meu pai guardara em segredo, porque continham em si o esquecimento. Queimava-as e aspirava os seus fumos até ficar num torpor que me fazia sorrir, porque nessas alturas via coisas que eram doces. Às vezes sucedia o oposto, e tinha visões aterradoras de um Deus irado que sobre mim lançava cobras e gafanhotos, enquanto tomava a minha mulher.

Despertava indisposto, porque tudo me doía. Náuseas tomavam conta de mim, e não conseguia controlar o vômito. No fim, tinha sezões que expulsavam toda a água do meu corpo, e me deixavam abafado em febre e em cansaço. De novo o desejo dos vapores que da cinza emanam e aliviam as dores e o padecer da alma.

Eu era um homem que a si mesmo se apoucava, pois na grande aflição em que vivia não encontrava motivos para apreciar a vida, e todas as horas eram de tortura, excepto quando dormia sem sonhar.

Nada ou ninguém tinha valor, e eu era uma carcaça que os cães descarnam e deixam apodrecer.

Um dia vi a minha imagem reflectida na superfície lisa de um espelho de cobre, e o que nele contemplei era um enigma. A minha face distorcida pela imperfeição do instrumento acentuava o desespero do olhar, o nada em que me tinha tornado. Quem és tu? – interrogava a imagem – porque te moves?

Eu sabia que estava cumprido o meu destino. Jesus fazia-se homem e de mim não precisava. Se eu estava vivo era porque Deus sobre a terra me deixava andar: cão vadio que o dono abandonou.

Inútil mas inofensivo, por isso o Criador permitia que o meu corpo se arrastasse.

Então decidi algo que um homem bom nunca faria. Conte as minhas moedas, completei cálculos, antevi o futuro e, no despontar de uma manhã, fui de encontro ao deserto.

Despedi-me antes de partir. A casa e os seus ocupantes envoltos em silêncio. De fora apenas se ouviam os pássaros mais madrugadores, e o sol ainda mal se anunciava.

Por uma última vez os meus olhos percorreram o corpo de Maria, que o acrescentar dos anos tinha tornado mais redondo. Por momentos enterneci-me ao pensar que também o tempo é escultor, e que no caso da minha mulher tinha trabalhado com cuidado as suas formas.

Depois olhei para Tiago. Pensei que sentiria a minha falta, mas logo afastei o remorso que se anunciava. Talvez nos primeiros dias se entristecesse, mas depois viriam os amigos, as ocupações do quotidiano, e a memória de mim far-se-ia ténue como bruma que o sol dissolve.

Por fim fui ver Jesus, mas no momento de entrar no seu quarto a vontade amoleceu, uma náusea discreta emprestou um sabor estranho à minha boca. Abri a porta devagar. Na ombreira permaneci, enquanto olhava o seu corpo adormecido. Que força me impedia que o estreitasse como a um irmão? O meu destino abraçava o seu por força de um enredo que nos tinha sido imposto. O coração sentiu de novo brotar a zanga, mas ao de leve beijei a sua mão, porque era tão suave a expressão do seu descanso, que dentro de mim senti não poder durar tanta ventura. Virei as costas e parti.

Estava cansado da carga que todos os dias transportava no meu lombo, alfobres cheios de algo que, não se vendo, pesava tanto como a rocha.

Comigo levei um asno, ervas várias e os farrapos de uma existência que se consumia todos os dias num sofrimento vão, e a quem a memória da meninice nada valia, porque se dissolvia como sal em água, se a trouxesse até hoje.

Fui peregrinar a minha existência, errante como tantos da minha raça, na esperança de, conhecendo mais, compreender melhor. A lei de Deus era o dedo que apontava o caminho e tornava coerente a minha vida. Mas Ele em mim a lei quebrara e, se no Senhor não encontrava resposta, onde encontrar a solução para a pergunta que todos formulamos – o porquê de existirmos? Não falo dos povos ou dos homens como um todo, mas de cada um de nós, seres singulares de história única.

Por entre montanhas áridas, amontoados de terra sem servir, moldadas pelo tempo e pelo vento, que com as suas mãos subtis desenham formas

dóceis, procurei os homens vestidos de branco.

Todos nós admiramos quem é capaz de coisas a que nunca nos afoitámos, miragens apenas, porque esses porventura se maravilham com aquilo que para nós é fácil. Porém, aquela gente atraía-me, queria compreender de onde vinha a sua força. Porventura descobrir aí a resignação e, com ela, a paz.

Encontrava-os por vezes às portas de Belém, ou até em Nazaré, pregando ou fazendo curas, em tempos em que eram menos perseguidos. Longos os cabelos, imaculadas as vestes. Em grupos de doze, tantos quantas as tribos perdidas de Israel, seguiam um mentor a quem chamavam Mestre da Rectidão. Jesus alegrava-se quando os via, e parecia ter por eles especial afeição.

A sua crença era interior, pouco tinha de exuberante. Eram ascetas, e no despojamento de tudo encontravam consolo. Eu quis saber se era remédio que me servisse.

Encontrei-os junto ao Mar Morto, onde nenhum ser vivo existe, porque é um canto da terra para onde o Criador não quis olhar.

Das cavernas faziam a sua morada. De nada se alimentavam que fosse carne de animal, porque Deus em todas as coisas está representado, e o seu Templo está inscrito no que criou e não nas obras dos homens. Por habitarem um chão que dava pedra, tendo como horizonte o mar sem peixe, cada um nada tinha que lhe pertencesse, porque tudo era de todos.

Glorificavam a existência quando dela pouco recebiam. Sei que enalteciam o chão miserável que pisavam porque sem ele cairiam na profundidade da terra, e também o sol abrasador porque sem ele não conheceriam a doçura da sombra.

Em tudo viam sinais da generosidade do Senhor, e eu compreendi que pode ser pródigo quem na aparência pouco dá, e grato quem nada recebeu.

Talvez por viverem sós, muito reflectiam e, porque meditavam de olhos postos no chão, a natureza revelava-lhes as entranhas.

Por isso conheciam as doenças e como as tratar. Descansavam as mãos sobre os leprosos, que viam saradas as suas feridas. Para outras doenças e aflições, da profundidade das grutas emergiam estratos de ervas e infusões. Eu pude acrescentar o que de meu pai herdei: raízes e folhas que fazem dormir ou aliviam as dores, e outras ainda que fecham as feridas, ou fortalecem os homens quando chegam a certa idade e lamentam o vigor perdido.

O que diziam era distinto do que eu conhecia. Falavam de um Messias que estava para vir, capaz de reunir exércitos, expulsar os opressores da nossa terra, unir as tribos de Israel e restaurar a sua glória. Desceria dos céus acompanhado de anjos e trombetas. Ao caos impor ordem, às trevas traria

luz e, ao mundo, a paz de que carece.

Mas porquê, pensava eu, essa necessidade de um emissário, quando Ele podia, por si só, impor a ordem? Se nada do que na terra existe é obra de outrem, porque não emendar o próprio a imperfeição que criou?

Junto dos ascetas do Mar Morto encontrei fraternidade; na pureza do deserto e na justeza das suas vidas algum consolo, mas não a chave que buscava. Entre eles senti-me acompanhado, e faziam-me bem, porque estavam convictos.

É bom estar perto de quem acredita, por isso ali permaneci até se fazerem mais fundas as minhas rugas.

Quanto mais longe me encontrava de casa, mais se esbatia a dor que me afligia, porque o esquecimento é bálsamo que o tempo oferece. O ciúme descansava. Não que dormisse profundamente, porque quando a lua no fundo escuro do céu desenhava uma unha eu nela via o sorriso trocista do Senhor, que à noite enviava uma mensagem que só eu compreendia. Até no balido da cabra ouvia uma gargalhada irónica, pelo que desconfiava de que toda a natureza sabia do que me acontecera e, cúmplice com o Criador, de mim zombava.

Não me bastava o deserto porque estava demasiado próximo das minhas memórias.

Na hora da partida desejei-lhes bem. Mais uma vez pela água me purifiquei. Dividi quanto tinha, e parti em direcção a ocidente.

Toda a viagem é uma peregrinação interior. Quis ver as paisagens que dentro de mim construira, os países da aflição e da esperança, rotas de todos os dias, percursos sem mapa. Onde encontrar resposta à pergunta: Porque sou? Viajei até ao conhecimento e à luz, em outros vi a bondade, e por fim cruzei os mares para ser testemunho da força e da arte, mas em lugar algum se dissolveu a minha dor.

O meu destino era Alexandria e a casa do homem que tinha recebido a minha filha. Queria saber que coisas ilumina o farol dessa cidade, e que sabedoria se recolhe nos muitos volumes da sua biblioteca, onde se diz estar guardada a cura para os males da alma.

Fui encontrá-lo só, numa casa com muitos quartos onde, por não haver calor de gente, todos os dias era inverno. Estava quase cego e não me reconheceu.

Disse-lhe ser um homem a quem a vida tinha dado coisas boas: A sensibilidade para apreciar cores, texturas e cheiros, e as combinações de que nasce o belo. Tinha uma mulher a quem amava tanto que bastava a sua presença para que o amor se apresentasse em carne viva e, despido de vestes ou embustes, se apresentava tal como viera ao mundo.

Que a cor das pedras ou da terra me não deixava indiferente. Ou o cheiro

dos animais e seus dejectos. Que a luz da manhã, quando o sol apenas se anuncia, me comove. E que, além disso, não só era dotado de inteligência, como homens cultos comigo tinham conversado e deixado a sua marca.

Porém, com o passar dos anos a minha voz foi-se sumindo, porque os homens imitavam o Criador nos seus desejos e iras, e Deus o homem por igual, até não sabermos o que é obra de um ou de outro.

A caminho da velhice, eu contra o meu Pai me revoltava, porque Ele exigia de mim obediência, sem outro propósito que não fosse satisfazer o Seu desejo. Se somos feitos à sua imagem e semelhança, o caos reina no fundo do universo.

Deus era o acaso, assim julgava eu. Cansado da sua obra, tinha-se retirado para bem longe, desinteressado da sorte das criaturas que concebera, enfiado da sua previsibilidade, ou da sua imperfeição. Ou então via-se ao espelho e achava natural.

O judeu de Alexandria movia lentamente a cabeça em concordância. Tinha perdido quase tudo a que chamara seu. Percebi que a sua relação com o Senhor tinha tido melhores dias, pois os homens tendem a encontrar mérito no que ganham, e a imputar a outros o que perdem. Por isso prossegui.

Deus mostrara-me a sua face. A minha mulher tomou como sua, depois fez-me amá-la para que dela não me conseguisse apartar e, tendo gerado um filho, quis que dele cuidasse. Durante anos deixou que eu vivesse no engano de atribuir a um homem bom o pecado que Ele cometera, e, não revelando o engodo, que lhe falasse do Pai como se fosse benévolo, e lhe ensinasse uma doutrina nova, onde o tirano deixava cair a espada.

Vinha por isso a Alexandria para encontrar a resposta, no caso de ela se encontrar escondida entre os seus milhares de papiros, na multidão de rolos onde está inscrita a sapiência, na esperança de que o farol que derrama a luz sobre as coisas do mar e da terra mostrasse o que não vejo. Queria encontrar uma explicação para o que sofrera para além do que a minha inteligência alcançava.

No outeiro de onde vos falo, os rebanhos recolhem ao curral. Instala-se o silêncio feito das coisas que restam e não se movem. O dia em que o mundo nasceu é interrompido pelo pastor que assobia para trazer até si uma ovelha fugidia. Na alegria do sopro percebo a pressa em chegar a casa, satisfeita que foi a sua jorna. Aguarda-o a gamela de fruta, o leite e o queijo que recompensa quem cumpriu. Do outeiro aceno para o vale, e da minha boca escapa a saudação antiga: "Vai com Deus!", para de pronto me arrepender do que dissera.

Pode o homem, a quem o Senhor espezinhou e com ele brinca, ganhar a

dignidade de homem livre? Encontrar razão para existir, virar as costas ao seu Senhor e ser maior do que Ele, porque mais digno? Essa a pergunta para qual, antes de morrer, queria a resposta.

O velho judeu de Alexandria não sabia.

“Meu amigo” disse, “não sei de onde vens nem porque me procuras, mas quem te deu o meu endereço, decerto se enganou. Eu nada sei que diga respeito aos céus e a quem lá habita. Decerto conheço os profetas e a história do nosso povo, mas, no que a mim diz respeito, apenas concluo que os homens estão sozinhos. Que um jovem vale mais do que um velho, a saúde mais do que a sabedoria, e que no fim da vida todos moramos sós e tristes. A vida sempre assim foi, e o resto é ilusão”.

Eu pensei que os homens confundem a Vida com a experiência que dela têm. Os peixes vivem no mar, mas se a cada um perguntássemos o que é o oceano, todos dariam respostas diferentes, dependendo da segurança que nas águas sentem, e do que aí lhes sucedeu. Nós somos peixes num mar sem água.

No judeu de Alexandria reconheci o desânimo de Salomão, e apiedei-me dele porque já não tinha esperança. No silêncio que se seguiu, pareceu-me ouvir ao longe o casco de um camelo que levava no dorso uma mulher feita de névoa e que, ao partir, deixara mais sozinho o homem que quis conhecer a ausência feita corpo.

Então procurei a biblioteca onde estão armazenados os papiros que consigo trouxera quem aportara em Alexandria.

Curiosa esta cidade. Noutras que conheci, na alfândega colecta-se uma renda. Em Alexandria desprezam o metal, mas exigem que naquele burgo fique o pensamento ou a ideia, o maior tributo que algum viajante pode deixar à terra que o acolhe.

Durante meses percorri as fileiras de escritos. Homens sérios amparavam a fronte na palma da mão, num esforço de reflexão, como se a mente se cansasse e precisasse de um pilar que a sustentasse. Ou pesasse o pensamento, o que não deixa de ser verdade.

Outros moviam os lábios em silêncio, alterando a expressão do rosto de acordo com o que as palavras no seu espírito alegavam. Queimava-se no azeite o pavio, e os homens cegavam no cansaço de ler o que nas sombras da biblioteca mal se via.

Os olhos eram bocas, e a mente a víscera que digere o que deve engordar o pensamento.

A minha alma estava enferma, mas não encontrei ali a cura, pois tudo o que estava escrito era obra do homem.

Quem escreve lembra-me o afogado que desesperado esbraceja para vir à tona. O escritor é isso que faz. Dentro de si, por uma razão qualquer,

escasseia o ar. Então, ofegante arruma o pensamento de acordo com o que as palavras lhe permitem, e assim respira e alivia a sua angústia.

Em vão procurei nos livros sagrados a razão de ser, mas os profetas ignoravam-me. Muitos exortavam a confiar, nenhum a interrogar, porque é certo que virá o dia em que o Salvador se lembrará dos seus filhos.

Como poderia prosseguir a minha busca, se os sábios pedem que à inteligência feche as portas?

Larguei a biblioteca e os homens calvos, de barbas hirsutas, que daí faziam a sua morada. Diz-se que em África há tribos que se nutrem do cérebro dos inimigos. Na biblioteca de Alexandria vi mentes que de outros espíritos se alimentam.

As ruas não eram sinuosas como as de Jerusalém, antes direitas, num quadriculado de geometria coerente. Aí se cruzavam judeus, gregos e egípcios, numa mistura de raças e saberes. Cidade extraordinária, e como tal condenada a arder, porque a sensibilidade nunca foi a arma dos fortes.

Encontrei o cais, porque o meu olfacto é como um mapa, e a maresia é doce para esse sentir.

Antes mesmo de aí chegar avistei o enorme farol que alumia o porto. Erguia-se muito alto esse pilar de oito lados, revestido de mármore, e que dentro contém uma chama que nunca se apaga. No topo a figura de Posidon, de quem Galeno me falara. Sorri porque o vi de novo, de olhos esbugalhados e boca muito aberta, a imitar Cronos engolindo e regurgitando esse seu filho.

Era grande o rebuliço. Pescadores, que pela calada da noite aí tinham aportado, vendiam o peixe numa algazarra de crianças. Mercadores de todos os pontos do Mediterrâneo aproveitavam um balanço favorável do barco para em terra largarem as fazendas. Gregos com cuidado aportavam pedras e estátuas. Escravos e peles de animais vinham de África e, do oriente, madeiras e fragrâncias.

Eu circulava por entre aquela gente, recolhendo da energia e trabalho de outrem seiva nova e entretenimento. Por ali rondava, à espera que chegasse a noite.

Encantavam-me os pregões, os músculos tensos que produziam trabalho, toda aquela agitação que parecia ter um propósito, uma qualquer coerência, um esforço que valia a pena.

Os marinheiros são como o vento, que traz consigo o que longe ouviu.

Quem vinha da Judeia falava de um novo profeta que transformava água em vinho, e que sarava quem nele acreditasse. Chamava Pai ao Senhor que aniquilou Sodoma e afogou crianças no dilúvio.

Eu cerrava os punhos ao ouvir estas histórias. Também eu queria chamar pai a quem me deu a graça de viver, mas como respeitar quem era fonte de engano? Não conhecia esse rabi, mas decerto a ele nada sucedera de semelhante ao que na minha vida foi imposto.

O sol desmaiava e, como se uma nuvem o cobrisse, a luz fechava-se lentamente, no prenúncio pausado da noite que surgia.

A chama que ardia na ilha de Faros tornava-se mais visível quando a lua substituíra o sol.

Sorri ao pensar que ambos os astros são sentinelas que guardam o mundo, e que alternam a sua ronda dia após dia.

As trevas instalavam-se, e a luz da torre que espelhos reflectiam iluminava, quase como se fosse dia, não o mundo inteiro, mas apenas uma parte do chão e outra de mar.

Eu esperava que o farol me mostrasse algo que ainda não tivesse visto, mas na verdade nada me revelou de novo. Enquanto os meus olhos se fixavam no que conseguia ver, pensei que não é muito distinto o espírito do homem. Na verdade apenas compreendemos o que a nossa mente ilumina, mas o que existirá para além do que ela consegue alcançar? Será que o homem compreende Deus através do farol da sua inteligência, e que esta apenas abarca uma parte da Sua obra?

E se Deus não fosse o que vemos, mas o que ignoramos?

Se Ele é tudo, em si abarca a luz mas também as trevas.

Sempre me interroguei porque proibiria o Senhor de comer o fruto da árvore do conhecimento. Depois de muito reflectir, apenas uma razão conseguia alcançar: Se o homem tudo soubesse, o farol da sua mente alargaria o alcance, a noite far-se-ia dia, e Deus surgiria nu.

O Criador vendou os olhos do homem, como virgem que se recolhe de olhares impúdicos.

Mas Ele a mim se mostrou, quando abusou do poder sobre quem seguia a Sua lei. Não que os Seus caprichos fossem desconhecidos, pois que a Abraão ordenou que sacrificasse o filho.

Faria Ele o mesmo se fosse seu?

Como poderá o homem resolver este dilema: Só vemos o que a vista alcança, mas há mais do que os nossos olhos conseguem ver. Compreendemos o que a nossa inteligência decifra, e o que existe para além do que a nossa mente atinge?

Por não compreenderem tudo, os homens aceitam a Sua palavra e Nele confiam o seu destino.

Sentado no cais, de olhos postos no mar, lançava à água pedaços de pão, porque me entretinha a azáfama de peixes grandes e pequenos a disputarem o alimento. Pensei que é assim a nossa vida, uma luta ente maiores e

menores, em que os fracos vivem na esperança de que O poderoso se erga do céu e assim sejam vingados.

Os peixes não se interrogam, apenas existem. A sua vida decorre de acordo com o acaso das circunstâncias. Os homens são peixes que vivem do ar, mas na minha vida o Senhor ao caos juntara uma desordem maior, pois não mais poderia acreditar num Deus justo.

O farol de Alexandria não me ajudara a compreender. Virei-lhe as costas. E, se do ocidente não me podia servir, parti para oriente. Será possível encontrar na terra o segredo dos céus? Não sei, mas onde procurar senão no que conhecemos?

As águas estavam calmas e o embalar do barco fazia-me adormecer. A luz que apregoava o porto ia perdendo nitidez até não mais a avistar, enquanto me apartava de Alexandria e da sua sabedoria, como se o brilho das ideias lentamente se consumisse, e eu mergulhasse na escuridão.

Passaram muitos dias até alcançar o meu destino, e no embalar do barco me esquecia do que buscava, porque eram mais prementes as náuseas e os perigos e na viagem pouco tempo tinha para pensar. De certa forma fez-me bem, porque a angústia é prisão sem paredes nem guardas, mas de todas a mais segura.

O vento levou-me onde eu procurava ir. As correntes, suas irmãs, quando despertavam sorriam no mesmo sentido, e os braços dos homens fingiam que ordenavam. Empurrado pela natureza e pela vontade cheguei a Damasco, a cidade enfeitada de palmeiras que se alongava por uma vasta planície, para acolher gente de todos os pontos da terra.

Da Índia vinham poderosos elefantes, enormes massas de músculo e submissão conduzidas por gente magra que, com um ferrão, lhes imprimiam o medo que os homens têm das abelhas.

Vindos de África rugiam os animais ferozes por que Roma ansiava. Da China chegavam caravanas de gente delicada que atravessava com infinita perseverança as infundáveis estepes da Ásia, e que consigo traziam os tecidos transparentes que não escondem, antes revelam com subtil fineza as formas das mulheres e que, no meu peito saudoso de prazeres, me lembrava o vidro que não esconde a cor do vinho.

Diz-se que os diáfanos tecidos provêm de plantas que só naquela terra existem, membranas subtis, vestidos de árvores que riem como ninfas, mas outros afirmam serem teias urdidadas por pequenos animais, lagartas rastejantes capazes de babarem obras de arte. Chamam seda ao tecido que as mulheres de Roma e seus maridos, e os amantes por igual, muito apreciam.

Para a China vai o ouro, para Roma o dourado.

De leste surgia gente que lê as estrelas e que afirma estar o futuro inscrito

no firmamento. Senhores do abecedário do céu, mudam o destino das gentes que habitam o mundo.

Para dominar o além, é preciso mandar na terra. Os magos do oriente, profundos conhecedores dos engenhos que o mundo esconde, ao combinarem certas poções faziam soltar-se delas, sem que surgisse espantosa chama, uma enorme fumarada, que deixava surpresa toda a gente.

Se os pés pisavam a terra, já a mente aspirava outras alturas, e nas suas vestes pintavam o céu quando a noite é limpa e um enxame de estrelas a festeja. Na cabeça equilibram um chapéu enfeitado por uma lua. É curioso como os homens, quando querem ostentar o que os transcende, na cabeça empoleiram algo que lhes não pertence: Os reis uma coroa, os fariseus a sua indumentária. A ninguém basta ser o que é.

Perguntei aos homens barbados, vindos do oriente, se nos astros conseguiam ler o meu destino. Acenaram que sim. Depois estudaram o céu, e com varinhas de vidro mexeram poções. Analisaram números, espreitaram resultados. Pediram mais tempo para perscrutar a noite. Aos mais novos exigiram vigílias e insónias. No fim olharam-se espantados, tocaram-me a cara, apertaram-me a mão e confessaram a sua confusão. Nunca tinham visto nada assim, e afirmavam que no futuro eu não seria olhado como homem.

Afastaram-se abanando a cabeça enquanto confiavam a barba e, pesarosos, murmuravam palavras de desânimo, em dialecto dos céus.

Não entendi o que queriam dizer, mas quem sabe se no firmamento estão inscritas as Suas acções e desejos, ou se Ele altera os movimentos dos astros e no negro da noite escreve o que dita?

Eu sou homem e perante vós o afirmo. Amei a minha mulher como qualquer outro: em parte com o coração, e o resto com o que o corpo contém. Nasci de minha mãe, filho do desejo do meu pai. Sofri dores do corpo e a tortura lenta da suspeita.

Do meu espírito nasceram pensamentos impuros, embora poucas vezes tenham as acções merecido reparos. Aprecio o que a vida me deu, e lamento o que me retirou. Nada me distingue dos outros judeus.

Afastei-me dos magos e da astronomia. Não me parecia que do firmamento pudesse vir a paz que ambicionava, ou a explicação do meu lugar no universo.

Procurei outras fontes de sabedoria, para outros pontos da terra me voltei. Vida vã, que não se contenta em apenas existir, antes ambiciona ir para além do que basta aos animais: andar dia após dia com uma pata que a outra se segue, em equilíbrio instável, para diante.

Um jovem que por terra caminhava, ao saber a minha origem, disse

haver na Galileia um homem sábio, capaz de grandes feitos, e que parecia entender para além do homem comum, a quem ensinava com grande amor e temperança.

“É possível que procures o tesouro em terra alheia, quando ele se encontra a teus pés.”

Tomei nota do que me dissera, mas a minha vida enriquecia-se com paisagens tão diversas de cores e crenças, que depressa me esqueci da confiança de um jovem que, por ser novo, ao improvável dava ouvidos.

Povos que vêm da Índia falam de uma religião ou filosofia que prega a compaixão e a prática da virtude, e são tão pacíficos que ninguém alguma vez lhes viu arma ou má disposição. Recolhem-se em mosteiros que são coroas que encimam montanhas onde o vento relincha.

Diz-se serem capazes de se imolar pelo fogo para provar a sua fé. Enquanto ardem, sentados no chão, são tochas breves, vidas num instante consumidas, e da sua boca não sai lamento ou queixume. Gostei da paz que nos seus olhos traziam e da bondade dos seus sorrisos, mas não me parecia que homem algum se devesse destruir, porque é grande o privilégio de existir, excepto se o remorso exige pena máxima.

Também Deus se apresentou a Moisés como uma tocha, mas essa não se apagava como os monges que, depois de imolados, mais não são que cinza que uma mão contém.

Eu gosto do espectáculo da rua. De observar os homens como eu. Sentir-lhes o cheiro, analisar as cores. Nas rugas da face imaginar o passado, no brilho dos olhos o que esperam do futuro e, no fim, entre tantas gentes de costumes diferentes, descobrir uma humanidade apenas. Existe uma língua universal, porque os olhos choram por igual sem que o sentimento exija mapa.

Entre eles, eu era apenas um velho judeu que perdera a sua família. Percorria agora o mundo à procura da paz que vem de perceber porque quis Deus, para mim, certo destino.

Nesta viagem perdia lentamente a minha identidade. Eu que vivera da tradição tornara-me aberto aos costumes de outros. Tinha crescido avesso a entender o mundo dos gentios, mas compreendia agora que quando dois homens se sentam frente a frente são a imagem um do outro. Notei que o meu povo era visto com o mesmo tipo de reserva com que nós olhamos para quem nos é estranho.

Percebi que ninguém mora longe, pois tem o seu vizinho por perto. Que o medo vem da ignorância e que perante a diferença o bicho foge ou mata, mas que a desigualdade só existe porque homem não conhece o seu irmão.

Cansei-me de filósofos e de estrelas, despedi-me de magos e budistas.

Uma vez mais passei a mão pela sensualidade da seda, e pasmei perante um monstro enorme com um chifre apenas. Aspirei do ar as fragrâncias que vinham de todos os pontos da terra: incenso da Índia, perfumes da Pérsia.

Guardei tudo na memória e parti para Roma, pois na minha peregrinação já tinha experimentado a sabedoria, mas não sentira o poder.

Para um carpinteiro, Roma não é apenas uma cidade, mas tudo o que a imaginação produz. Vi aquedutos e pontes, estradas e teatros, arenas gigantescas e toda a espécie de monumentos em que as pedras se unem e não mais se separam quando às cinzas do vulcão se oferece a água.

O fogo e o seu oposto, uma vez casados, não mais se separam.

Pelo empedrado das ruas apinham-se as pessoas, e são tantas que os carros estão proibidos de entrar pela cidade. Escravos e homens livres, gente de todos os cantos do mundo, cruzam-se num quotidiano febril. As faixas de púrpura distinguem os homens importantes dos que não contam.

Mulheres passam acompanhadas de dois escravos que carregam ao pescoço o anel de metal que lhes marca a condição. Fêmeas trazendo à trela homens poderosos, que outros subjagam e usam como servos.

Sensualidades distintas: Damasco conhece-se pelo olfacto, Roma pelo tacto. Por mim passaram senadores, visitei monumentos, assisti a corridas, lutas e teatro, e julgo que Roma não durará para sempre.

À sua habilidade presto a minha homenagem. À sua força pago tributo, às suas leis obediência, mas quase tudo o que de notável ali vi aos gregos era devido.

Eles ensinavam as artes e o pensamento. A educação, a música e a literatura. Tudo o que era original ou sábio exprimia-se em grego, mas os senhores não eram eles, porque é mais forte o engenho do que a arte, e pode mais quem constrói do que quem cria.

Se os patrícios de Roma entregavam aos Gregos o exercício do pensamento, para si guardavam a actividade de outras partes do corpo.

Para um judeu criado nos ensinamentos da Tora, resguardado das mulheres e do que a sua figura em nós provoca, Sodoma ou Gomorra eram exemplos de virtude quando comparadas ao espectáculo dos romanos.

Nas suas casas as paredes estão adornadas com a imagem de actos de que ninguém fala, por apenas o pensamento ser mais íntimo. Homens entretêm-se por igual com rapazes ou raparigas, sem que isso ofereça crítica ou reparo. Um corpo de face imberbe é um brinquedo, e as crianças cedem o seu corpo aos apetites de tutores e mestres.

Eu olhava aquele espectáculo, e a memória trouxe até mim o soldado alarve que no mercado de Belém clamava por Maria.

De novo o ciúme ocupou o meu ventre, uma náusea indefinida abaixo das costelas. Decerto não me enganei quando julguei que Maria corou ao virar a

cara, e que os seus olhos foram lentos a afastarem-se dele, como quem queria saber mais. Não me lembro de lhe ter despertado igual atracção, não creio que o seu coração tenha por mim corrido desenfreado, como naquele momento em que à rapariga apeteceu o homem, o seu cheiro e suor, e sobretudo a vontade de nele despertar o desejo que não se controla, porque a vida é sublime e a ela tudo se dobra.

Em cada soldado via a imagem da minha fraqueza. Nos braços deles invejava a força, no peito a resistência, enquanto olhava para os meus músculos flácidos, a pele que descorava, o peito que, envergonhado, em si mesmo recolhia. Qualquer um a podia ter tomado, qualquer espírito viril a teria atraído bem mais do que eu.

Estes pensamentos sugavam-me o alento. Descaíam os ombros, escasseava a vontade. Eu ia ficando mais fraco até que surgia, avassaladora, a ideia de que a morte era iminente. Então o ar não chegava e respirava mais depressa, cada vez mais fundo, numa aflicção ofegante, até desatar a correr fugindo ao medo, empurrando quem se encontrava no meu caminho, como se uma onda gigantesca me perseguisse num pesadelo acordado, até atingir exausto o meu quarto.

Roma não me trouxe a paz, nela nada aprendi. Fiquei doente, vesti-me de negro, e como sempre acontece aos homens quando precisam de conforto, regresssei à infância.

Precisava de me lembrar de quem gostara de mim. De novo sentir a mão do meu pai, ou o sorriso da minha mãe. O deserto parado, como um mar cor de ocre. No silêncio da tarde uma ovelha que balia. As mãos no barro, os dedos deixando escorrer as aparas de madeira da oficina do meu tio. Voltamos sempre aos mesmos portos.

Havia lá em casa uma serva que aí permaneceu enquanto fui criança. Tinha por mim especial afeição, e à sua sombra descansava, pois sabia que havia um oásis de afecto se por acaso dele tivesse sede.

Um dia, ao perceber que me fazia homem e que para ela olharia de outro modo, pediu a meu pai que a libertasse e partiu numa caravana para a terra dos magos. Ao despedir-se, prometeu que iria dizer às estrelas que cuidassem do meu destino. Porventura se esqueceu, ou os astros não a ouviram.

Mas era a memória de Galeno que mais vezes abria as portas da minha infância.

Desta vez era eu que o iria visitar. Atravessei urbes e terras até avistar o mar. Percorri a costa até encontrar um porto. Esperei até ver um barco, e nele me fui até pisar a Grécia.

Visitei Corinto, cidade de marinheiros e mercadores. No alto, o templo de Afrodite com as suas mil sacerdotisas, que ao cair da noite desciam à cidade

e vendiam os seus corpos a homens sedentos, cansados de mar.

A memória da mulher, da sua pele, boca ou outras partes, tem a solidez da nuvem. Também o amor, primo do desejo, assim é, mas com ele não se confunde, ou pelo menos, nem sempre.

No meio do vinho, da sórdida gargalhada que imita o choro, de novo ouvi falar de um rabi que nas margens do rio Jordão perdoava os pecados e exultava os fracos. Dele se dizia que trazia uma nova esperança, que aproximava os homens da ideia do amor.

Corinto não era cidade para mim, e se é certo que também eu, sendo viajante por terra e por mar, ali matei a sede, nada encontrei que me trouxesse a paz.

Parti para Atenas em busca de Galeno. Não o achei, mas as divindades de que falava ainda lá permaneciam.

A cidade era um espelho do céu. Em cada esquina um templo, em cada rua uma estátua, e na minha memória todas as facécias daqueles deuses feitos pedra que, encobertos pelas nuvens e a distância, repetem, sem nunca aprender a lição, os erros dos humanos.

Em cada praça um filósofo indagava o caminho certo. Discutiam de que somos feitos ou se a felicidade e a virtude são o mesmo. Interessavam-me as longas conversas em que as palavras eram gládios em praça, a esgrimir razões desencontradas. Porém, no fim restava a melancolia, e a minha doença ficava por curar.

A razão não satisfaz o corpo por inteiro.

Não estava sozinho em Atenas, Galeno encontrava-se a meu lado. Aqui ou ali, ao avistar um templo ou um pedaço de paisagem, ouvia de novo a sua voz, cicerone sem canastro, mas tão presente na minha alma que iria jurar por vezes sentir o seu braço envolto no meu.

Chorei ao recordá-lo. Pedi que me ajudasse a silenciar a dor, protestei que tivesse partido, acusei-o de me ter deixado órfão. Perguntei-lhe como viver o resto da minha vida. Mas ele já não estava lá, e nem sempre a memória responde às questões que hoje se apresentam.

Deambulei pelas ruas de Atenas muitos dias.

Certa tarde, parei hesitante à porta de uma sinagoga. A nostalgia fez-me companhia, e por ali fiquei, cheirando as origens. Judeus cumprimentavam-me sem entenderem muito bem o que fazia eu ali, mendigo de costas voltadas a quem passava. Gostei de me sentir parte de uma tribo, e entrei.

Falavam de um rabi que pregava na Galileia. À sua volta, dizia-se, gente de todas as idades ficava presa da sua palavra. Era mestre de cabelos longos, olhos doces e voz serena. Da sua boca saíam frases tão belas que apetecia chorar a quem as ouvisse. Curtas as parábolas, mas tão perfeitas na forma e na ideia que mereciam ser guardadas para sempre.

Diziam que o jovem rabi falava, para quem o escutava, como se narrasse histórias a crianças, pelo que todos entendiam o que tinha para dizer. Usava a língua dos pobres, e afiançava que é dos pequenos o reino dos céus. À sua volta muita gente se juntava. Chamavam-lhe profeta, e perguntavam se era o Messias porque todos ansiamos.

Com grande entusiasmo, um jovem rabino que trazia consigo sinais de outras paragens afirmava ter ele próprio assistido a factos improváveis, curas onde outros tinham falhado. Defuntos voltavam a viver, leprosos saravam as suas feridas, e até a natureza inerte ao mestre obedecia, como se ele tivesse entre mãos as rédeas da existência.

Dizia-se que de um peixe tirava mil, e de um pão outro tanto.

Que falava muitas línguas e silenciava os lobos.

Que caminhava sobre as águas e estas lhe obedeciam, como um bicho que ao ver o dono esconde os dentes e se acalma.

Que por sua ordem a peçonha recuava, os paralíticos andavam, e os cegos tornavam a ver quando ele cuspi nos seus olhos.

Não me interessei demasiado, pois pelo mundo já tinha visto muitos magos e curandeiros e não me parecia que o rabi da palavra fácil trouxesse algo que me servisse.

Mas o jovem discorria sobre obras mais ousadas. Afirmava que Ele tinha falado em público com uma samaritana sem cuidar que era impura, e lhe tinha pedido água e afirmado que sendo Deus espírito, em espírito deveria ser adorado, e pouco importava o local da oração.

Muitas outras coisas foram ditas naquela sinagoga pelo jovem chegado da Judeia. Falava desse mestre com tal entusiasmo que todos nós nos esquecíamos do tempo, porque ouvíamos a voz da esperança.

O novo profeta falava de um Deus desconhecido, esquecido da cólera, promessa de paz. Como conciliar a fúria aniquiladora de que falam os antigos, com a palavra de perdão que anunciava o rabino?

Fiquei surpreendido, com a vaga sensação de que alguém me tinha roubado o pensamento. Aquilo que aos meus filhos tinha ensinado com tanto temor, o rabi ousava dizê-lo impunemente, sem medo de ofender a fariseus e saduceus. Temi por ele.

Ao ouvir falar do novo profeta, voltei às paisagens da terra perdida, onde em surdina ensinara o que agora proclamava este rabi. Senti o cheiro da minha casa, o ruído dos pássaros em volta de Maria, as palavras que surpreenderam os meus filhos por serem contrárias à tradição.

Chegou a saudade. A vontade de pisar terra conhecida, paisagens incrustadas nos meus olhos. Agarrar as memórias. Havia agora uma razão mais para voltar. Este rabi de que falavam anunciava um Deus novo, feito

de tolerância e paz, em tudo diferente Daquele que o povo temia. Se assim era, e dado que nada pode mudar o intemporal, era possível que o Deus irado tivesse junto a si um filho em tudo diferente no carácter, e que ocupava agora o lugar que o seu Pai deixara vago.

Por isso, voltei ao princípio, inverti a caminhada. De novo enfrentei vagas, ao vento pedi auxílio, tomei por guia as estrelas, e a todos roguei que devolvessem o meu pai.

Quando finalmente na Judeia aportei, eram brancos os cabelos que restavam. O meu corpo, pela terra reclamado, para ela se curvava. A minha magreza acentuava a idade, porque a pele dos braços e pescoço pendia, cansada do tempo que vivera.

Por onde fui perguntei pelo rabi que não temia trazer até si mulheres impuras. Onde estava aquele que aos cegos restituía a visão, e aos paralíticos o andar?

Por onde passava, todos o conheciam ou dele tinham ouvido falar, mas parecia antecipar-se à minha vontade, pois partia antes que o conseguisse alcançar.

Segui o rasto da sua palavra como o meu pai em tempos fizera com os odores. Percorri o deserto e escalei montanhas, cruzei os lagos e atravessei os rios, no rasto da sua fama o persegui, até avistar as portas de Jerusalém.

Percorri as ruas da cidade na busca do rabi, como tinha feito quando Jesus se perdera na festa da Páscoa. Desta vez todos sabiam dele, e não apenas os cegos. Dedos e bocas apontavam no mesmo sentido, pelo que estuguei o passo, e foi na casa do Senhor que o encontrei.

Na minha memória estava muito viva a dor que me dilacerara de uma vez que ali estivera, quando Jesus, perante os doutores, se incomodara porque o fôramos procurar.

“A casa de meu pai.” A frase que mudara a minha vida continuava a habitar dentro de mim, como alimento indigesto que provoca mal-estar e não nutre. Naquele mesmo local, a voz de Jesus, ainda criança, juntara-se à dos profetas. Explicara a Lei, esclarecera pontos obscuros, evocara as palavras de Ezequiel e Zacarias, mas não as minhas, porque eu não era importante.

Esse sonhar acordado, para onde nos transporta o enleio de diálogos imaginários, foi interrompido quando, por entre escribas e fariseus, vi surgir uma mulher que dois homens arrastavam, como se faz às crianças que resistem. Debatia-se, presa dos braços que a lançaram no chão como um despejo.

Na face dos fariseus que a seguravam permanecia um sorriso irónico, e nos olhos o brilho de quem está prestes a fincar a presa. Moviam-se com a ansiedade dos predadores de dente afiado, que vêem no pescoço da vítima a

veia que mais sangra.

De onde me encontrava não conseguia ver as feições do Mestre. Enxergava apenas as costas de um homem ainda novo, pleno de força, vestido de branco, com os cabelos longos como usam os Essênios. Rabi seria, mas não como os outros.

“Esta mulher foi encontrada a cometer adultério. De acordo com a lei de Moisés deverá ser apedrejada. Tu o que dizes?” E entreolhavam-se satisfeitos, na antevisão do embaraço de quem não tinha saída.

“Adultério.” A memória de uma noite já distante. Em Nazaré, um carpinteiro aguardava tremendo de desejo que a jovem esposa se desnudasse. Acaricia-lhe a pele, beija-lhe os cabelos. Sente crescer dentro de si a força do homem que faz jus à criação. A mão que desce ansiosa para colher o fruto pára atônita, perante o inexplicável.

“Tu o que dizes?” insiste o fariseu.

O rabi ajoelha-se. Eu vejo apenas um dorso que se curva, mas percebo que, no pó que cobre a laje, escreve algo que faz recuar quem lhe está próximo. Nos sulcos que o dedo cria, surgem na sujidade do chão os nomes dos que o rodeiam. Em cada palavra inscrita, o resumo de uma vida.

Os homens trazem nas mãos as pedras do carrasco, mas agora elas pesam como rochas. Nos braços caídos ao longo do corpo, a visão do desalento ou da fraqueza. A mulher vandalizada que se debatia no estertor do desespero está agora suspensa, presa da palavra do rabi. Atônita, olha em volta lentamente, sem perceber porque recuam os homens que instantes antes a queriam apedrejar, e por que motivo se abre à sua volta uma clareira de paz.

O rabi ergue-se. No templo faz-se o silêncio no anseio da sentença. Mas ele primeiro suspira como quem quer descansar, ou retomar o fôlego depois de fadigas e desganhos.

Apesar do cansaço que se adivinha, fala com a voz tranquila de um dono, seguro do que comanda.

“A terra, a terra acusa”, pareceu-me ouvi-lo murmurar. Depois, com voz firme sugeriu:

“Aquele que, de entre vós, estiver sem pecado, seja o primeiro a lançar-lhe a pedra.”

De novo se curva e no chão continua a escrever, e a lista faz-se maior a cada instante que passa.

Primeiro afastam-se os mais velhos, porque em certa idade cai a cabeça quando o exige a consciência. Recuam depois os mais novos, porque não chegaram ainda os dias dos remorsos que persistem. Uns e outros começaram a abandonar o templo, até que a gota se fez rio, e era estreita a porta por onde saíam. Diminuiu o rumor das vozes que comentam, e o

espaço era ocupado pelo eco dos passos de quem foge.

Abandonada no chão, restava a presa, refém da palavra do rabi.

“Ninguém te condena?”

A mulher baixou os olhos como quem se sabe culpado.

“Nem eu te condeno. Vai e não voltes a pecar.”

De novo me invade a memória do meu amor por Maria. Sobe como maré o mar que o nosso corpo contém, e deixo escapar um soluço, porque nada posso perante o sentimento que me devasta, e a imagem cruel de uma curva que no ventre se desenha, da noiva prenha antes de ser minha.

“Ninguém te condena?”

Eu não, ou pelo menos nem sempre, ou não por completo, que mais culpado é Alguém cujo nome tem letra grande e no pó não se escreverá, sem que o vento, como servo que acorre pressuroso, de pronto o apague para que se não saiba.

A mulher cobria a cara, a vergonha e o remorso. Ele levantou-a do chão, como se faz a quem tombou, e sem usar da palavra, mandou-a embora.

No templo, dois homens: o rabi e eu, que o observava sem ser notado.

Os seus gestos eram lentos, como se carregasse um fardo difícil de suportar, e nos ombros repousassem mil cansaços.

Eu estava preso daquela figura, e na minha cabeça, como pedra atirada ao fundo de um poço, ecoava a sentença: “Quem não está em pecado...”

Ainda não lhe vira a face, mas decerto teria a expressão de um homem que outros homens respeitam. Fiquei quieto, à espera que me achasse.

Foi então que pressentiu a minha presença e para mim se voltou. Por instinto baixei a cabeça, porque me senti servo, e ele amo. Tocou-me ao de leve no ombro como se me quisesse conhecer. Batia forte o coração naquela ansiedade que estanca o pensamento.

Acatei a ordem que o gesto traduzia, até que os nossos olhos se encontraram.

CAPÍTULO VII



Deus meu, porque me desamparaste?

[Mateus 27:46]

Mente quem diz que o amor liberta.

Ninguém do ventre de seu pai nasce, ou do seu peito se nutre. Porém, é dele que recebe o alimento de que carece o espírito, e no seu ensinamento cresce, de forma que se pode dizer que se da mãe recebe a vida, ao pai deve a razão, e para um homem vale mais esta do que aquela, porque sem a segunda a primeira de nada serve.

O amor é desigual por natureza. Só o narciso se enamora de si mesmo. Sendo assim, e desejando nós quem é diferente, com paixão vivemos a existência de outro ser. Eu e ele somos distintos, como poderia o sentir de ambos ser igual?

Os seus olhos eram um espelho onde a minha face se mostrava. Vi-me gasto, e no chão tombei sob o peso das memórias.

Ele no pó escrevera o nome de outros homens, como se os gravasse em pedra de sepulcro, e eu de rojo fiz-lhes companhia, pois ao olhá-lo, me enterrava vivo.

As suas vitórias eram a minha derrota, e o seu sucesso o meu fracasso, porque tudo o que nele lembrasse o divino, em mim recordava a condição terrena.

Conhecia aquele sorriso, a serenidade que o possuía, a tristeza vaga que o habitava e, ao reconhecê-lo, a foz se fez nascente.

A caminho de Belém, uma jovem que um jumento embala nas mãos rodeia o ventre e, por instantes, de si liberta um suspiro, que de pronto abafa na vergonha da dor que se oculta. No estábulo, animais grandes e pequenos vêem interrompidos os seus momentos de repouso pelos gritos lancinantes de uma mulher que de seu corpo outro expulsa e no processo se rasga e fere, como se de um combate se tratasse.

Nascimento de que foram testemunhas bêbados e meretrizes. O filho do Criador brota de um vômito de sangue e, envolto em fezes e urina, abre

caminho por entre a carne de sua mãe. A intimidade dilacera, destruindo o templo.

De volta a Nazaré, entre um punhado de casas que montes áridos escondem, um carpinteiro ao filho ensina a arte, e todas as outras coisas que é de prudência aprender.

Alma sofrida, como é comum aos artistas que em tudo envolvem o sentimento, antes mesmo de recitar a Tora ele revela à criança tudo o que a vida lhe oferece, e de que se servem os sentidos, pois se era grande a zanga contra o Criador, muito desfrutava da Sua obra: o voo das aves que sem pressa pairam em círculos por cima das montanhas; o sol quando se põe no deserto e pinta o ar de cores que os homens não conseguem imitar.

Há medida que o filho cresce, mestre e aluno se confundem. A criança recita os profetas como se com eles tivesse convivido. Mas o pai não cabe na estreiteza das vozes do passado, e ao seu filho apresenta formas novas de olhar a mão que se estende do homem para Deus, e faz de cada um o sacerdote do seu templo.

Recusa a tradição que impede o pensamento e que de homens maduros faz crianças, pois serve na mesma gamela o medo e o amor.

Inventa um Deus novo, que habita dentro de nós quando estamos em paz, num entendimento com os dias que já foram e tudo o que nos rodeia ou sucede.

No entanto, nos seus assuntos o Senhor se imiscuiu, e perturbou o equilíbrio entre o céu e a terra. A honra de um filho Ele manchou, e condenou-o à tortura do imaginado.

Jesus levantou-me do chão e sacudiu as minhas vestes. Depois sobre os meus ombros apoiou as mãos, enquanto os olhos tentavam decifrar, em cada ruga ou expressão, o enigma do homem que fitava:

“Quem és tu que no rosto trazes as marcas do vento e nos olhos o mar? De onde vem tanto cansaço e a vontade escondida de morrer?”

Quem somos não o sabemos em pleno, nem os outros o poderão dizer com segurança, pelo que ninguém de pronto deverá responder a essa questão. Demorei por isso a responder à pergunta que ainda hoje me enfrenta, porque temo ser apenas a vontade de Outro que caminha.

“Senhor, um homem a quem Deus ofereceu a graça de amar e, ao fazê-lo, por igual o perdeu. Em mim vivem a noite e o dia em eterna guerra. Pelo mundo me fui para fugir à dor que me consome. Ouvi falar de ti e dos teus prodígios, mas sobretudo que da tua boca saem palavras novas e outro sentido da existência, por isso aqui vim, já que não consigo aceitar sem entender.

De ti ouvi o que há muito penso, como se a tua voz emergisse do passado,

tal como os cânticos que o vento arrebatava do deserto.

Mas percebi que nem sempre é isento o teu juízo, pois diz a Lei que hoje quiseste esquecer (e interrogo-me do motivo de tal lapso...), que não é só culpada a mulher que comete adultério, mas o homem que com ela habitou. Onde está ele, que o não vi? Eu te digo, porque o sei: assim como uma mulher não pode ter mais do que um marido, nenhum filho tem dois pais, nem a ambos serve por igual.”

Depois de dizer isto, invadiu-me a tristeza de muitos anos, pois desde que Jesus nascera não mais pude ser feliz. E foram tantas as lágrimas e soluços, que o mar dos meus olhos lavou as lajes como a chuva que consigo arrasta vidas, e se apagaram os nomes que no chão estavam inscritos.

Ao ver que não durava o que à terra tinha ditado, nos olhos de Jesus nasceu a melancolia. Talvez temesse não persistir a sua obra, pois compreendeu que estão contados os dias em que a memória de nós perdura. Morremos, e por instantes vive ainda a nossa imagem, que o passar dos dias vai esbatendo até restar um nome e pouco mais.

Mas de si mesmo não se podia ocupar, pois eu chorava a minha existência com tal dor, que Jesus se apiedou de mim. Pediu que o seguisse, porque se à sua ordem os cegos viam, e saravam os leprosos, juntos iríamos encontrar o bálsamo para tristeza tão profunda que até ele suspirava, como se dela fizesse parte.

“Na verdade assim é”, disse-lhe, “porque enquanto estavas longe sempre me fizeste companhia, e os nossos destinos não se apartarão, tal como o homem não se afasta do acto que cometeu, porque se foi bom será doce a sua memória e para ele torna quando quer consolo, e se for mau o remorso o habita e não consegue fechar-lhe a porta”.

Nos seus olhos li o espanto de quem compreende o enigma, no seu corpo o movimento que aproxima quem se ama, e nos lábios a pergunta que não chegou a ser proferida, porque não o permiti.

Não sou um homem mau, antes súbdito do sentimento. O coração em mim cavalga e põe o freio, no meu flanco incita ao movimento. Por isso, antes que o filho falasse, estanquei a sua boca num beijo tão intenso que saí do templo exausto. Fora de portas o sol derramou sobre mim o seu calor, com a generosidade de quem dá sem fazer contas.

Vós que me ouvís, ficai a saber que a luz de que tanto gosto tombou no horizonte. A noite instalou-se, e faz-lhe companhia o frio, manto da morte. Tal como o dia chegou ao fim, também a minha história caminha para o ocaso. Acompanhai-me no declínio, porque me sinto muito só.

Foram tantas as viagens e privações, tão gastas estavam as minhas sandálias de correr por este mundo que, como pedra que pela encosta rola

sem se deter, continuei a caminhar, mais por inércia do que por vontade. Por isso segui os passos de Jesus na Galileia, e do que aí verifiquei sou testemunha. Outros, que nunca lá estiveram, desses dias falarão.

Tal como no deserto, é também de areia o chão que borda o lago Tiberiades. Aí escolheu doze homens, nos seus ombros pousou as mãos e chamou-lhes mensageiros. Junto aos Essênios Jesus aprendeu a forma, pois do mesmo modo se organizam nas grutas onde fazem domicílio.

Entre eles estava Tiago, seu irmão e meu filho, e tinham entre si tal devoção, que me comovi ao ver a amizade que os unia. Porém, de ambos me escondi, pois seguiam o seu caminho e eu era estranho a esse enredo.

Nunca soube se Jesus alguma vez revelou ao seu irmão que no templo ouvia uma voz que soava a infância, que ela o beijou, e que o passado estava ainda quente. Creio que não, pois há coisas que para a paz dos homens é caridade não se revelarem.

Como poderia eu justificar a minha ausência? Falar da dor que me divide, fazê-lo juiz de algo que o transcende? Tiago amava a mãe e o irmão. O pai era apenas uma memória vaga: fragmentos de voz, certos momentos espalhados pelo tempo, como pedaços de uma ânfora quebrada. O vento o levara para o deserto, e este, cioso de quem lá mora, não mais o devolveu. Morto por ladrões, pelas feras devorado, qualquer que fosse o seu destino, o meu fim era exemplo de justiça nesta terra.

Gostaria de o abraçar, nas minhas mãos acolher as suas, explicar-lhe o afastamento, pedir-lhe que me perdoasse a viagem, pois partira numa peregrinação da alma e o caminho era paisagem de dentro, mais do que cenário que os meus olhos conseguiam alcançar ou o meu corpo percorrer.

Filho querido, quando entenderás o que busca o homem quando a si mesmo se procura?

E tu, Maria, como poderias compreender que a paixão é carcereiro feroz e irredutível? Mente quem diz que por amar nos libertamos. Nada mais queria eu na vida do que saber-te apenas minha.

Amor: é verdade que a árvore à minha mão cede e se deixa afagar, como se eu a possuísse e ela ao seu amante se entregasse. Mas não leste nos meus olhos o pedido? Eu não chorava a tua pele ou o teu sexo, embora ambos também, se assim quisesses. No meu coração aguardei pelo sinal de que me querias mais do que ao Deus que dentro de ti entrou, porque à tua frente estive, e de joelhos.

E, no entanto, com a tua presença me contentei, como se olhar-te bastasse para justificar a continuidade dos meus dias, até à hora em que, na tua ausência, me invadiam os fantasmas do corpo que outro devassara.

Para longe de ti quis desertar, livre enfim, e de mim senhor.

Todas estas coisas chorei sozinho, porque sou homem, e a minha mente

faz-me companhia quando não tenho por perto quem entenda o meu discurso. Esgotados os soluços, consumida a minha voz, em torno conseguia olhar.

Além do irmão, Jesus tinha por perto homens banais, quase todos iletrados, ou sabendo apenas o suficiente para ler a Tora, mais ocupados com o trabalho que os dias reclamam do que com a ociosidade de fariseus e saduceus, que justificam a sua vida ditando a outros como devem existir.

Um deles me intrigou: Judas Iscariote, responsável pelas moedas, e de quem sempre me senti próximo. De todos os homens que seguiam Jesus, era o que me parecia mais puro, porque nas palavras nada lia que não tivesse sido dito, e por isso lhe chamavam ingênuo. Falava sem que os seus olhos cruzassem os dos outros, não por timidez, mas porque o seu discurso era perturbado se alguém o interrompesse, e o olhar também serve de argumento.

Parecia espantado com o que o mundo lhe oferecia e, quando não entendia algo, sobre si mesmo girava, como um pião lançado por uma criança. Por vezes a ansiedade apoderava-se dele e, desejoso da liberdade dos pássaros que não cismam porque o vento os transporta para onde devem ir, agitava os braços em jeito de gaivota, como se quisesse ir para longe, e fossem asas os seus membros.

Os gestos não tinham graça e, quando falava, o timbre lembrava as cordas da roldana que do poço içam a água. Porque não tinha malícia, era de todos o mais vulnerável e, sempre que podia, dos outros se afastava. Era puro o amor que tinha por Jesus, embora não entendesse o que as parábolas contavam, pois para ele semente é semente e ovelha é ovelha, e ninguém de carne feito se lhes assemelha. Por isso, quando Jesus falava em metáforas, para que todos compreendessem o que dizia, Judas era alvo de troça pois nunca a sua mente atingia o significado implícito do discurso.

Sempre que podia, a ele me juntava sem revelar a minha origem. De todos quantos o rodeavam, talvez fosse o que melhor conhecia a forma como o seu espírito laborava, pois era-me fácil regressar ao país da infância.

Outro dos discípulos era Simão, irmão de André, pescadores na Galileia.

Aquele tinha um barco e disso se orgulhava, porque lhe dava certa importância e, embora se afoitasse contra ventos e correntes, sabia-se que por vezes lhe faltava o ânimo quando a verdade devia afirmar. A coragem do corpo e do espírito são irmãos que nem sempre se conhecem.

A maior dificuldade dos homens é contar o enredo da sua vida, tal qual ele se apresenta. No entanto, a pedra que é lançada do alto sempre tomba, porque nada na vida resiste às forças que a movem. Porquê pretender que as pedras voam ou, no relato que fazemos daquilo que nos sucede, alterar a

voz dos dias?

Além de Judas e Tiago, acompanhavam Jesus os filhos de Zebedeu: João e Tiago, que de seu pai herdaram pouca temperança, e eram por isso chamados filhos do trovão, nome bem posto a quem, sem consequência, muito se exalta.

E ainda Filipe, homem de pouco entendimento, com quem Jesus era paciente ao explicar-lhe o significado do que dizia, mesmo quando tal era claro para todos.

Também Bartolomeu, Tomé e Mateus, o cobrador de impostos, e Tiago, irmão deste, e mais Tadeu e Simão o Zelote, assim chamado porque não ouvia nada ou ninguém contrário à sua ideia.

Doze são as tribos de Israel e em igual número os discípulos mais fiéis. Mas junto a eles caminhava outra gente que queria ouvir a palavra de Jesus, homens e mulheres, o que muitos estranhavam.

Era gente simples, que em tudo via a mão de Deus, desde um ano de má colheita ao coice de uma mula.

Também os entendo, porque onde será que Ele não coloca o dedo? Se à Sua vontade imputamos a punição justa, porque não Lhe atribuímos a sorte de quem é rico? Em suma, onde se exerce o Seu juízo? Se apenas no céu, como punir após a morte o infeliz que na terra desesperou por O não achar? Se também na terra Ele se anuncia, vos direi que é iníquo, pois sofre muito homem bom, e por vezes regozija quem neste mundo mal pratica.

Melhor seria, para haver ordem, que nos assuntos da terra não se intrometa porque, caso o faça, onde se encontra a liberdade? Por outro lado, se nos deixa o livre arbítrio, para que serve orar por uma bênção? Se Ele a atender, no jogo interfere, alterando o curso de uma vida, tempo finito e insignificante, naquilo que devem ser as contas de quem reinou, e reinará, para todo o sempre.

Está na natureza do homem pedir, mas estará na natureza de Deus oferecer?

Pobre de mim, porque o Senhor, ao me dar a maldição de reflectir, Dele me afasta. Quando mais penso, menos vejo Nele que transcenda a humanidade, senão na criação daquilo que os homens não conseguem fazer, como a luz de uma manhã no mês de Maio.

E, no entanto, aquele que ninguém vê, em mim assinalou a sua presença. Furtou quem mais amei, deu fruto por enxerto, e fez-me cuidar da vinha que plantou.

De Jesus ouvi palavras justas, como se ele fosse da alma carpinteiro e da madeira tosca de onde viemos nos ensinasse a transcendência, ou como transmutar o carvão em diamante.

Magos do oriente, ou crentes de outras fés, nada sabeis comparado com

este homem que, vindo da mulher, por outro ser foi feito. Não olhem o firmamento, nem derramem o sangue dos vossos sacrifícios. Que pueril resposta, que infantil solução para o que nos atormenta! Por acaso julgam que quem no céu tudo pôs em movimento atrasará o andar de uma estrela porque um borrego sem cabeça jaz no altar do vosso templo?

“Em verdade vos digo”, assim começava a sua pregação, e como a todos dava esperança, muitos se interrogavam se seria ele o Messias. Mas Jesus evitava contestar, e suspendia a resposta enquanto desenhava os passos da sua existência. O que lhe sucedia muito se aproximava do que disseram os profetas sobre Aquele que havia de chegar. Mas por vezes não era claro se a profecia se cumpria ou se, por sua vontade, Jesus repetia, no palco da vida, o enredo outrora escrito, e actor e autor se confundiam.

Todos queremos regressar a casa. O lugar onde crescemos é parte do nosso corpo, esqueleto que por fora nos sustenta. O berço reclama-nos sempre, como ama-de-leite que não esquece. Em Jesus crescia o impulso de voltar a Nazaré, tocar aqueles com quem partilhara a infância, os amigos e a família, pois a salvação deve primeiro chegar aos que estão próximos.

Por vezes Jesus cansava-se de ensinar os homens, e de ser por eles pouco entendido. Por isso cruzou montanhas e navegou desertos, numa canseira à procura do sossego. A vida daquele homem a minha prendia e, como caçador que persegue a presa, à distância o segui.

Também eu necessitava de descanso. Percorrer caminhos conhecidos, cheiros e sons familiares, paisagem que outrora habitara. Procurava a tranquilidade do que se conhece, porque a busca incessante da resposta leva ao abandono da pergunta, o que é, em si mesmo, uma derrota.

Porém, algo mudara naquela aldeia onde nada hoje acontecia que não tivesse antes ocorrido. Tinham morrido alguns dos meus vizinhos. Mulheres tinham envelhecido como fruta que apodrece, dando origem a filhas que exibem o seu viço, mas que aguardam, sem que disso se apercebam, o destino de quem as precedeu.

Tinha estado fora muito tempo, e não podia imaginar como se transformavam as feições de quem gostava. Era surpreendente ver amigos esculpidos pelo tempo, nem mais belos ou mais sábios. Decerto de mim diriam o mesmo, se soubessem quem eu era. Aliás, por muito que me doesse, era prova disso mesmo que comigo se cruzassem sem inquirir onde eu estivera, pois lhes eram estranhas as minhas feições, por fora mudado, como aqueles bichos que em cada estação trocam de pele.

Como um ladrão, da rua espiei a minha casa e o que lá dentro se vivia. Reprovei no meu íntimo a escolha de certa serva. Notei que a porta

precisava de reparo, e que carecia de obra o murete do terraço. Eu, que por vontade própria me excluía daquele convívio, gostaria de ter algo a dizer e, na impossibilidade de exercer o meu juízo, ou de me achar dono do que já não me pertencia, ao céu erguia o punho, e afirmava que o Criador era um salteador de estrada que, emboscado no infinito, me roubara a paz.

Uma tarde, Maria saiu para o mercado. Alargara-se a cintura. As ancas que noutros tempos dançavam ao ritmo das ondas afagadas pela brisa, eram agora mais pesadas, no cansaço ou sossego de quem a terra para si chama. Nem me notou, mas nos seus olhos já não vivia o brilho irresponsável da infância. As pálpebras que se fecharam ao passar da penumbra para a luz revelavam os sulcos que a idade prenuncia.

No entanto era bela, daquela beleza que não grita mas sussurra, feita da sabedoria que os anos trazem e que dentro de si contém a capacidade de amar mais, porque a ilusão partiu, mas não morre o desejo de encontrar o abraço que nos une, enquanto a vida escorre.

Transparente como a alma, assim parecia eu ser, pois por mim passava indiferente a gente que a memória me tinha usurpado, porque naquela terra era tido por estrangeiro, e em mim apenas viam um dos muitos que seguiam o rabi, na esperança de matar a sede da verdade.

Se um dia alguém falar sobre o que nesta época sucedeu, vão-me esquecer, pois ignoram que a tudo assisti.

Convém-me que assim seja, pois seria testemunha de uma história de que não queria ser actor, antes espectador que do anfiteatro sofre e ri, enquanto assiste ao enredo que outro ditou e vê no teatro declamado.

Tal como eu, também Jesus não foi feliz quando tornou à terra onde cresceu, pois se falava de coisas justas poucos lhe davam crédito, já que o viram menino, e ninguém dá valor a quem pela sua mão aprendeu a caminhar.

Faz-se de uma criança um juízo definitivo, ainda que o futuro revele o oposto da impressão que na infância ela causou. Mais tarde despe a timidez e revela a ousadia, o egoísmo cede à bondade. Quantos ignoram que a borboleta antes de resplandecer na sua graça era verme que pelo chão se arrastava? Para muitos a mente é como barro queimado, e não assume novas formas a ideia a cuja sombra repousa a consciência. No entanto, não é assim, porque o Senhor ao soprar instilou vida, que é o mesmo que mudança, em cada dia que passa.

Ao ouvi-lo, muitos se indignavam, pois julgavam conhecer o seu pai e sua mãe e, ao saber que o fruto não cai longe do ramo que o sustenta, não acreditavam que aquele homem falasse muito para além de quem o tinha ensinado.

“Mas não é este filho de José o carpinteiro?” E a resposta não a poderia eu

dar, quando no meio da gente que se juntava para o ouvir, a interrogação se repetia entre a dúvida e a censura:

“Não é, este, filho de José o carpinteiro?” E a minha boca secava porque não podia gritar-lhes a resposta. Doía o meu peito, pois a verdade não podia ser revelada sem que morresse a dignidade de um homem, que tem a honra presa à da mulher que desposou.

“José o carpinteiro.” Pouco sabiam de mim, até porque se vendam os olhos quando assumimos como verdade o que são apenas convicções, como se fosse sólido o pensar. A mente, ao esquecer-se do que é feita, assume a vaidade do que é seguro.

Não estranhei. Desde criança, a minha mãe em mim pouco acreditou.

Que poderiam saber, excepto que o suor do meu trabalho e as mãos do meu talento se transformavam no leite que à noite os aguardava? Eu, mero artesão, não era digno de nota, apenas um ponto de passagem incapaz de conter verdades ou ideias, um fazedor de portas por onde se entra ou se sai, conforme o sentido que lhe queiramos dar.

Quem de mim viesse não poderia falar com tal sabedoria, pois não se espera fruto viçoso de árvore tão vulgar.

Gostaria de poder arremessar contra a ironia o peso do que vislumbro. O arco da minha seta calcular certo, porque é bem mais exacto o que eu penso do que a ilusão dos incapazes que me apoucavam. Mas é certo que os meus argumentos ficariam aquém do alvo, porque se os entendessem iguais a mim seriam, e não me tratariam com desprezo.

Jesus não permaneceu muito tempo na sua terra. Escorre pelos dedos o pensamento que a mão da inteligência não contém. O que ele anunciava à gente simples, nem mesmo os letrados entendiam. “Aqui não sou profeta”, foram as suas últimas palavras, antes de partir para Cafarnaum, na margem do Mar da Galileia.

Eu tinha esgotado o tempo das viagens. Desistira de viver o trilho do passado. Por uma última vez me fui. Tomei o caminho de Jerusalém pois lá poderia recomeçar o meu mister, e na madeira repousar as minhas mãos. O que a minha arte perdera em sensualidade ganhara em outras formas, porque o que na vida nos sucede deixa impressão perene na obra que construímos.

O tempo molda o homem, o vento as montanhas, o rio as pedras que lhe servem de enxerga. Tudo é barro, eu diria, só muda o artesão.

Nas minhas obras o meu íntimo se revela. Quando era novo, emprestei noites fogosas a quem nas minhas camas se deitava, porque usava madeira de muita seiva para que o sangue do inerte ao vivo emprestasse mais calor. Não me julguem generoso, pois aos outros dava apenas o que a mim me

sobejava, porque os olhos e os dedos, o olfacto e até o gosto reuniam-se festivos no banquete do sentir, e quem das migalhas da minha mesa se servisse em boa verdade enfiava, pois muito sobejava do banquete da minha juventude.

Agora encontro-me inútil como homem. De novo impúbere, que a vida, como uma nora no seu eixo, de novo se acha no princípio. O meu membro pende quase vão, com um préstimo apenas, excretando o que não serve, mudo ao que mais importa.

Gritam os meus olhos e mãos para que desperte, mas mantém-se surdo ao meu desejo, e ao das mulheres que me olham com ironia e esperam receber, pelo empréstimo do seu íntimo, o preço justo. Amputado de poder, que não de desejar, sofro duas vezes, e nem do meu corpo sou já mestre.

Que sonhem lágrimas os homens que adquirem os meus leitões, porque é maior o preço que pago ao fazê-los, pois sei que neles se irão esgojar em prazeres a mim vedados.

Corre o tempo em direcção à morte, e leva consigo o meu ser quase sem uso. São mais lentos os meus passos, rangem os ossos, e a terra parece reclamar o que de mim resta. Como a presa do leão que, ferrada pelo pescoço, lentamente se abandona na tranquilidade de quem depõe o desespero, também em mim se aquieta a zanga, à medida que se fazem menos lúcidos os meus dias e se apaga o juízo e a memória.

Com a idade morre o entusiasmo e o apetite, que são irmãos do mesmo sangue. Hoje pouco me interessa o que aos outros desperta exaltação, excepção ao impulso do amor, porque esse faz nascer a vida, e é fria, escura e húmida a morte, e me desagrada a noite e o inverno.

Nesse ano, quando em Jerusalém se preparava a festa da Páscoa, foi grande o alarido junto às portas da cidade. Homens e mulheres agitavam ramos de palmeiras e aclamavam um homem montado num jumento: “Hosana ao Filho de David”, e ao chão arremessavam as vestes para que ele lhes passasse em cima, enquanto outros cortavam ramos de árvores, e os espalhavam pelo caminho que levava ao templo.

Perante quem ignora, enche-se de soberba aquele que sabe, por isso não deixei de informar o meu vizinho, homem débil e recluso: “É Jesus, o profeta de Nazaré na Galileia”.

Ele quis saber porque vinha o rabi montado num jumento.

“Assim fazem os reis que vêm em paz, porque um cavalo é animal de guerra, e o asno de labor, pois a roda da nora só gira quando os dias se seguem calmos.” E mais lhe disse que o homem de Nazaré cumpria as escrituras, palavra por palavra, pois Zacarias tinha anunciado a chegada de

um Rei humilde montado num jumento.

Estava incrédulo o meu vizinho, e disse-me que de rei não tinha a aparência. Então baixei os olhos, pois no disfarce tinha gasto toda a vida.

Está fria a noite que caminha para o seu fim. Buraco negro de um poço silencioso e, se a ele deitares uma pedra, responde-te o eco fundo que atemoriza e lembra as vozes que de outro mundo até nós se erguem. Assim é o meu discurso.

Para fora de Jerusalém parti, e a raiva no lugar da tristeza se instalou.

Que tinha eu a ver com o que ali acontecia? Do Outro ele reclamava a inspiração, mas na verdade fora eu que a sua mente preparara. Enquanto ele crescia, onde estava o seu Pai? Que caminhos lhe mostrou? Onde Lhe ouviu o filho a palavra, ou experimentou o Seu exemplo? O seu pai era o nada, o vazio do ar que sobre as nossas cabeças paira.

“Ó Deus! Tu que és a ideia, a palavra, o ser e a sua ausência, para parte incerta te partiste. O Teu filho ignoraste e, retirado para as profundezas do universo, rressonas o sono feliz dos sem remorso!

Ninguém mais Te viu, desconheço a Tua morada, e só os mortos, mensageiros sem retorno, a Ti chegam. Tu és o grande autor: presente em todo o lado, mas em lado algum visível.

A voz da esperança não é Tua. Da boca do Teu filho, além do que lhe ensinei, apenas se ouve a fala dos profetas. Ele é órfão de pai, mas crê que é de ti que vem a sabedoria com que espanta o mundo, no delírio daqueles que muito desejam o que nunca tiveram.”

Mas a raiva não pode durar sempre. E quando a zanga da mente se despede, porque o furor não realizou obra ou desmando, deixa então como filhos laivos de tristeza, que não exaltam, antes amolecem, a vontade e dão ao homem o desejo de morrer.

Aquietado na resignação do impotente, voltei a Jerusalém onde ouvi falar dos desacatos que Jesus fizera no templo, derrubando quem fazia o câmbio, provocando muita exaltação, porque por ser Páscoa se acolhia em Jerusalém gente de muitas nações, e era desigual o valor das moedas que ao serviço do templo entregavam.

Os cambistas prestavam bom serviço aos fiéis. Mas Jesus de novo cumpria as profecias como se seguisse instruções, servo obediente das palavras do passado, pois Zacarias havia dito que não haveria mais comerciantes na casa do Senhor.

Era para mim claro o seu motivo: Jesus reclamava o espólio! Decerto a sua mãe lhe dissera de quem provinha e, embora o seu destino tivesse sido entregue ao cuidado dos homens, aos escritos antigos ele voltava, pois se era filho de tal pai, a terra e o céu reclamava como herança e, cumprindo as

profecias, nos seus passos estava escrito o testamento.

Ao dia se segue a noite. Morre o verão para que o sinistro inverno se apresente, desfaz-se em ruína a fortaleza do passado. A juventude cede à velhice, e o amor à indiferença. É hoje escravo o que ontem foi rei, porque é volúvel o parecer dos homens.

Eu não estava presente, mas disseram-me que foi à noite que o vieram prender.

Judas Iscariote desceu à cidade. Foi interrogado pela autoridade e, como a qualquer pergunta sempre respondia com verdade, pois era assim que tinha sido ensinado, e era de entre os homens o mais crédulo, indicou-lhes o local onde Jesus permanecia em vigília. Ademais, atemorizara-se, pois que entre os romanos havia também fariseus e saduceus, homens de grande poder e sabedoria, e todos o interrogavam do mesmo modo. Judas à autoridade obedecia, pois cumpre ao homem servir a ordem.

Pela calada da noite Jesus foi preso e interrogado. Pelos da sua raça julgado indesejável, pois as suas palavras eram vento que atiçava o fogo. Entre os escravos há sempre um favorito que, por ser a sua condição superior à de outros servos, esquece os grilhões que o prendem. Assim era o sacerdote que, em concílio restrito, entregou aos romanos o melhor da sua gente.

Pela manhã compareceu Jesus perante aqueles que ontem o aclamavam, e hoje o insultavam e pediam a sua vida. Gritavam mais alto as mulheres, que em tais ocasiões fazem pela boca sair as vísceras, cuspido o fel que acumularam. Conhecem bem a humilhação e o desprezo, pelo que lhes é fácil, vendo alguém caído, sobre ele derramarem a oferenda do seu quotidiano.

À vista de todos o açoitaram, pobre homem de costas desnudas, o tronco dobrado sobre um cepo que lhe servia de amparo. Igual à cobra na forma e assobio, o couro golpeava o ar para se afundar na carne que fendia.

Parecia o chicote ter vontade ao desenhar linhas que se cruzavam, como a rubrica de um escriba que na pele feita papiro com crueza inscreve a sua força. À volta do homem que gemia, juntara-se uma turba que os soldados continham, para que se mantivesse desimpedido o palco.

Sobre os presentes caía a chuva de sangue que daquele corpo se soltava. Os que se encontravam de vista obstruída esticavam os pescoços na ânsia de testemunhar a dor, enquanto as crianças aproveitavam as migalhas de espaço e as mulheres lhe cuspiam com a ferocidade do servo que se vingava.

Dele troçaram os soldados. Com uma manta velha o cobriram, como se de túnica se tratasse, e na sua cabeça enterraram uma coroa de espinhos, enquanto pendia do pescoço uma placa de madeira que o anunciava como

rei, e dos judeus o salvador.

Tenebroso é o espírito dos homens. Porque não alcançam para além do chão rasteiro? Os seus olhos não se elevam mais do que os pés e é pobre a sua mente, erva daninha que de outras se alimenta, roubando sem criar. Porquê penar por esta gente, ou sofrer por quem pouco se aparta de uma besta?

Eu estava à porta de minha casa quando o vi passar para o lugar da morte. Cediam os seus ombros a uma trave de madeira. Caminhava curvado como um velho, mas vi nos seus olhos a infância.

Tinha a expressão de espanto de um menino, porque quando a vida começa é-lhe estranha a amargura. Por vezes fechava as pálpebras como quem comanda o sonho. A face distendia-se e adoçava a expressão. Estou certo que se via de novo a correr pelo campo com o entusiasmo da descoberta, enquanto os bichos se curvavam ao seu desejo. Na cara a brisa que refresca e, sobre o corpo, o sol ainda suave da primavera que aquece sem doer.

Não durava muito a ilusão, porque cediam as pernas sobre o peso do alforge que no lombo carregava. Os joelhos feriam-se no lajedo e riachos de sangue embebiam os seus passos, para gáudio da muita gente que o seguia.

Riam-se como bacantes as mulheres, homens à sua passagem praguejavam, na satisfação dos ébrios de boca vil. Jesus olhava em volta na aflição da presa que a matilha cerca. O meu menino chorava, porque suportava nos ombros a pena mais severa e não compreendia porquê.

Aproximei-me para o ajudar, mas um soldado impediu-me que o fizesse. No entanto, reconheci na trave que o seu corpo carregava a lenha de minha casa. Nada me é estranho no que à madeira diz respeito, e conheço a minha arte.

Nos ângulos do barroto estava o cunho do meu formão e, na face do corte, os sulcos da minha serra que aí ferrara o dente. Jesus transportava o produto das minhas mãos. Nas suas costas acrescia o peso da minha dor, a angústia do meu destino, a melancolia da minha vida. Todos os objectos que eu criava estavam impregnados do meu sentir. Por ironia vingava o filho e não o pai, aumentando o meu remorso e o meu espanto.

Alguém troçava de mim, e pelos meus pecados outro pagava, sem que nenhum de nós o desejasse. Jesus era inocente, e sob o peso da minha obra se dobrava. Rompia-lhe a pele a angústia do meu sentir e a melancolia funda do desespero, que a madeira de mim sorvera.

Numa vertigem invadiu-me a memória do meu pai apesado pelos odores, gritando loucuras em noite de insónia, arrebatado por demónios que o tomavam. Como um louco que dor insuportável acometia, também eu

rolei pelo lajedo agarrado ao meu ventre, incrédulo pelo fim que o Senhor me destinara. Em quem se vingava Ele? Em mim, mas também no seu filho, prova da sua gula.

Atrás de Jesus fui, a sua agonia testemunhei. Li nos olhos a esperança de que ao erguer-se a cruz, e nela o seu corpo esquartejado, o céu fendesse e uma legião de anjos rompesse por entre as nuvens no arrebatamento de quem resgata.

Mas as feridas não saravam, e a força escorria lentamente, arrastada pelo sangue que descia e pelo suor feito de sal, que ao beijar as feridas, mais ardia.

Estava alto o sol, e também se elevava o seu corpo, exposto no cimo de um outeiro, à voracidade dos homens e das moscas.

Maria abraçava a cruz como se a quisesse subir e por suas mãos libertar o filho tão amado. Decerto não compreendia como fora possível este fim, e no seu íntimo amaldiçoava a noite em que plena de inocência a tomara quem tudo sabe e tudo pode, e a enganara com promessas de grandeza. Propusera-lhe um fruto doce, hoje apodrecido, prestes a ser de vermes o repasto.

Por um instante a mãe olhou o filho, que sobre o fundo do céu desenhava um perfil com asas. Não se pede a um pássaro que sustenha o voo. Ela sabia-o, por isso, antes que caísse o vento, soltou um gorjeio de quem perde, ou se despede.

Jesus afogava-se no azul do céu, e o seu peito desistia. Ofegante como quem tem sede e sorve o ar. Depois aquietou-se, e foi num último suspiro que me pareceu ouvi-lo murmurar: “Meu Pai porque me desamparaste?”

Então o meu peito ganhou força. Quis correr para ele, dizer que estava presente, chorar o meu pedido de desculpas. Agitei os braços no esforço de voar, mas os meus pés do chão não se soltaram, e invadiu-me o remorso por tê-lo deixado só.

Filho por mim abandonado. Não ouviu a minha voz, a minha mão não tocou a sua. Morreu só o filho de dois pais.

Chegou ao fim a noite. Ouve-se um latido distante vindo de onde o sol se ergue. Outros respondem, em tons distintos, numa saudação desarmónica à luz de um dia que desperta.

Aqui onde me sento, Judas Iscariote se enforcou. Disseram-lhe que tinha sido ele a causa da morte do seu senhor. Olhou-os espantado, pois cumprira as ordens que lhe deram, como sempre lhe fora dito que fizesse.

Mas os outros discípulos assim não entenderam e, como se fossem exemptos de culpa, bateram-lhe sem que ele cuidasse porquê. Mandaram-no embora, deixaram-no só.

Judas não entendia este mundo. Fingiam ser fortes os tibios, e apregoavam a pazos coléricos.

Acabava numa cruz o que era doce. O seu corpo pendia para terra, tratado como escravo ou ladrão. O Messias era sangue amassado de coisa nenhuma. Animais vadios repartiam o filho de Deus.

Judas fugiu e num tronco de árvore se enforcou, não porque lhe doesse a alma de remorso, mas porque entendeu que não era vassalo deste mundo.

Ao vento entreguei a minha história, o mesmo que o corpo de Judas embalou, naquele movimento de pêndulo, ou de berço. Pobre criança que decidiu fazer de si um fruto, suspenso da árvore que é minha testemunha.

Terra azeda, coberta de pedra e pó. Tanta cruz em chão de coisa nenhuma. Será cemitério de estrangeiros o pedaço de mundo de onde vos falo. Aqui Judas morreu, porque aos olhos dos homens nada valia o judeu que reclamou todos os tronos.

Estrangeiros todos nós, porque esta terra é de Deus, e Ele não permite que do nada se faça gente, sem que nesta vida se lhe pague o tributo.

Deus onde está? Não o vejo, mas o seu dedo remexeu a minha vida.

Ele é a criança que põe pedras no caminho de um insecto, e o obriga a seguir outra vereda. Sorri com malícia infantil e julga-se forte, pois o destino do bicho foi por sua vontade alterado.

O Senhor tudo destrói. Se a minha vida esventrou, para a sua mulher decretou a mais dolorosa de todas as punições: ser testemunha da morte horrenda do seu filho.

Maria olhava o céu como marinheiro preso à linha do horizonte. Este busca ver, interrompida pelo perfil quebrado das montanhas, a fronteira que separa a terra do mar. Ela mirava mais alto, na esperança de que se abrisse com estrondo o infinito e da profundidade surgisse o som ensurdecedor das trompas celestiais, que anunciariam o retorno do seu senhor.

Dos céus desceu apenas o silêncio, interrompido pelo canto triste dos pássaros que sempre lhe fazem companhia.

Deus ao seu filho permitiu a tortura, a humilhação e a dor, e fê-lo acreditar na palavra dos profetas. A quem, senão a ele, estaria destinado o poder de salvar o seu povo?

Eu vi extinto o mensageiro de seu pai, e dos céus não veio a justiça anunciada.

Morte inútil de um homem bom, pois foi exemplo de ser a verdade punida neste mundo, enquanto colhe fortuna o que faz o cálculo e o que oculta.

Cai sobre mim a nostalgia, e eu desta vida vou partir.

Quando era criança, nasceram na minha mulher feridas que não sararam. A sua voz perdeu a harmonia. Instrumento que esqueceu a melodia. Como um ébrio, tornou-se hesitante o seu andar. Desmoronou-se o seu corpo, e logo a sua mente, tomada pela loucura, invadida por demónios que lhe feriram o juízo. Tornou-se incoerente o seu discurso e profana a sua boca, ela que antes honrara o silêncio.

Sei o que me espera, a que fim o Criador me destinou. Ele comandou a minha vida como se eu fosse de madeira, boneco que criança move como quer.

Senhor te digo: Comandaste os meus passos, mas não a minha mente. Feitas as contas, se a ti devo o que na vida apreciei, não quero ser no fim o que perdeu.

Um homem não adia o seu dever. Contigo vou-me encontrar e, hoje mesmo, junto das almas que nesta vida por Ti choraram, irei protestar a minha ofensa e juntar-me àqueles que desejam, na terra como no céu, um outro Rei.

Birre, 25 de Dezembro de 2012

Bibliografia

Esta é uma obra de ficção. Um ensaio sobre o ciúme e os dilemas que a vida coloca ao homem quando este aceita a existência de um Criador que é, em simultâneo, bálsamo e dor.

Porém, nem mesmo a fantasia nasce do etéreo, e estamos condenados a construir sobre o que alguém já erigiu. É esse o sentido desta bibliografia, fonte de inspiração ou conhecimento.

Não fiz dela o sustento de uma tese, nem pedra de arremesso contra a Fé.

António de Macedo: *Cristianismo Iniciático*. Ésquilo, 2011.

Bargil Pixner: *With Jesus through Galilee according to the fifth Gospel*. Corazin Publishing, 1992.

Bíblia Sagrada. Edição comemorativa da visita de Sua Santidade João Paulo II a Portugal. Verbo editora. 1976

César Vidal: *Jesus, o Judeu*. A Esfera dos Livros, 2011.

David Klinghoffer: *Why the Jews Rejected Jesus*. Three Leaves Press, 2005.

Efraim Rushhansky: *O Palco da História. As Raízes Judaicas do Cristianismo*. Jerusalém, 2005.

Evangelhos Apócrifos. Editorial Estampa, 2005.

Fernando Abecassis: *Uma Biografia de Jesus. Análise da Sua Vida como Homem*. Tribuna da História, 2005.

Geza Vermes: *Quem é Quem no Tempo de Jesus*. Texto Editores, 2009.

Henry Daniel-Rops: *Daily life in Palestine at the Time of Christ*. Phoenix Press, 2002.

James D. Tabor: *The Jesus Dynasty*. Simon & Schuster paperbacks, 2006.

Karen Armstrong: *The Bible. The Biography*. Atlantic Books, 2007.

Mike Beaumont: *The one-stop Bible Guide*. Lion Book, 2006

Mike Beaumont: *The one-stop Guide to Jesus*. Lion Book, 2010

Miriam Feinberg Vamosh: *Daily Life at the Time of Jesus*. Palphot.

Miriam Feinberg Vamosh: *Food at the Time of the Bible*. Palphot.

Miriam Feinberg Vamosh: *Women at the Time of the Bible*. Palphot, 2010.

Oded Borowski: *Daily Life in Biblical Times*. Society of Biblical Literature, 2003.

Paul Johnson: *Jesus, a Biography from a Believer*. Penguin Books, 2010.

Philip J. King, Lawrence E. Stager: *Life in Biblical Israel*. Westminster John Knox Press, 2001.

Ralph Gower: *The New Manners and Customs of Bible Times*. Moody Publishers, 2005.

Richard Elliott Friedman: *Who Wrote the Bible?* Harper One, 1997.

Rose Book of Bible Charts, Maps and Timelines. Rose Publishing, 2005.

Tim Dowley: *The Kregel Pictorial Guide to Everyday Life in Bible Times*. Kregel Publications, 1999.

Victor H. Matthews: *Manners & Customs in the Bible*. Hendrickson Publishers, 2010.

Table of Contents

[Ficha Técnica](#)

[ABERTURA](#)

[CAPÍTULO I](#)

[CAPÍTULO II](#)

[CAPÍTULO III](#)

[CAPÍTULO IV](#)

[CAPÍTULO V](#)

[CAPÍTULO VI](#)

[CAPÍTULO VII](#)

[Bibliografía](#)